

DEPOIMENTO: CARLOS SPEROTTO, PRESIDENTE DA FARSUL

OUTUBRO/99 - Nº 610 - ANO 55 - RS 5,00
www.agranja.com

a granja

A REVISTA DO
LÍDER RURAL



PORTE PAGO
1198
1198-00-1198

Gente de peso
na festa de entrega
dos Destaques
A Granja do Ano



AGRICULTURA DE PRECISÃO

EXPOINTER/99

O que foi a maior
feira da
América Latina



NO CAMPO,
TEM DIA CERTO
PARA PLANTAR
A SEMENTE,
DIA CERTO PARA
PÔR O
FERTILIZANTE,
DIA CERTO
PARA COLHER
E DIA CERTO PARA
DAR OS PARABÉNS.

12 de Outubro, Dia do Agrônomo.

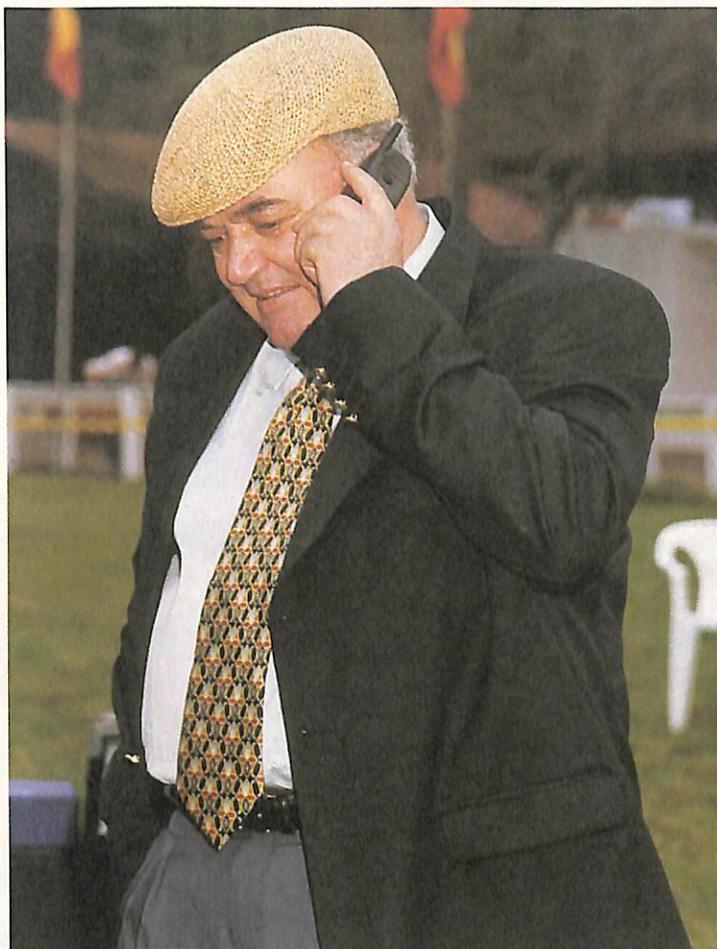


Liderança aglutinadora

No período que antecedeu a Expointer 99, o segmento agropecuário do Rio Grande do Sul viveu dois momentos extremamente delicados: a invasão da Fazenda Capivara, em Hulha Negra, cidade vizinha de Bagé, pelo Movimento dos Sem-Terra (MST); e a ameaça de boicote das associações de criadores à feira. Liderados pela Federação da Agricultura do Rio Grande do Sul (Farsul), os pecuaristas furaram o bloqueio do até então intransigente Governo Estadual e obtiveram uma das mais importantes vitórias políticas das últimas décadas. Eles conseguiram junto ao Instituto Nacional de Reforma Agrária (Incra) a garantia de que os índices de lotação pecuária no pampa gaúcho serão revisados, fato esse que finalmente o executivo estadual decidiu apoiar. Mas os dois episódios tiveram um final feliz. A fazenda foi desocupada, a Expointer se realizou normalmente e ambos os lados começam a desenhar um relacionamento que promete ser duradouro.

Nessa “queda de braço” com o poder público

estadual, um nome merece destaque, o do presidente da Farsul, Carlos Rivacci Sperotto. Ferrenho defensor do segmento agropecuário gaúcho e nacional, há décadas Sperotto vem participando ativamente dos movimentos que buscam melhorar as condições de renda dos produtores. Antes de assumir o comando da entidade, Sperotto presidiu a Comissão Nacional de Crédito Rural, em Brasília. Nesse período, ele conseguiu uma vitória importante: aproximar ainda mais o segmento dos parlamentares. A última grande cruzada desse médico veterinário e produtor rural, de 61 anos, foi liderar o “caminhãoço” que invadiu a capital federal, no início de agosto último, exigindo a revisão dos débitos dos produtores para com o governo. Este episódio teve repercussão internacional. Nesta entrevista à revista *A Granja*, Sperotto, que também preside o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar), fala de seu trabalho no comando da entidade e discorre sobre temas como dívida agrícola e reforma agrária.



Carlos Sperotto, presidente da Federação da Agricultura do Rio Grande do Sul (Farsul), líder do “caminhãoço”: nosso movimento não foi contestatório, mas de afirmação

P — O que o sr. classifica como grandes conquistas nestes três anos em que está na presidência da Federação da Agricultura do Rio Grande do Sul (Farsul)?

Carlos Rivacci Sperotto — Tivemos grandes avanços nestes três anos, mas a maioria deles tem origem na época em que eu era diretor-financeiro da entidade. Dentre os trabalhos que considero mais importantes, estão os Comitês Setoriais, que es-

tão nos auxiliando na busca do entendimento de toda a cadeia produtiva agropecuária do Rio Grande do Sul. Nesse pacote, entram temas importantes, como os programas Carne de Qualidade, de Desenvolvimento da Triticultura etc. É preciso destacar, também, a importância do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar) e do Serviço de Apoio às Micro e pequenas Empresas (Sebrae) nos trabalhos de difusão tecnológica e no treinamento dos

produtores rurais, através de cursos e palestras realizados por seus técnicos. O sincronismo entre as três entidades vai trazer, a médio prazo, um desempenho altamente satisfatório no desenvolvimento e capacitação dos produtores rurais.

P — Que avaliação o sr. faz do “caminhãoço” que invadiu Brasília no início de agosto, exigindo o perdão de pelo menos 40% das dívidas?

R — Nós estamos com tratativas junto

ao ministro da Agricultura, Marcus Vinícius Pratini de Moraes, no sentido de ampliarmos a proposta do Governo Federal para a renegociação das dívidas agrícolas superiores a R\$ 200 mil. A partir do momento que o governo reconheceu a necessidade de dar um bônus aos produtores, automaticamente ele admitiu que há uma grande injustiça para com o setor. A forma de dar é questão de rotulagem, pois ele saiu com o perdão e depois veio com a bonificação de 30% para contratos até R\$ 10 mil e, para os demais, 15%. Além do quê, ele alongou os contratos, prorrogou as prestações de forma que não comprometa a renda do agricultor nestes dois primeiros anos de securitização. Ele traçou um alinhamento de ações em que, aumentando a base, não fique exclusivamente na securitização, mas que seja mais abrangente. Essa estratégia busca também ajustes nos preços e que este ajuste se aproxime mais da realidade, que nós fixamos em 40%. Em audiência com o presidente da República, em agosto, eu tive a oportunidade de tratar a respeito do endividamento e da agenda positiva que o setor apresenta. Os produtores foram a Brasília com uma proposta: em se recuperando os lançamentos indevidos e trazendo a conta para um tamanho e dentro de um prazo determinado, o segmento tem condições de contribuir para produzir 100 milhões de toneladas de grãos e atingir a meta de exportar US\$ 100 bilhões, dos quais a agropecuária detém US\$ 45 bilhões. A proposta é positiva e visa gerar 1,5 milhão de novos empregos em três anos. Ela não foi um movimento contestatório, foi uma demonstração de afirmação.

A mídia nacional rotulou o agropecuarista de caloteiro

P — Na sua opinião, os números divulgados pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), reafirmando as exigências dos ruralistas, deram maior credibilidade às demandas dos produtores?

R — Os números divulgados pela FGV foram extremamente importantes para as nossas demandas. Esta nova apresentação trouxe um conteúdo diferenciado e, com isso, mais gente passou a entender o que estamos pedindo. Se observarmos, por exemplo, a postura da imprensa gaúcha em relação à imprensa nacional, podemos observar que no RS a mídia já era conhecedora desses temas, devido ao trabalho que a Federação já vinha fazendo. Ela tinha um conhecimento sobre o tema. Só que a mídia nacional simplesmente aceitou o elemento de defesa que o governo largou, rotulando o pessoal de caloteiro e jogando a população contra o segmento. No nosso en-

tendimento, foi uma jogada suja do poder público, que encontrou um ambiente propício para fazer o assunto proliferar pelo fato de ser uma imprensa desconhecadora do assunto. No entanto, nós observamos hoje que há maior preocupação dos formadores de opinião, que já explanam melhor o tema. Ai se começa a compor um posicionamento. Mudar a posição já assumida pela imprensa nacional é um desafio muito grande que temos pela frente.

Relação produtor/Governo do Estado já está bem mais domesticada

P — A entrada em cena do deputado Ronaldo Caiado (PPB/GO) não teria esfriado o movimento, já que seu nome ainda está atrelado à velha União Democrática Ruralista (UDR)?

R — Independentemente de quem fosse o representante junto ao Congresso, o efeito seria o mesmo. A diferença é que o Ronaldo Caiado já tem um passado de lutas em favor dos ruralistas. Ele é uma peça importante para nós e um defensor ferrenho da agropecuária brasileira na Câmara dos Deputados. Como falei anteriormente, nossas demandas estão bem-encaminhadas e não houve esfriamento do movimento.

P — O sr. acredita que a invasão da Fazenda Capivara, em Hulha Negra/RS, pelo Movimento dos Sem-Terra (MST), exatamente no início do protesto dos produtores em Brasília, teve como objetivo o esfacelamento do movimento?

R — Acredito que não. A invasão da Fazenda Capivara poderia ter mais conotação com a nossa posição no Rio Grande do Sul em relação à Expointer. Mas, em relação à reivindicação que estávamos pleiteando em Brasília, não há nenhuma ligação.

P — Atualmente, como estão as relações entre produtores rurais e o executivo gaúcho?

R — Nós observamos hoje que a relação produtor/Governo Estadual está, após Expointer 99, bem mais domesticada. Nós estávamos num estágio muito ríspido e havia a necessidade de um aplainamento nos ânimos. A ameaça de boicote que aconteceu antes da Expointer e a maneira como as questões pendentes foram resolvidas, salvando a feira do fracasso, serviram para construir uma base mais sólida. Com isso, passamos a trabalhar dentro de um quadro de respeito e estamos tentando buscar ações com maior sinergia para que possamos desenvolver estratégias conjuntas para a atividade agropecuária.

P — Que expectativas dá para se criar em relação à proposta do ministro da Agricultura, Pratini de Moraes, de ex-

portar US\$ 45 bilhões?

R — O ministro da Agricultura continua sendo o elo mais forte entre produtor/Governo Federal. Ele tem nos auxiliado bastante nas decisões e no encaminhamento das propostas. Mas nós temos uma posição muito forte e já construímos um bom relacionamento tanto na Assembléia Legislativa gaúcha quanto na Câmara dos Deputados e no Senado. O setor está muito bem-trabalhado, muito bem-estruturado, com um convívio saudável, em que as propostas são discutidas com profundidade.

P — Em relação aos índices de lotação nos campos gaúchos, o sr. acredita que finalmente os produtores terão um desfecho feliz?

R — Para nós, este assunto já está superado. Nossos índices são parecidos com os do Uruguai e da Argentina, que têm uma similaridade muito grande com o Rio Grande do Sul em relação ao clima e solo. Finalmente, o Instituto Nacional da Reforma Agrária (Incra) resolveu ouvir os especialistas. Não foram os pecuaristas que questionaram os índices apresentados pelo Incra, mas pesquisadores de várias universidades do Rio Grande do Sul, que conhecem com profundidade o segmento pecuário no estado. É a tese de que não podemos trabalhar com estoque e sim com produção.

Os movimentos sem-terra querem chegar ao poder, querem Brasília

P — Como o sr. analisa o trabalho de assentamento desenvolvido pelo Incra?

R — Se percebe claramente que existe uma ideologização muito definida na entidade. É uma pasta perfeitamente identificada com as esquerdas e com o MST. Mas isso não é nenhuma novidade, as provas e os testemunhos estão aí para comprovar a relação do Instituto com o MST. No ano passado, a CPI que investigou irregularidades em processos de reforma agrária forneceu evidências de que, para se ter acesso à terra, era necessário entrar na "fila da lona preta". Para se ter uma idéia, numa rodada de negociação, o Incra nunca é mediador, ele sempre tem posição e lado definidos. Só que sua função é ser um instigador da reforma agrária, e não o causador de medidas que gerem tranqüilidade na zona rural, que é o que está acontecendo até hoje.

P — O crescimento geométrico dos acampamentos do MST no País evidencia que o governo perdeu o controle sobre o movimento?

R — Num primeiro momento, acredito que o governo entendeu que seria possível dar um espaço para que isso aconte-

cesse. Só que, posteriormente, com a rapidez com que os acampamentos se multiplicaram, o governo passou a ser impotente para segurar o crescimento do MST. Hoje, esses movimentos, abandonando inclusive a busca da terra, já estão querendo lutar pelo poder. É Brasília que eles querem. Acho que um descuido se tornou um problema crônico.

É preciso implementar programas de diversificação das lavouras

P — Como o sr. avalia esse modelo de reforma agrária implementado no Brasil?

R — É insano. No Rio Grande do Sul, por exemplo, é impossível adotar esse tipo de prática agrária. Nós não temos mais latifúndios. Estudos desenvolvidos pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) comprovaram que no estado já não há mais áreas improdutivas. No entanto, existem algumas regiões onde é necessário utilizar índices adequados, como é o caso da Campanha, e não podem ser comparados com áreas onde uma agricultura ou a possibilidade de implementação de uma pastagem traga a oportunidade de um ganho bastante superior. São áreas que não são passíveis de modificação, porque acabam desertificando e criando um sério problema ambiental.

P — A intenção do Governo Estadual, de utilizar alguns vazios da Campanha para fins de reforma agrária, teria como pano de fundo a criação de uma base forte do movimento na metade sul do RS?

R — Para que o movimento tenha um resultado satisfatório, é necessário que haja concentração, porque aí é possível desenvolver dois aspectos: o eleitoreiro e o de apoio às ações. Vamos tomar como exemplo o município de Canguçu. Lá, existem cerca de mil taperas rurais de 20 e 30ha, com infra-estrutura adequada para que dezenas de famílias sejam assentadas. Mas elas não servem, porque não estão aglutinadas, e o exército fica disperso. As ações tornam-se mais difíceis, pois a vizinhança fica mesclada. Os núcleos ou acampamentos têm sido a reserva para as mobilizações. Mais do que isso, o governo precisa dizer ao povo do Rio Grande do Sul quanto vai custar a reforma agrária. Se hoje o custo oscila entre US\$ 45 mil e US\$ 50 mil por propriedade, não sei se a economia gaúcha estará disposta a arcar com esse ônus. Paralelamente a isso, é necessário apresentar os índices de produção desses acampamentos. Eles precisam comprovar que são viáveis.

P — E quanto à pequena proprieda-

de, que soluções é possível implementar a curto prazo?

R — A pequena propriedade perdeu seu poder de sustentabilidade no momento em que passou para a monocultura da soja, do trigo e do milho. Isso tirou a agricultura familiar daquele leque que antes produzia tudo com economia e mão-de-obra familiar. Hoje, com a mecanização cada vez maior até mesmo na pequena propriedade, se gerou uma ociosidade muito grande no campo. Também não se aproveita mais os subprodutos antes utilizados na alimentação de suínos, por exemplo. Houve uma perda, porque o produtor deixou de fazer a limpeza para o reaproveitamento dos restos culturais e passou a utilizar os agroquímicos, que são mais práticos. Só que ociosidade gera gasto. A solução é implementar novamente programas de diversificação das pequenas lavouras. O trabalho desenvolvido pelo segmento leiteiro tem sido um exemplo, pois está permitindo mais sustentabilidade para o setor.

P — Se a Farsul tivesse dado um apoio mais efetivo ao ex-governador Antônio Britto, o sr. acha que ele teria revertido a vantagem que deu a vitória a Olívio Dutra nas eleições do ano passado?

R — Qualquer órgão de representatividade que tivesse dado apoio mais efetivo ao ex-governador reverteria a vantagem de Olívio Dutra. Todos os segmentos são responsáveis pela não-eleição de Antônio Britto (comércio, indústria, serviços, agricultura, quadro de professores etc). Mas, sobretudo, ele, que agradeceu pelo menos 45 mil votos. No nosso entendimento, o grande culpado para a derrota foi o tipo de posicionamento adotado pelo próprio governador para com as diversas categorias e entidades.

Temos a certeza de que participaremos da Expointer 2000

P — Que avaliação o sr. faz da Expointer 99?

R — A Expointer 99 deixa resultados altamente positivos. O maior ganho é que, a partir de agora, será possível realizar um trabalho conjunto com o Governo Estadual. Esta aproximação traz maior tranquilidade para futuras edições da feira. Os preparativos para a realização da edição de 2000 já começaram. Agora, nós temos a certeza de que estaremos aqui presentes no próximo ano. Com isso, podemos catalogar compradores, mobilizar e motivar os produtores a comparecerem na mostra etc. Tivemos apoio irrestrito da nossa direção e do sindicato que compõem nossa estrutura. Particularmente, tivemos uma aproximação bastante forte com as associações de produtores de raças especiali-

zadas, que nos delegaram a missão de sermos os porta-vozes do boicote. Mas isso trouxe à Expointer 99 um componente que não queremos que aconteça no próximo ano. Importante salientar também o apoio muito evidente da sociedade. As pessoas que não sabiam nada sobre a Expointer passaram a se interessar e acompanhar as discussões.

A dignidade do produtor só será restaurada se ele tiver renda

P — Quais são os desafios da Farsul para os próximos anos?

R — Nós estamos com uma visão muito clara quanto à necessidade de mudar o perfil de nossa produção, agregando valor ao produto e buscando novos mercados. Estamos perfeitamente identificados com a proposta do ministro Pratini de Moraes. Logicamente que não abrimos mão da necessidade de rever a posição do endividamento e que se dê renda ao setor. Nós temos que obter renda, porque, só assim, a dignidade para quem produz será restaurada. E é isso que acreditamos serem as metas para o futuro. Qualidade, gente para produzir e condições para obtê-los permitem que o estado se coloque em situação ímpar em termos de Brasil. Se houver condições, o setor já responderá na próxima safra.

P — Em relação aos transgênicos, qual a postura da Farsul?

R — Nós desenvolvemos uma atividade econômica e, como tal, ela precisa dar resultado financeiro. Mas é necessário esclarecer quais os efeitos que os transgênicos podem causar na saúde humana e no meio ambiente. Infelizmente, o que existe hoje é mais uma guerra comercial. Tem ainda a ideologização do tema aqui no RS. Já há muito tempo recomendamos ao governo que não colocasse bandeira contra os transgênicos para que, automaticamente, não tivéssemos que nos posicionar contrários ou favoráveis ao uso desses produtos.

P — E quanto à proibição à entrada de arroz argentino no estado, como a Farsul se posiciona?

R — Acho que agora, finalmente, o Brasil passa a adotar uma postura forte, colocando suas peças de jogo na mesa. No que diz respeito ao aspecto fitossanitário, não tenho dúvidas que a medida procede. Temos que manter a sanidade de nossas matrizes produtivas. A posição do ministro da agricultura de colocar à mesa de negociação as exigências que serão necessárias, seja no aspecto sanitário ou para que se proteja o produto brasileiro, é importante e merece nosso total apoio.



a granja

A REVISTA DO LÍDER RURAL

Diretor-presidente:
Hugo Hoffmann

GERÊNCIA

Eduardo Hoffmann

REDAÇÃO

Jomar de Freitas Martins (editor),
Gilberto Severo (repórter), Adriane d'Avila
(revisora), Priscila Castro (secretária).
Colaboraram nesta edição: Ricardo
Rímoli, Leandro Cabral, Antônio Sanches,
Luiz Vicente Gentil, Sílvio Marcos
Ferreira, Maria del Carmen Mendez,
Franklin Riet-Correa, Eduardo Diamantino,
Cláudio Bellaver, Antônio Guidoni,
Gustavo de Lima, Daniela La Giola, José
Maurício de Toledo Murgel, Ervino
Bleicher, Paulo Soares da Silva, José A.
de Alencar, Francisca Nemauro Haji,
Jocicler Carneiro, Lúcia Helena de Araújo,
Flávia Rabelo Barbosa, Cláudio Aparecido
da Silveira, Júlio César Salton, Luís
Carlos Hernani, Clarice Zanoni Fontes e
Marcos Sawaya Jank

PRODUÇÃO

Renato Fachel (supervisor), Jair Marmet
(editoração eletrônica)

CIRCULAÇÃO

Amália Severino Bueno (coordenadora)

PUBLICIDADE

SUCURSAL DE SÃO PAULO
Praça da República, 473, 10º andar,
conj. 102, CEP 01045-001, São Paulo/SP,
fone (11) 220-0488, fax (11) 220-0686, E-
MAIL granjasp@mandic.com.br
Home page <http://www.agranja.com>
José Geraldo Silvani Caetano (gerente
de comercialização)

RIO GRANDE DO SUL

Av. Getúlio Vargas, 1556/58,
CEP 90150-004, Porto Alegre/RS,
fone/fax (51) 233-1822,
E-MAIL mail@agranja.com
Home page <http://www.agranja.com>
Paulo Dahne (gerente RS/SC)

Representantes/Publicidade

RIO DE JANEIRO - Lobato Propaganda e
Marketing Ltda., Av. Osvaldo Cruz, 99,
Apto. 707, Flamengo, CEP 22250-060,
Rio de Janeiro/RJ, fones (21) 554-8658,
(21) 554-8666, fax (21) 554-8650,
E-MAIL lobato@domain.com.br
MINAS GERAIS - José Maria Neves,
Av. do Contorno, 8.000, conj. 509,
Edif. Wall Street, CEP 30110-120,
Belo Horizonte/MG, fone/fax (31)
291-6791, celular (31) 9993-0066

Convênio editorial: La Chacra (Argentina).

A Granja é uma publicação da Editora
Centaurus, registrada no DCDP sob
nº 088, p. 209/73. Redação, Publicidade,
Correspondência e Distribuição:
Av. Getúlio Vargas, 1556 e 1558,
CEP 90150-004, Porto Alegre/RS,
fone/fax (51) 233-1822.
Exemplar atrasado: R\$ 5,50

Para assinar

A GRANJA

LIGUE

(051) 233-1822

NESTA EDIÇÃO

**12 AGRICULTURA DE
PRECISÃO:** dicas
quentes de quem
conhece o assunto

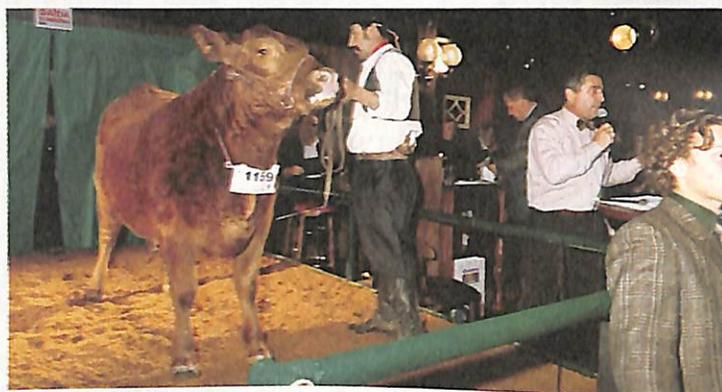
**18 PLANTAS
TÓXICAS:** tire o
gado do convívio
com o Cestrum

20 EXPOINTER 99:
os animais vendem
bem, enquanto as
máquinas patinam

**24 DESTAQUES 99
A GRANJA DO
ANO:** pesos-pesados
do agrusiness
dão brilho à
Expointer

**31 LEGISLAÇÃO
TRIBUTÁRIA:**
sobram leis, falta
bom senso

32 SUÍNOS: bebedouro
no comedouro?



**36 AGRICULTURA &
MEIO AMBIENTE:**
a questão da água

42 MOSCA-BRANCA:
os danos na cultura
do feijão

44 REVISTA CHACRA:
notícias da
Argentina

**47 PLANTIO DIRETO
NEWS:** perguntas
& respostas



NOSSA CAPA

*Dá um foco todo especial à agricultura de
precisão (AP), tecnologia que começa a entrar nas
propriedades rurais brasileiras*

SEÇÕES

Aconteceu	7
Cartas, Fax, Internet	8
Aqui Está a Solução	9
Eduardo Almeida Reis	10
Porteira Aberta	11
Safras Protegidas	45
Agribusiness	52
Flash	58
Ciência e Tecnologia	61
Novidades no Mercado	62
Ponto de Vista	66

A lição de casa que não é feita pelo poder público

O produtor rural brasileiro, nesta última década, fez uma verdadeira revolução tecnológica, silenciosa e eficiente: a revolução da produtividade.

E ela continua dia após dia. Ou seja, a lição de casa está sendo feita com atenção, esforço e determinação.

Caso não tivesse feito isso, com as "commodities" em geral em baixa, estaria simplesmente ferrado. Ou seja, dentro da porteira, até que as coisas não estão tão mal assim. Porém, fora da porteira, bem fora da porteira, as coisas estão simplesmente horrorosas, a começar pelos juros, que continuam altos, altíssimos. Por quê? Bem, porque, entre outras coisas, o Executivo, o Legislativo e o Judiciário não se entendem. Ou melhor, se entendem, sim.

Pelo andar da carruagem, eles se entendem. Porque, os três poderes são lerdos, demagogos e corporativistas. E as reformas, sim, as reformas não saem.

E como podem sair, se FHC é inseguro, se o Congresso quando não está em recesso trabalha apenas às terças, quartas e sextas e o Judiciário é distante, lento, arcaico e não está à disposição do cidadão 24 horas por dia?

Ao contrário, além do recesso do Judiciário como um tudo, os juízes, desembargadores e funcionários ainda têm direito a férias individuais. Uma vantagem inconcebível nos dias de hoje.

Sem reformas, os juros não vão baixar

É claro: as pressões sobre casos isolados, identificados e objetivos são mais fáceis de serem perceptíveis. As reformas políticas, fiscais, administrativas são conceitos abstratos para a maioria da população; conseqüentemente, também na cabeça do homem do campo. A reforma da

Previdência, talvez a mais urgente, nunca devidamente explicada ao povo, é ainda de percepção pior, pois as pessoas acham simplesmente que serão "garfeadas".

São R\$ 60 bilhões de roubo todo o ano que o contribuinte paga para sustentar os privilegiados do serviço público e mais as aposentarias precoces, que incluem as professoras aposentadas ao redor dos 40 anos de idade.

Enquanto essas distorções permanecerem, os juros vão continuar altos.

O produtor rural precisa de renda

O ministro da Agricultura, Marcus Vinícius Pratini de Moraes, não perde ocasião para dizer, discursar e repetir que a agricultura precisa de renda e que o caminho é a busca do valor agregado para se ganhar mais na exportação. Certo? Sim, certo, mas como será possível isso com o dinheiro caríssimo?

O dinheiro precisa baratear de preço. Precisa tornar-se acessível.

Por outro lado, os impostos precisam ser compatíveis à atividade.

Impostos pesados estimulam a sonegação e tornam a produção muito cara.

Existe algo mais iníquo do que o Cofins e o ICM sobre a cesta básica?

Será verdade?

Fernando Henrique diz que vai levar energia elétrica para 1 milhão de propriedades rurais até o fim do seu mandato.

A notícia é tão boa que fica difícil de acreditar. Afinal, luz elétrica é progresso, é chegada do desenvolvimento e é principalmente a fixação do homem do campo a sua terra.

Caso isso realmente ocorra, vai ser um enorme salto sobre a escuridão do atraso.

A economia argentina vai mal?

Ruim para o Brasil

Nosso principal parceiro, na América Latina, está vivendo uma crise danada. Às vésperas de sua eleição presidencial, os horizontes não estão claros e as perspectivas não são nada promissoras.

Isto representa a perda de um significativo mercado, principalmente no segmento de equipamentos agrícolas.

E o trigo? Ninguém fala no trigo

Pois está faltando uma ação conjunta do Ministério da Agricultura, Embrapa, Organização das Cooperativas do RS (Ocergs), Confederação Nacional da Agricultura (CNA) para resolver definitivamente, no próximo milênio, nossa auto-suficiência em matéria de trigo. Sim, tão-somente no próximo milênio, pois nesta próxima safra de inverno não dá mais tempo para nada. Ou seja, mais um ano perdido por falta de decisão tanto do governo como dos produtores rurais.

A agricultura de precisão cada vez mais presente

Quem primeiro abordou o assunto na mídia brasileira, é claro, foi A Granja. Nesta edição, o leitor vai saber um pouco mais sobre um tema que somente agora começa a ser discutido na sua parte prática. Vale à pena estar ligado. Afinal, a modernidade acaba sempre chegando mais cedo do que se imagina. E produtor moderno não pode perder este trem. Precisa conhecer esta tecnologia e tirar o melhor partido dela. ☞

Lição do caminhonço

“Os agricultores ainda não conseguiram a espetacular proeza dos caminhoneiros de parar o País, mas já sabem que a única maneira de solucionar seus problemas é através da pressão. Após fazer em Brasília, no dia 18 de agosto, um forte movimento de protesto, no dia seguinte os agricultores já tinham em suas mãos um proposta do governo para solucionar suas dívidas junto aos bancos. Não vamos discutir, aqui, se a proposta é boa ou ruim, mas dizer que se o caminhonço não tivesse ocorrido, certamente os agricultores não teriam proposta alguma. O importante é que a barreira foi vencida e, agora, a questão é discuti-la nos detalhes, fazendo com que seja aperfeiçoada... Lembramos que na mesma Brasília que, junto com São Paulo, são as maiores caixas de ressonância para o País, tivemos no ano passado o movimento ‘SOS Leite’, que reuniu cerca de dois mil produtores para fazer reivindicações específicas do setor. As reivindicações foram entregues nas mãos do próprio presidente da República, e a maioria delas foi atendida. Uma parte, infelizmente, anulada por novos acontecimentos.

A classe leiteira, que nunca teve a per-

cepção do valor da união para atingir suas metas, felizmente está acordando para esta realidade, como mostram as centenas de associações de produtores que estão se formando pelo País. Antes tarde do que nunca. Daqui para frente, a união terá que ser mais forte e mais rápida. Devido à concentração do capital econômico em grandes empresas privadas, aumentando seu poder de fogo, a união dos produtores em suas entidades é decisiva para haver equilíbrio no poder de barganha... Mais importante do que uma decisão, é a rapidez com que ela é tomada. Por isso, união já! Foi simplesmente o que fizeram os ruralistas.”

Jorge Rubez
Presidente da Associação Brasileira de
Produtores de Leite (Leite Brasil)
São Paulo/SP

Unidade nacional?

“A unidade nacional está sob ataque de inimigos externos, visivelmente apoiados pelo governo. Até 1994, o Brasil era relativamente imune às crises internacionais, porque possuía US\$ 50 bilhões em reservas, seguramente depositadas no BIS, na Suíça, alimentadas por um superávit na balança comercial de US\$ 10 bilhões por

ano. Fernando Henrique Cardoso tomou posse e passou a comandar o ataque à economia do País. Transferiu as reservas cambiais da Suíça para o Banco Central americano, para garantir-se no poder. Liberou importações, para consumir as reservas cambiais e destroçar as empresas nacionais. O resultado foi o desemprego maciço e a desnacionalização da economia. Doou estatais estratégicas e lucrativas aos seus aliados de Londres e passou a atacar a agropecuária. A agropecuária, além de alavancar os setores secundário e terciário da economia, e ser o único setor superavitário da balança comercial (US\$ 13 bilhões em 98), responde por 35% do PIB. Mesmo assim, agindo como verdadeiro ‘embaixador estrangeiro’ no Brasil, o Governo Federal consente e estimula a ação da guerrilha Sendero-Maoista do Movimento Sem-Terra (MST), que ataca a agroindústria para inibir o investimento na produção de alimentos no Brasil. Contrariando os interesses do País, o governo impôs juros a custo incompatível com a atividade agropecuária e vem tributando de forma confiscatória os produtores.”

Almir Guedes Soriano / Antônio Ribas Paiva
José Alberto Pereira da Silva / José João Auad
Júnior / Tânia de Farias
São Paulo/SP

Fazendo as devidas e necessárias correções

Na edição 1999/2000 de **A Granja do Ano** houve um pequeno tropeço na página 130, de Produtos & Serviços. Na primeira coluna, embaixo — item Balanças p/ Ovinos —, a empresa Case Brasil & Cia. foi equivocadamente citada.

O editor

“Primeiramente, gostaria de parabenizá-los pela excelente matéria sobre o milho, na edição do mês de setembro último, da revista **A Granja**. Realmente, o assunto é de extrema importância no contexto do agribusiness. No entanto, fomos alertados por pesquisadores, agricultores e clientes de que nossos produtos para esta cul-

tura, citados na página 21, no quadro/des-
taque, como pertencente à empresa Monsanto. O correto seria empresa Dinamilho-Carol Produtos Agrícolas Ltda.”

José Arana
Diretor-presidente da Dinamilho-Carol
São Paulo/SP

DINAMILHO - CAROL

Híbridos	Tipo de cruzamento	Tipo de grão	Cor	Altura da planta (m)	Altura da espiga (m)	População (mil/ha)	Zoneamento
Dina 1000	simples modificado	duro	alaranjado	2,30	1,40	55	S/SE/CO/CE
Dina 766	simples modificado	semiduro	alaranjado	2,21	1,38	55	S/SE/CO/CE
Dina 657	simples modificado	semiduro	alaranjado	2,30	1,53	55	S/SE/CO/CE
Dina 769	triplo	duro	alaranjado	2,10	1,28	55	S/SE/CO/CE
Dina 500	triplo modificado	semidentado	alaranjado	2,40	1,25	55	S/SE/CO/CE
CO 32	triplo	semiduro	laranja	2,60	1,20	55	S/SE/CO/CE
CO 34	triplo	semiduro	laranja	2,70	1,30	55	S/SE/CO/CE
CO 9621	triplo	semidentado	laranja	3,70	1,60	55	S/SE/CO/CE
CO 9560	simples	semiduro	laranja	2,50	1,10	55	S/SE/CO/CE
FT 5140	simples modificado	semiduro	alaranjado	2,05	1,10	55	S/SE/CO/CE
FT 9043	duplo	semiduro	alaranjado	2,15	1,10	55	S/SE/CO/CE
H 1001	duplo	semiduro	amarelo	2,20	1,20	55	S/SE/CO/CE
H 3012	triplo	duro	laranja	2,30	1,20	55	S/SE/CO/CE
H 3052	triplo	semiduro	amarelo	2,15	1,10	55	S/SE/CO/CE



Arroz pré-germinado

“Necessito de maiores informações sobre cultivo de arroz pré-germinado. Já experimentei tal cultivo e enfrentei algumas dificuldades, como o acamamento da lavoura, acumulando perdas ao redor de 30%.”

Giancarlo Spagnolo
Jaguari/RS

R — Para uma análise mais aprofundada de todo o seu sistema de manejo, sugerimos entrar em con-

tato com o agrônomo José Galego Tronconi, do Instituto Rio-Grandense do Arroz (Irga), sediada em Santo Antônio da Patrulha/RS, pelo fone (51) 662-1544. Ele presta consultoria para produtores interessados neste sistema de cultivo. Se preferir, entre em contato com a sede do Irga em Porto Alegre. O endereço é av. da Missões, 342, CEP 90230-100, Porto Alegre/RS, fone (51) 337-6378.

Novo mapa de solos

“Gostaria de saber onde posso encontrar informações sobre recursos e conservação de solo do estado de São Paulo.”

Fábio Dellaglia
Campinas/SP

R — A Embrapa Solos, sediada no Rio de Janeiro, em parceria com Instituto Agronômico de Campinas (IAC), aí mesmo do seu município, retomaram um projeto visando produzir o novo mapa de solos do estado de São Paulo. O novo mapa constitui um instrumento básico para subsidiar estudos de pedologia, com informações atualizadas sobre

os recursos do solo. Ele possibilita separar áreas para os diversos fins de uso, além de fornecer subsídios para programas especiais de conservação de solos e preservação do meio ambiente. Caso o leitor queira maiores detalhes sobre este projeto, sugerimos que entre em contato com a Embrapa Solos pelo seguinte endereço: rua Jardim Botânico, 1024, CEP 22460-000, Rio de Janeiro/RJ, fone (21) 274-4999. Ou, se preferir, entre em contato com o IAC, pelo endereço: av. Barão de Itapura, 1481, CEP 13001-970, Campinas/SP, fone (19) 231-5422.

Informações sobre girassol

“Solicito informações sobre o cultivar de girassol uruguaí, como: época de plantio e de colheita, tratos culturais etc.”

Mônica Rio dos Santos
Belo Horizonte/MG

R — Quem está desenvolvendo um trabalho forte nesta cultura é a Embrapa Soja, sediada em Londrina/PR. Esta pesquisa tem como intenção tornar a cultura uma alternativa economicamente viável para o sistema de rotação e aumentar a oferta do produto para a indústria de óleo. Especificamente o cultivar uruguaí, segundo a Embrapa um dos melhores, tem como época de plantio os meses de setembro a março. O espaçamento é de 70 a 100cm de entre linhas e 20 a 30cm na linha, e a quantidade de sementes necessárias é de 5 a 6kg/ha nos espaçamentos recomendados. O plantio deve ser realizado da seguinte maneira: proceder à uma aração profunda e gradeação bem-feita. Fazer o sulco de plantio com cerca de 20cm de profundidade, colocando no fundo o adubo, seguido da semente, e cerca de 5cm de terra. A época de co-



lheita varia de 100 a 130 dias após o plantio. A variedade uruguaí apresenta uma produtividade média de 2.800kg/ha na safra “das águas” e 1.800kg/ha na “da seca”. Embora esta cultura seja sensível ao ataque de insetos (lagartas, besouros, vaquinhas) e de doenças do solo (fusariose e míldio), a Embrapa recomenda evitar aplicação de defensivos durante a fase de florescimento. O pH de solo ideal para implantação da cultura, lembram os pesquisadores daquela unidade, é 5,8. Quando abaixo de 5,5, recomenda-se aplicação de calcário pelo menos dois meses antes do plantio. Evitar terrenos rasos e com má-drenagem. Para maiores detalhes, o endereço da Embrapa Soja é rod. Carlos João Sgrass, Acesso Orlando Amaral, CEP 86001-970, Londrina/PR, fone (43) 371-6000.

Literatura ovina

“Estou tendo dificuldades para encontrar alguma publicação com informações sobre ovinocultura na região Sul. Vocês podem me auxiliar?”

Cláudio Camargo Menezes
Uruguaiana/RS

R — Primeiramente, indicamos ao leitor o livro ‘A reestruturação da ovinocultura gaúcha’. A publicação traz informa-

ções como a história da ovinocultura sulista, perfil do ovinocultor e do mercado das lãs e de carne. Esta obra pode ser adquirida pelo fone (51) 233-1822, ou pelo e-mail: mail@agranja.com. Outro caminho é consultar a Associação Brasileira dos Criadores de Ovinos (Arco). Anote aí o endereço: av. Sete de Setembro, 1159, CEP 96400-901, Bagé/RS, fone (53) 242-8422.

Viúvas de Stálin

Até os jornais El País e The Guardian saíram de seus cuidados para criticar a absolvição dos oficiais que comandaram o confronto de PMs e sem-terras, em Eldorado do Carajás. Tudo bem que as viúvas de Stálin, nas redações brasileiras, distorçam os fatos em nome de sua ideologia, mas dois jornais publicados na Europa, supostamente dirigidos a público alfabetizado, estavam dispensados de fazer pouco da inteligência dos seus leitores.

Semântica, do grego *semantiké, téchne semantiké*, quer dizer “a arte da significação (das palavras)” e tem sido duramente subvertida em tudo quanto diga respeito aos sem-terras. O episódio de Eldorado do Carajás já foi chamado de “chacina”; agora, virou “massacre”. Um massacre e uma chacina que só existiram nos miolos desmiolados de quem tudo vê pela mais despuorida distorção ideológica.

É compreensível que ninguém saiba, ao certo, o que ocorreu na Roma dos Césares, ou em Porto Seguro, no Descobrimento do Brasil pelo sr. Cabral, a serviço de Dom Manuel I, o Venturoso. De Roma e Porto Seguro temos depoimentos esparsos, pela óptica de quem os redigiu, mas de Eldorado do Carajás temos som e imagem de um vídeo, em que os fatos são de uma clareza meridiana.

FATO 1 — Sem-terras organizados e liderados por agitadores profissionais interditavam uma estrada pública no Pará; FATO 2 — A PM foi enviada ao local para desobstruir a estrada, como era sua obrigação; FATO 3 — Açulados pelo agitador profissional (o vídeo mostra claramente), os sem-terras investiram sobre a tropa da PM com foices, porretes, enxadas e machados; FATO 4 — depois de recuar até ao local onde estavam suas viaturas, a tropa, já não tendo por onde escapar, fez fogo sobre alguns sem-terras, num caso típico e indiscutível de legítima defesa.

Legítima defesa de quem? Ora, da vida dos soldados que lá estavam cumprindo ordens, a serviço da lei e da so-

cidade. Nem se pode argumentar que tenha existido excesso culposos, quando 150 soldados, portando metralhadoras, mataram apenas 19 agressores. Um único maluco, na Austrália, mata 36 pessoas numa lanchonete; em Eldorado do Carajás, 150 soldados profissionais, armados de metralhadoras em legítima defesa de suas vidas, mataram apenas 19 agressores. O único responsável pelas 19 mortes foi o agitador que açulou os sem-terras contra a tropa.

Esta é a verdade dos fatos, mostrada pelo vídeo exaustivamente exibido nas televisões. A partir daí, as viúvas de Stálin distorceram os fatos e a verdade, como sempre fazem para vender seu peixe. E o venderam tão bem vendido, que até jornais sérios da Europa embarcaram na empulhação.

Uma coisa é ter convicções políticas, defendê-las e trabalhar honestamente por elas; outra, muito diferente, é distorcer a verdade e chamar de “massacre” um caso típico de legítima defesa de soldados que agiam no estrito cumprimento da lei e da ordem. E que, no episódio, agiram timidamente, volto a repetir. Qualquer outra polícia, em qualquer lugar do mundo, mataria centenas de agressores.

É preciso que as viúvas de Stálin tenham um mínimo de respeito pela inteligência dos outros e se limitem à subversão política, sem subverter a semântica. Dou-lhes outro exemplo de empulhação da “arte da significação das palavras”, quando um bando de sem-terras matou e queimou três empregados da Fazenda Natalícia, no Maranhão.

Os três empregados logo foram transformados em jagunços a serviço do latifúndio e do capitalismo selvagem, enquanto os assassinos eram santificados como pobres trabalhadores rurais sem-terras. E o crime, em lugar de cha-

cina ou massacre, logo foi chamado de “confronto”.

Quer dizer: aqueles que trabalhavam na Fazenda Natalícia e foram barbaramente assassinados, eram jagunços; os assassinos, que não trabalhavam em lugar nenhum e, possivelmente, nunca plantaram um pé de couve em suas vidas, reunidos, vestidos e organizados por agitadores profissionais, foram transformados em “trabalhadores rurais”.

Quando se tornou evidente que os mortos eram o cozinheiro da fazenda, um tratorista e um vigia, a mídia ideologizada os transformou em “funcionários”, categoria que, neste País grande e bobo, tem a conotação de barnabé que passa a vida inteira à toa, mamando nas tetas do Estado.

E tem mais: os “trabalhadores (sic) sem-terras” portavam arma calibre 12, logo transformada pela mídia em “arma usada para caçar”, de acordo com o texto maroto de uma revista semanal. Quando em mãos de polícias, a mesma espingarda calibre 12 atende pelo nome de escopeta.

O negócio seria cômico, se não fosse trágico e não configurasse um processo claro e adiantado de guerra revolu-

cionária. O sujeito que está trabalhando na cozinha e no trator, ou é encarregado de vigiar os depósitos da empresa empregadora, defendendo o leite de seus filhos, é transformado em “jagunço”, enquanto os arruaceiros agressores, desocupados que ninguém sabe de onde vieram, são chamados de “trabalhadores”.

Para coroar a empulhação e o desrespeito pela verdade, a mídia esclareceu que os corpos dos três empregados foram “queimados por motivos higiênicos”. É fazer muito pouco da inteligência dos leitores. ■

É preciso que as viúvas de Stálin tenham respeito pela inteligência dos outros

Tudo não passa de um golpe de vista

Uma ferramenta de marketing bastante utilizada pelo governo gaúcho durante a Expointer 99 foi a de que nunca o Parque Assis Brasil esteve tão limpo. No entanto, quem circulou pelos estandes nos primeiros três dias da mostra se surpreendeu com a quantidade de lixo que se acumulava nas ruas. Sem as tradicionais lixeiras, os entulhos se espalhavam por todo o lugar, boa parte do material carregado pela chuva que, aliás, castigou a feira deste ano. A situação só melhorou a partir de quinta-feira, 2 de setembro, depois que ressurgiram as lixeiras pa-

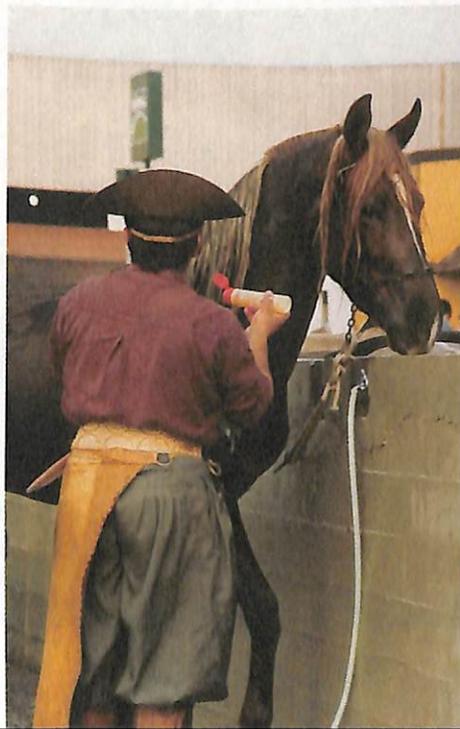


Fotos: Leandro Cabral

trocadas pela Ipiranga. Mesmo assim, quem percorreu a exposição não percebeu sinais de melhora na limpeza do parque. Marketing estranho esse, pra não dizer amador.

Trocando figurinhas

Há dois anos, o mercado de cosméticos feminino foi invadido por produtos destinados à vaidade animal, principalmente os xampus, utilizados pelas mulheres para embelezar suas melenas. Agora, parece que os papéis se inverteram. É a vez dos animais buscarem nas prateleiras dos supermercados seus produtos de beleza. Na foto, o tratador aproveita para dar uma "amaciadinha" na crina da égua com uma conhecida marca de condicionador muito utilizada pelos humanos.

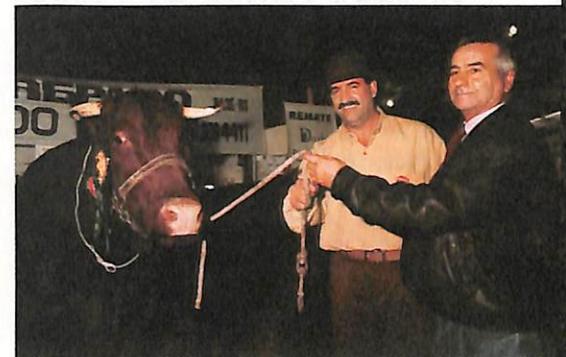


Prontos para qualquer desafio

Precavidos, os organizadores da Expointer 99 trataram de deixar de plantão, dentro do Parque de Exposições Assis Brasil, em Esteio, nos 11 dias da mostra, um veículo do Corpo de Bombeiros. Embora não tenham tido muito trabalho mas, lá estavam a postos esses profissionais do socorro, que gozam de extremo carinho por parte da população, para qualquer emergência. Para quem transitava pela feira, ver o caminhão vermelho parado entre os estandes era sinal de segurança. Menos mal é que não houve incêndios nem desastres de grandes proporções no local, até porque as faíscas que saíam da Secretaria da Agricultura do Rio Grande do Sul em direção da Federação da Agricultura do Rio Grande do Sul (Farsul), e vice-versa, já não provocavam maiores estragos.

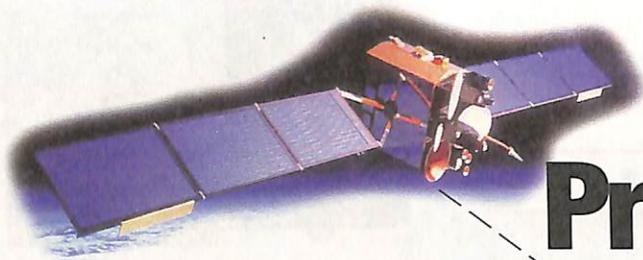
A escolha dos "nove"

Quem circulou de automóvel pela Expointer 99 não pôde reclamar da boa intenção da Secretaria da Agricultura gaúcha para resolver alguns problemas crônicos observados em outras edições: os engarrafamentos e os estacionamentos. A principal solução veio com a construção de um anel "fluviário" nos fundos do Parque de Exposições Assis Brasil. A facilidade, nesse caso, é que os motoristas podiam driblar a "tranqueira" da BR 116, em particular nos dias chuvosos. Para isso, bastava dar uma "nadadinha" até a avenida Guilherme Schell, que desemboca na BR 116, em Canoas. Para quem desejava estacionar, então, a facilidade era maior. Os motoristas podiam até optar qual dos portões "nove" utilizar. Os números estavam a 100m de distância um do outro. Como se observa, soluções não faltaram.



Devon tem café no bule

Quem também aproveitou para fazer a feira na Expointer 99 foi o apresentador Carlos Massa, mais conhecido como Ratinho. Sem a companhia do inseparável "xaropinho", o comunicador do SBT circulou entre os estandes, almoçou com as principais autoridades do agronegócio gaúcho, e, no final, desembolsou cerca de R\$ 20 mil na compra sete touros rústicos devon e 12 ovelhas texel. De lambuja, Ratinho levou duas novilhas devon, uma delas grande campeã terneira da feira, apresentadas por duas cabanhas gaúchas. A intenção do apresentador é utilizar os animais para cruzamento com nelore em sua propriedade, a Agropecuária Café no Bule, localizada em Ribas do Rio Pardo/MS, para a obtenção de bovinos bravon.



Prepare-se para o futuro

Existe muita desinformação neste assunto. Recentemente, um produtor nos pediu para instalar um GPS no seu trator. Respondemos que isto não existia. Se conseguisse esta proeza, ia jogar fora seu dinheiro. Outro menos avisado comprou uma plantadeira com

Segundo experts neste assunto, o produtor moderno tem ao alcance da mão, hoje, todo um arsenal tecnológico para tirar o máximo proveito de cada talhão de terra. E, nesta busca da racionalização, o que interessa, mesmo, é o lucro no fim das contas



Luiz Vicente Gentil, consultor em Mecanização
E-mail: gentil22@unb.br - Cel: (61) 923-3092
Silvio Marcos Ferreira, consultor em Agronomia
E-mail: silvio@dgmnet.com.br -
Cel: (62) 987-1038

Fotos: Divulgação/L. V. Gentil

Tomador de amostras de solo num grid de quatro amostras/ha, num valor de US\$ 50/ha. Recolhe até 200 amostras por dia. Composto de trator, amostrador, receptor/diferencial do sinal do satélite e computador de bordo. Valor: US\$ 40 mil

uturo, mas com os pés no chão

sistema de vazão variável de adubo preparada para GPS e não sabia como funcionar. Outro, ainda, terceirizou a colheita de 800ha de milho com a promessa de economizar 5% nas perdas com a máquina. Até hoje, não viu a cor do dinheiro, no valor de US\$ 20,1 mil (800ha x 70

sacas/ha x US\$ 7,2/saca x 5%). Casos como estes não podem acontecer, razão pela qual não explicaremos a parte científica que está atrás de tudo isto, em Informática, Economia, geoprocessamento, equipamentos/máquinas, Eletrônica, avanços das universidades americanas e

administração empresarial da fazenda. Nosso objetivo é orientar o agricultor para alcançar grandes benefícios quando esta tecnologia estiver totalmente madura, daqui a 15 ou 20 anos. Por enquanto o *Site-Specific Farming*, no Brasil chamado de agricultura de precisão (AP), é promessa de modernização da fazenda, fruto da globalização, da competitividade e da última onda da nossa civilização, que é a informação. AP é questão cultural, não é técnica, nem de conhecimento. Podemos comparar a atual AP ao trabalho do dr. Rudolph Diesel quando, partindo da teoria termodinâmica, encontrou a primeira forma de se obter energia numa câmara de combustão que não usasse centelha elétrica e, sim, alta pressão no cilindro. Desde o primeiro motor, concebido em seu laboratório na Alemanha, até a consagração desta invenção, passaram-se muitos e muitos anos. Grandes inventos demoram para virar coisas práticas. A AP é uma delas, tanto quanto foi a imprensa de Gutemberg, o fogão a gás e os antibióticos. A AP precisa ser tratada com muito cuidado, onde o agricultor deve estudar muito, participar de congressos, não gastar nem um centavo naquilo que não lhe dê retorno pelo menos no médio prazo. De certa forma, é a velha "Lei do Mínimo" fantasiada de satélites e computadores, onde já se sabe que um fator mínimo puxa para baixo todo desempenho global da atividade agrícola. Claro que a propaganda de certos segmentos prometem milagres. Mas, milagres não existem; o que existe é o lucro no fim do ano da fazenda para novos investimentos, inclusive na AP.

Na prática, a coisa funciona assim: precisamos tirar máxima vantagem de cada metro quadrado da fazenda, em cada pé de café etc, conhecendo a variabilidade de condições (informações que resultem em benefícios). Ou ter máxima produtividade olhando cada "pedacinho da terra" chamado *grid* e reduzindo custos. O sistema é chamado de *Site-Specific Management*, usado na Marinha, Aeronáutica, construção civil e até em viagens para Marte, onde os satélites comandam os dados. Na agricultura, é chamado de





2



3



4



5

2 Cafezal recebendo o mapeamento de oito amostras/ha

3 Computador de bordo. Valor: US\$ 10 mil

4 Receptor e desembaralhador do sinal que chega dos satélites em órbita

5 Detalhe do tomador de amostra do solo: com recipiente, parafuso e bacia de e para subamostras de solo

agPF (agricultura de precisão na agricultura). É o gerenciamento de lugares específicos.

Vamos dar um exemplo da fazenda do sr. José, que tem 2.000ha com soja, produtividade média de 48 sacos/ha e custo de produção de US\$ 378/ha. Neste custo, ele gasta 400kg/ha de fertilizantes, no valor de US\$ 75/ha (19,8%); US\$ 54/ha (14,3%) em defensivos; e US\$ 45/ha em sementes (12%). O que se busca é elevar a produtividade da fazenda pelo conhecimento destas pequenas áreas — *grid* — de 20m x 20m, 30m x 30m e até 10ha. Cada *grid*, como se chama em inglês, contém informações desejadas, quais sejam: fertilidade, pH, produtividade, umidade, topografia, ervas daninhas, entre outras necessárias. Até vento ou geada naquele local. A geada queima a soja, e o produtor sabe que naquela lavoura perdeu tantos dólares. Depois de todo sistema instalado, mapas feitos, equipamentos nas máquinas e na fazenda, consegue-se um banco de dados confiável, onde em cada *grid* tem-se informações, por exemplo, que 75% dos 2.000ha (1.500ha) apresenta um rendimento de 56 sacos/ha, e que em 25% da área tira-se, apenas, 24 sacos/ha. Isto aparece no *grid* estudado com o GPS/GIS (satélite e informações). Administrando a fazenda, a produção de 96 mil sacos, no valor de US\$ 873 mil, passa para 112 mil sacos no valor de US\$ 1.019 mil, caso este 25% que vêm puxando a média para baixo fique pelo menos igual à grande média dos 75% (um adicional na receita de US\$ 146 mil, o que não é pouco a cada

quatro meses na soja). Por isto, devemos entender que a AP, ou *Site-Specific Farming*, é administração que não tem a ver só com GPS, GIS, DGPS, VRT, satélites ou computadores. Isto são apenas ferramentas, onde o que interessa é o resultado final, e não a ferramenta usada. Devemos ser empresários rurais, e não mecânicos olhando para a ferramenta. Mas os benefícios da AP continuam. Nestes 2.000ha de soja, tomado como exemplo, gasta-se cerca de US\$ 108 mil em defensivos. Usando a AP e colocando o defensivo apenas onde tem maior ou menor quantidade de erva daninha, consegue-se reduzir até 25% da quantidade, o que dá mais US\$ 27 mil de economia. Quando aduba-se usando a AP, então, os benefícios são maiores, pois coloca-se NPK etc exatos em cada *grid*: mais adubo onde oferecerá maior rendimento e menos onde não haverá tanto retorno. No Brasil, é costume colocar mais adubo onde a fertilidade é menor e menos adubo onde a fertilidade é maior. O agricultor dos Estados Unidos pensa diferente. Ele coloca mais adubo no *grid* que dará maior rentabilidade econômica e menos naquele pedacinho de solo ruim que, por

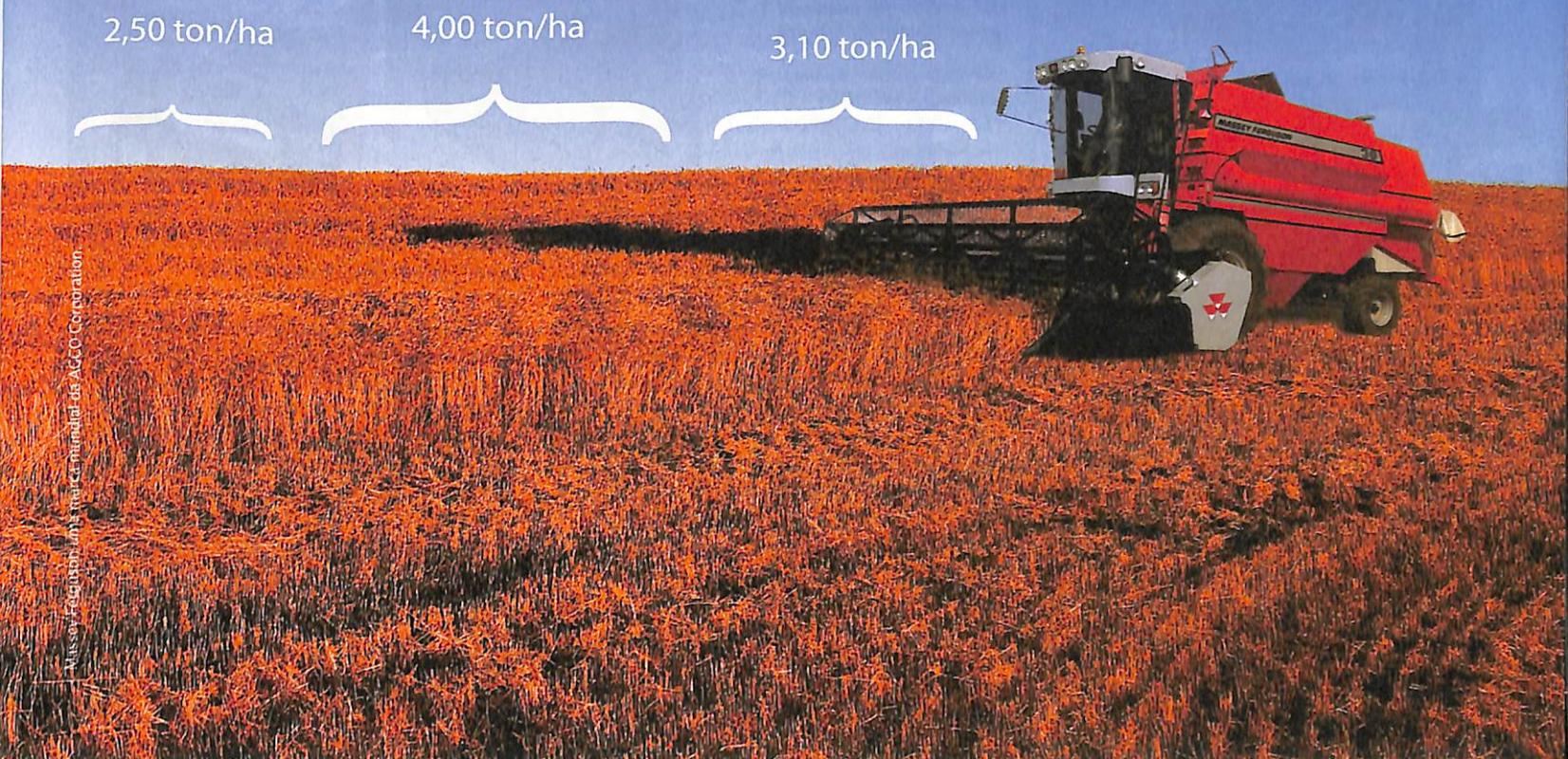
mais que coloque adubo, não dará maior retorno econômico. Assim fazendo e no caso de 2.000ha com soja, obtém-se, com certa facilidade, uma redução de 15% do fertilizante, no valor de US\$ 22,5mil (2.000ha x US\$ 75/ha x 0,15). O brasileiro pensa em produtividade, o que é ruim; o americano pensa em dólar, vantagem econômica, o que é bom, já que o nosso mundo é capitalista. O objetivo da fazenda não é produção, é lucro líquido. Daí a diferença.

No caso de calagem, faz-se análise do pH colocando certa quantidade por hectare. Por exemplo: 4t/ha a um preço, posto-fazenda, de US\$ 15,2/t. Ou um total de 8.000t na área, a um preço de US\$ 121,6 mil. Usando caminhões calcareadores preparados para a AP, será despesado o calcário na quantidade exata em cada *grid*, economizando-se 18% do total destas 8.000t = US\$ 21,9 mil. Quando tem-se uma plantadeira com o sistema AP, a quantidade de semente colocada será maior ou menor por metro linear, em profundidade correta, conforme a umidade ou textura do solo, de forma que o sistema radicular aproveite todas as condições do solo. Estas máquinas já existem, embora custem de US\$ 10 mil a US\$ 25 mil a mais. Esta semeadura localizada pode aumentar o rendimento em mais 1,4 saco/ha, por exemplo, o que dá mais US\$ 25,5 mil. Analisando os benefícios deste caso particular, aumenta-se a receita em US\$ 146 mil + US\$ 25,5 mil = US\$ 171,5 mil via produtividade e reduz-se US\$ 27 mil (defensivo) + US\$ 21,9 mil (calcário) + US\$ 22,5 mil (fertilizante) = US\$ 71,4 mil.

As contas da fazenda do sr. José nos 2.000ha de soja em plantio direto ficam assim:

Fatores administrativos	Agricultura convencional	Agricultura de precisão
Receita bruta-US\$ mil	873,6	1.045,1
Custo bruto-US\$ mil	756,0	684,6
Receita líquida-US\$ mil	117,6	360,5
Rentabilidade-%	13,4	34,5

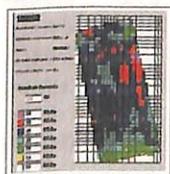
Depois de instalar nosso sistema de agricultura de precisão, você vai olhar o campo com outros olhos.



Massey Ferguson, um nome que faz parte da história da AGCO Corporation.

Fieldstar. O sistema que controla via satélite toda a sua produção e dá soluções para sua propriedade render mais.

O FieldStar é a solução completa para a agricultura de precisão. Associado ao sistema de localização via satélite (GPS), permite traçar um preciso mapa da produção da propriedade. Seu ciclo inicia na colheitadeira, medindo a produtividade da lavoura através de sensores. Com esses dados no computador, são traçados os mapas de produtividade. A partir deles, pode-se tomar decisões sobre a distribuição do insumo e fazer os mapas de aplicação e correção.



E o melhor: estes mesmos dados guiam os tratores no preparo, no plantio e no trato do solo, garantindo um aproveitamento sensacional e um contínuo aumento na lucratividade. Falando nisso, o próprio sistema prepara mapas de lucratividade da lavoura. É muito mais conhecimento e subsídio para planejar uma colheita realmente espetacular. Tudo isso num sistema confiável e preciso, que otimiza o uso dos recursos, da energia, dos produtos químicos e reduz o impacto ambiental, ou seja, melhoria em todos os sentidos. É o nosso compromisso com as reais necessidades do produtor.

Observações importantes deste cenário:

1) Diferença de lucro bruto: US\$ 121,4/ha a favor da *Site-Specific Farming-AP* ou em toda área de 2.000ha, US\$ 243 mil.

2) Preço considerado da soja de US\$ 9,1/saca. Se o preço da saca cair para US\$ 7,87 (R\$ 14,57/saca), a lavoura com agricultura convencional já não dá mais lucro (câmbio de R\$ 1,85/US\$ 1.0), enquanto que a agricultura de precisão ainda continua com uma renda líquida de US\$ 222,3 mil, ou 24,5% (US\$ 223,3/US\$ 906,9 mil de receita bruta).

Aqui, um roteiro para os produtores se desenvolverem no *Site-Specific Farming (AP)*

1) Obtenha um máximo de conhecimento da AP, consultando livros, outros agricultores, *sites*, indo a congressos etc. Leia e estude tudo a respeito do assunto. Não acredite em curiosos ou promessa de terceiros. Afinal, a fazenda é sua.

2) Não gaste dinheiro sem saber se ele, quando, como e em que volume irá retornar para o seu bolso.

3) Viaje aos Estados Unidos, principalmente em congressos anuais feitos nas regiões de Minnesota, Utah, Colorado, Nebraska, entre outros estados.

4) Visite as fábricas aqui mesmo no Brasil ou chame seu revendedor, onde já existem máquinas com AP, como a Case do Brasil (AFS); SLC-John Deere (GreenStar), AGCO do Brasil (FieldsStar) e outras fábricas/importadoras de equipamentos, como Trimble, Racall, OmniStar, Garmin, Magellan, Leica etc.

5) Contrate uma empresa de consultoria em AP ou consultor independente. Ou ainda, se for cooperativa, associação de produtores ou agroindústria, invista numa palestra/workshop de administração em agricultura de precisão. Custa cerca de US\$ 2 mil, fora despesas, para um público de até 50 pessoas.

6) Comece a fazer análise de solo mapeando sua propriedade em lotes de cada 10ha, verificando os teores de N, P, K, CA, S, Ph, matéria orgânica, bases e outros indicadores de fertilidade. Estude quantos por cento estão abaixo dos melhores índices e descubra por que alguns talhões têm menor valor. É um exercício para se começar a aprender.

7) Calcule, por ano, qual o lucro líquido adicional que você teria, por exemplo, com uma produtividade 15% maior. Em termos de investimento, quanto seria isto? Construa cenários econômico-administrativos verificando relações de custo-benefício. Enquanto

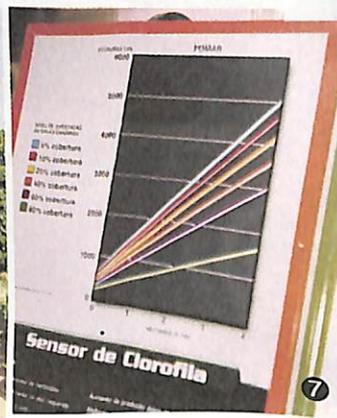


6) Equipamento completo de amostra de solo

7) Sensor de clorofila: dosagem variável de defensivo conforme a intensidade de verde, seja na dessecação, pomares ou lavouras em geral

8) Análise dos mapas de produtividade da lavoura

9) Pulverizador automatizado equipado com GPS



isto, os técnicos estarão desenvolvendo novas formas de mapeamento de solos, pesquisadores desenvolvendo programas de computador, consultores formando equipes, fábricas construindo melhores equipamentos, governos + universidades criando soluções simples e baratas para o agricultor. O momento, portanto, é de aprendizado. Ainda não é para ganhar dinheiro. Isto vai começar daqui a três anos.

Os grandes benefícios para os usuários do *Site-Specific Farming*:

- * Redução do grave problema do risco da atividade agrícola
- * Redução dos custos da produção
- * Tomada de decisão rápida e certa
- * Controle de toda situação, pelo uso da informação
- * Maior produtividade da lavoura
- * Mais tempo livre para o administrador
- * Melhoria do meio ambiente pelo menor uso de defensivo

Para se chegar aos resultados da fazenda do sr. José, muitos são os caminhos a atravessar, como conhecer o gerenciamento das informações tendo um possante banco de dados na propriedade. Ele é o centro desta nova cultura, denominada *Site-Specific Management*. Num exemplo simples da fertilidade do

solo e produtividade da soja nos 2.000ha, os equipamentos, máquinas e sistemas envolvidos são:

1) Um sinal eletrônico vindo de satélites em órbita terrestre, onde paga-se uma taxa anual.

2) Um equipamento corretor deste sinal, que vem embaralhado do espaço (eles pertencem ao Pentágono — satélites espiões, aperfeiçoados depois da Guerra do Golfo, em 1991) e vendidos ao mundo civil. Eles podem ter um erro de 10 metros ou de 1 milímetro. Tudo depende de preço e tecnologia, sendo que a taxa anual do sinal diferencial é de US\$ 1.200.00.

3) Um equipamento eletrônico e informatizado, acoplado às máquinas para coleta dos dados.

4) Amostrador, amostra e análise do solo, com um mapa do terreno de tal forma que se tenha dados para cada *grid*, formando um mapa digital a estudar. O grande problema do *Site Specific Farming (SSF)* é exatamente este: o elevado custo da amostra do solo, que, estando na faixa de US\$ 8,01 a US\$ 10,8 cada uma mais US\$ 4,50 o serviço de coleta, representa, na fazenda de 2.000ha do sr. José, cerca de US\$ 25,2 mil ou US\$ 30,6 mil, só nas análises de laboratório com um *grid* de uma amostra por hectare.

5) Mecanismos das máquinas acionadas conforme ordens dos mapas da fa-

zenda previamente elaborados em condições específicas do solo-cultura-ambiente naquele momento. Ex: o conduito numa plantadeira abre, caindo mais adubo naquele *grid* que precisa maior dosagem ou fechando mais quando o terreno já tem bastante fertilizante. Coloca-se adubo que é realmente preciso. Por isto, é chamada agricultura de precisão.

6) Um computador e seus programas, no escritório da fazenda para processamento das informações, seja em mapas coloridos mostrando todas variações do terreno, produtividade, umidade ou qualquer outro fator em estudo. Os programas custam de US\$ 500 a US\$ 10 mil.

7) Um sistema administrativo profissional trabalhando a agronomia da fazenda, a economia da empresa e partindo daquelas informações agrícolas geoprocessadas.

8) Aprendizado do sistema pelo produtor, já que a AP tem vasto campo do conhecimento, e todas as variáveis devem ser estudadas para chegar-se aos objetivos. Assim, são quatro grupos de assuntos a considerar: biologia (insetos, bactérias, fungos, animais, nematóides, vírus etc); clima (umidade do solo e ar, ventos, milímetros e tempo de chuva, dias de cultura, temperatura etc); histórico da fazenda/talhão (cercas, benfeitorias, compactação do solo, irrigação, lavouras dos anos anteriores, erosão etc); solo (tipo, topografia, matéria orgânica, N, P, K, CA, S, micronutrientes, umidade, profundidade do solo, pH, renques de árvores protetoras contra o vento etc). São mais de 60 fatores que o agricultor deve analisar, verificando por que aquela área de 25% (500ha) do sr. José, tem média de 24 sacos/ha e não a dos outros 75%, de 56 sacos/ha. Para se ganhar dinheiro, tem-se que estudar, investir e "suar a camisa". Tecnologia do *Site-Specific Farming* (AP) é isto aí.

Muitos confundem agricultura de precisão com GPS. No caso das redução de aplicação de defensivos, então, isto é bem claro. Quando um pulverizador trabalha numa plantação de café, citros ou cultura permanente, os sensores dos pulverizadores colocam mais ou menos água/defensivo, conforme a intensidade da cor verde a molhar. Ou seja, imagine-se um atomizador em café. Quando o jato de líquido passa numa árvore, o sensor da célula fotoelétrica lê que o intenso verde deve colocar mais produto e, no meio das ruas do cafeeiro, o verde desaparece, e a máquina suspende, então, o trabalho de pulverização. Neste exemplo real dos laboratóri-

os das universidades ou indústrias, esta técnica de sensores de clorofila, cujos mecanismos já existem, aparece na foto da página ??????. Estes equipamentos funcionam com sucesso e serão vendidos, acredita-se, daqui há dois anos. Consegue-se, com esta técnica, redução de 15% em defensivos, o que dá — numa lavoura não mais de café, mas de dessecação em plantio direto da soja do sr. José, com *Brachiaria*, por exemplo, colocando-se 4,5 litros/ha de produto, na fazenda de 2.000ha — uma economia anual de US\$ 5.805,00 (2.000ha x 4,5 litros/ha de dessecante x US\$ 4,3/l x 15%). Só isto se paga num ano usando estas máquinas de defensivos em duas safras/ano.

Algumas máquinas ainda mais avançadas estão em estudo nos centros de pesquisa. Colocam-se diversos depósitos de defensivos no pulverizador e, com o *Site-Specific Farming*, pulveriza-se o defensivo específico para aquela erva em particular, usando a tecnologia de célula fotoelétrica. Aliás, esta é a idéia: matar a erva certa só com aquele produto e na quantidade adequada. Tudo isto para cada *grid*. Agricultura de precisão trabalha assim: uma administração para pequenas áreas, economizando produto, máquina e tempo num conjunto. Para quem gosta de Matemática, é uma espécie de cálculo integral. Parte-se do micro e conclui certo no macro. Ou, para quem gosta de Economia: é a morte da estratégia do desperdício.

A cada ano, nos congressos internacionais, são apresentados aperfeiçoamentos da agricultura de precisão, seja na interpretação de mapas digitais, novos programas de computador, corretores mais competentes do sinal de satélite, novos profissionais que se formam para o mercado ou máquinas mais baratas.

Dentro de três anos, as coisas começam a maturar e, neste meio tempo, os produtores devem se preparar na administração, montando um detalhado banco de dados para receber e começar a implantar esta nova forma de ganhar dinheiro na fazenda e sobreviver aos atuais "tempos bicudos". Estamos na alvorada de uma grande revolução da agropecuária brasileira e mundial. 

NA PRÓXIMA EDIÇÃO:

O PACOTE TECNOLÓGICO DAS GRANDES EMPRESAS DE MECANIZAÇÃO E A PALAVRA DO USUÁRIO



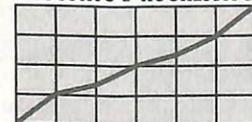
ESTAMOS EM GUERRA CONTRA O PREÇO ALTO!!!

ROLAMENTOS ABAULADOS

FKL COM PREÇOS IMBATÍVEIS SÓ NA IMDEPA

- Maior variedade do Brasil.
- Pronta entrega garantida.
- Assistência Técnica em todo país.
- Equipe de venda especializada.
- Importador exclusivo FKL Abulados.
- Distribuidor dos Retentores SABÔ.
- Importador das marcas NACHI, KOYO, ZKL/ZVL, URB, GPZ, SPZ, VPZ, APZ, VBF, IPZ, MPZ, HARP, ZWZ, TAM, DPI e DS.

DESCONTO PROGRESSIVO



QUANTO MAIS VOCÊ COMPRO, MAIS VOCÊ GANHA!

Entrega garantida em todo Brasil. Ligue já e confira!



IMDEPA ROLAMENTOS IMPORTAÇÃO E COMÉRCIO LTDA.

PORTO ALEGRE: Tel: (51) 342.9922 Fax: (51) 342.9397
 CURITIBA: Tel: (41) 332.1222 Fax: (41) 332.1222
 SÃO PAULO: Tel: (11) 3824.0900 Fax: (11) 3824.0029

Existem, pelo menos, três espécies de *Cestrum* de importância para pecuária, que causam intoxicação no Rio Grande do Sul e Santa Catarina: *Cestrum parqui*, *Cestrum corymbosum* e *Cestrum intermedium*. Já o *Cestrum laevigatum* (coerana, coerana-branca, dama-da-noite) é uma planta tóxica importante para bovinos no estado do Rio de Janeiro. Estas espécies crescem geralmente em matos, terrenos baldios, margens de estrada e capoeiras.

Cestrum parqui (coerana) e *Cestrum corymbosum* são arbustos de um a dois metros de altura, com flores amarelas e frutos violáceos; *C. intermedium* (mata-boi) é uma árvore de aproximadamente 5m de altura, com flores branco-amareladas e fruto preto; *C. laevigatum* é um arbusto de alguns metros, flores amareladas, odorantes, frutos sob forma de bagas ovóides pretas. A intoxicação ocorre em bovinos, mas pode ser registrada nas criações de ovinos, suínos, eqüinos e aves.

Condições de ingestão — A intoxicação dos bovinos por estas espécies de *Cestrum* está associada, geralmente, a períodos de carência alimentar, épocas de seca ou quando há superlotação. Os aspectos clínicos e patológicos da doença são, basicamente, os mesmos para qualquer uma das três espécies citadas anteriormente.

A intoxicação por *C. corymbosum* (ao lado, na foto) causa perdas econômicas importantes para o estado de Santa Catarina, atingindo bovinos da região leste do Planalto Catarinense e Alto Vale do Itajaí. A doença ocorre em animais de qualquer idade, e sua incidência é mais freqüente nos meses frios (maio-setembro), podendo ocorrer durante o ano todo, principalmente em casos de superlotação ou em períodos de estiagem.

Cestrum intermedium (mata-boi, coerana, piloteira-preta) é a planta tóxica de maior importância para bovinos no

Cestrum mata mesmo!

Maria del Carmen Méndez e
Franklin Riet-Corrêa

extremo oeste e noroeste de Santa Catarina e sudoeste do Paraná. A doença produzida por esta planta acomete bovinos em qualquer faixa etária, porém os bois utilizados para o trabalho e as vacas são os mais freqüentemente atingidos. A planta, quando cortada e murcha, é ingerida mais facilmente pelos animais. A doença pode ser observada em pequenos surtos ou casos esporádicos.

Por outro lado, a ingestão de *C. laevigatum* ocorre, principalmente, na época da estiagem, quando os animais estão com fome, e quando a planta é roçada durante a época da chuva, de forma que poucas semanas após e justamente na estiagem seus tocos estão em plena brotação.

Sinais clínicos e lesões — Os animais intoxicados apresentam agressividade, andar cambaleante, tremores musculares, salivação, gemidos, atonia ruminal e fezes ressequidas. Quando em pé, os animais mantêm a cabeça baixa ou apoiada em obstáculos, não conseguindo se alimentar e nem beber. Quando deitados, os bovinos apresentam cólicas e batem a cabeça no chão com movimentos de pedagem. O curso clínico é agudo, de 24 a 72 horas.

Na necropsia, a alteração mais importante é o aspecto de noz-moscada do fígado, que consiste na presença de áreas vermelho-escuras intercaladas com áreas claras. Observa-se, ainda, edema da vesícula biliar, intestino grosso e abomaso; hemorragias em diversos órgãos; e presença de fezes endurecidas, envolvidas em muco e sangue coagulado no reto.

A alteração histológica mais característica é a necrose hepática.

Princípios tóxicos — Os princípios ativos de *C. parqui* são carboxiatractilosídeos denominados parquina e carboxiparquina. Não se conhecem o(s) princípio(s) ativo(s) das outras espécies de *Cestrum*, mas é provável que sejam substâncias similares. Estas plantas apresentam toxicidade em qualquer época do ano, e a dose tóxica letal para bovinos varia, dependendo da espécie de *Cestrum*, entre 10 e 30g de planta verde por quilo de peso vivo.

Diagnóstico — Realiza-se pela constatação da presença da planta nas pastagens, pela observação dos sintomas clínicos e das alterações encontradas nas necropsias e confirma-se pelo estudo histológico do fígado.

Tratamento e prevenção — Não há tratamento eficaz para a intoxicação. A prevenção da intoxicação deve ser feita mediante a eliminação da planta, arrancando-a manualmente, ou evitando o pastoreio em altas lotações ou em épocas de escassez de forragem, ou através da utilização de cercas. ☒

Foto: Kurt G. Kissmann
(Plantas Infestantes e
Nocivas - Edição Basf)



Êxito rural.

SUMStandard

Prêmio Gerdau  Melhores da Terra
HÁ 17 ANOS INCENTIVANDO A INDÚSTRIA DE MÁQUINAS E IMPLEMENTOS AGRÍCOLAS

CATEGORIA DESTAQUE

TROFÉU OURO



Empresa: AGRALE S.A.
Equipamento: Trator AGRALE
AG4100 - Modelo HSE
Cidade: Caxias do Sul/RS

TROFÉU PRATA

YANMAR DO BRASIL S.A.

Empresa: YANMAR DO
BRASIL S.A.
Equipamento: Motor Diesel
Estacionário - Modelo NSB 95 (R)
Cidade: Indaiatuba/SP

TROFÉU PRATA



Empresa: TECNO MOAGEIRA
LTDA
Equipamento: Máquina de Pré-
limpeza / Limpeza de Grãos -
Modelo TM-MPL-56/300x150/E-V
Cidade: Porto Alegre/RS

CATEGORIA NOVIDADE

TROFÉU OURO



Empresa: AGCO DO BRASIL LTDA
Equipamento: Colheitadeira MF38
Cidade: Canoas/RS

TROFÉU PRATA



Empresa: KEPLER WEBER S.A.
Equipamento: Secador Contínuo
de Fluxo Misto KW - DRM
Cidade: Porto Alegre/RS

TROFÉU PRATA



Empresa: SFIL - INDUSTRIAL
AGRÍCOLA FORTALEZA
Equipamento: Semeadora
Adubadora Sembra 2000
Cidade: Ibirubá/RS

PRÊMIO ESPECIAL - EQUIPAMENTO IMPORTADO



Empresa: VALTRA DO BRASIL S.A.
Equipamento: Valtra Valmet 8550 Hitec
Cidade: Mogi das Cruzes/SP

EXPOINTER 99
EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ANIMAIS, MÁQUINAS AGRÍCOLAS E
ARTESANATO • DE 28 DE AGOSTO A 05 DE SETEMBRO • ESTEIO • RS



GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
Secretaria de Estado da Agricultura e Abastecimento

GO GERDAU
NOSSO PRODUTO É AÇO. NOSSO FORTE É VOCÊ.

Projetada para ser a maior das edições já realizadas, a Expointer 99 não vai deixar saudades. Problemas extrafeira e a briga entre o Governo do Estado e a Farsul ofuscaram o brilho do espetáculo, interferindo diretamente no desempenho da indústria de máquinas, que trouxe a Esteio tecnologia de última geração

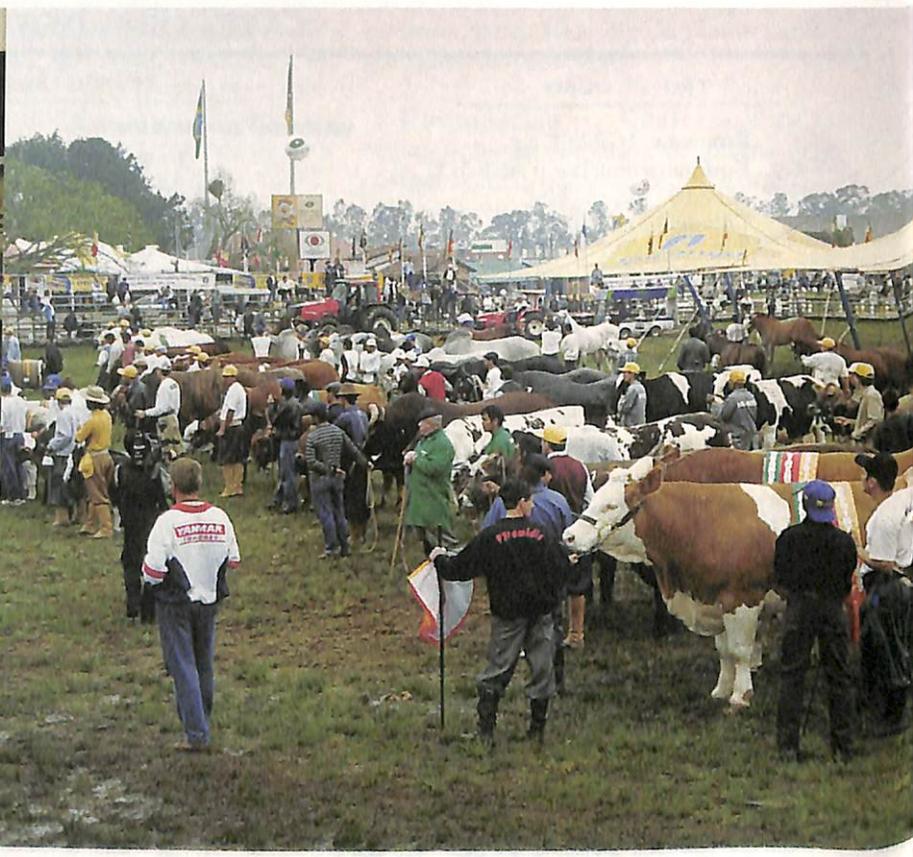
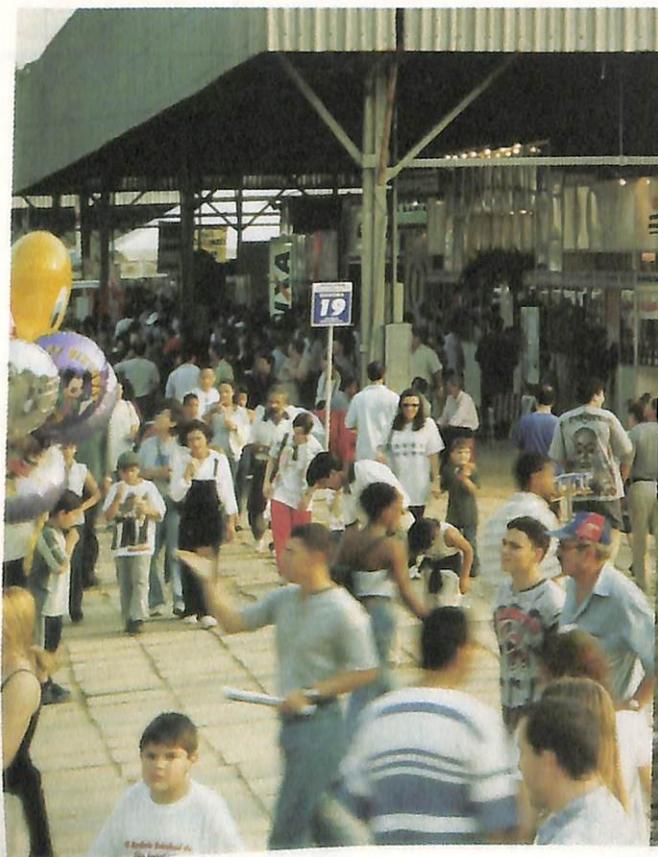
*Texto: Gilberto Severo
Fotos: Leandro Cabral*


expointer
1999

Sorte de uns, azar de outros. Este antigo e conhecido clichê sintetiza muito bem o que aconteceu na Expointer 99, maior feira agropecuária da América Latina, realizada entre os dias 28 de agosto e 7 de setembro, no Parque de Exposições Assis Brasil, na cidade gaúcha de Esteio. Enquanto os grandes fabricantes de máquinas e implementos amargaram um recuo de 50% em relação aos R\$ 35 milhões comercializados no ano de 98, os pecuaristas conseguiram, na batida do martelo, reverter a tendência pessimista e encerrar a exposição com um volume superior ao verificado no evento passado. A contabilidade final dos leilões apontou R\$ 1,69 milhão (venda de 722 animais), contra R\$ 1,54 milhão (863 exemplares) obtido na mostra anterior. Esse valor, embora represente um avanço, ficou aquém da expectativa dos leiloeiros, que esperavam faturar cerca de R\$ 2 milhões. Já as empresas de máquinas foram unânimes em afirmar que o montante negociado neste ano decepcionou. Para o próximo ano, alguns fabricantes cogitam a possi-

bilidade de participação apenas de algum concessionário. Menos internacional que as anteriores — não vieram países tradicionais como a Alemanha, Argentina e Estados Unidos —, a edição deste ano serviu mais para discutir os problemas do agronegócio do que para vender produtos e serviços.

Na opinião dos expositores, pelo menos três aspectos contribuíram para esfriar a perspectiva da Secretaria de Agricultura do Rio Grande do Sul de transformar a Expointer 99 na maior de todas as edições já realizadas: a baixa cotação do preço das commodities agrícolas nos mercados interno e externo, que interferiu diretamente na capacidade de investimento dos produtores; a incerteza quanto à realização da mostra, provocada pela ameaça de boicote dos criadores filiados à Federação de Agricultura do Rio Grande do Sul (Farsul) ao evento, que contribuiu para afastar os principais compradores dos estandes; e a chuva, que não deu trégua durante sete dos 11 dias da feira. Apesar disso, o governo gaúcho saiu satisfeito, prin-



dição do século não mostrou mo para comemorações

principalmente com o público pagante, que neste ano superou as 275 mil pessoas, contra os 215 mil registrados em 98. Apesar do volume, grande parte dos visitantes era composta de curiosos, que nada tinham a ver com o segmento, e não capitalizaram para as empresas o retorno de parte de seus investimentos na feira, que, em alguns casos, atingiu R\$ 500 mil. A ausência dos agropecuaristas de grande porte ficou bem-caracterizada neste ano.

Presente no Parque de Exposições Assis Brasil em quase todos os dias da feira, o governador Olívio Dutra bem que se esforçou para dar brilho ao espetáculo. No discurso de abertura, na sexta-feira, 3 de setembro, ele reforçou a idéia de que a recuperação da economia gaúcha e brasileira passa, necessariamente, pela recuperação do setor primário, discurso muito parecido com o do ministro da Agricultura, Marcus Vinícius Pratini de Moraes, que também circulou bastante pela mostra. “É preciso incentivar a diversificação, financiar a pesquisa agrícola, desenvolvendo a ciência, a tecnologia, e que se traduzam

no aumento da produção e da produtividade da nossa atividade agropecuária”, reforçou Dutra.

O governador também aproveitou cada oportunidade para criticar as altas taxas de juros internas, destacando que as mesmas servem apenas para contentar os credores internacionais, e são desastrosas para o segmento agroindustrial. De fato, as críticas de Dutra aos percentuais operados pelos bancos para financiamento de máquinas e equipamentos foram comprovadas no dia-a-dia da exposição. A maioria dos produtos foi comercializada via Finame, com juros de 11,95% ao ano, o que a afastou o comprador dos stands. A linha BBAgro, de 8,75% ao ano, que em eventos anteriores era a grande alavancadora nos negócios, neste ano foi disponibilizada apenas na metade-final da exposição, para implementos de pequeno porte. No Banco do Brasil — principal agente financeiro da feira —, foram encaminhadas propostas que totalizaram R\$ 12,5 milhões, correspondente a 59% do verificado no ano de 98. A Expointer 2000

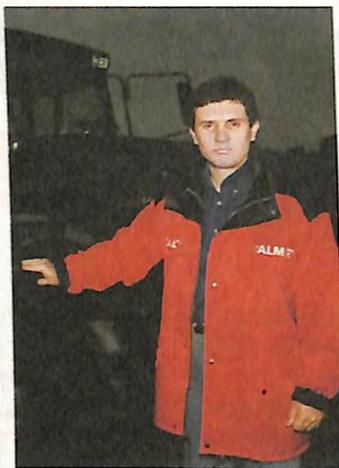
já tem data definida: de 26 de agosto a 3 de setembro.

Tecnologia — Se faltou público especializado na Expointer deste ano, o mesmo não se pode dizer da variedade dos produtos expostos. Sobrou qualidade nos equipamentos. A cada evento (O Agrishow, de Ribeirão Preto/SP, que aconteceu em abril, já demonstrou isso), as empresas apresentam máquinas e implementos com tecnologia embarcada que enchem os olhos dos visitantes. A New Holland Latino-Americana, de Curitiba/PR, por exemplo, trouxe uma linha completa de produtos voltados para fenação e forragem, numa clara disposição de investir neste segmento que ainda engatinha no Brasil, mas que apresenta um potencial gigantesco de crescimento nos próximos anos. “Queremos, através de uma ampla linha de tratores, colheitadeiras e implementos agrícolas, facilitar cada vez mais o trabalho do produtor rural”, acrescentou o diretor-superintendente da empresa, Valentino Rizzoli. Ele só lamentou que, neste segundo semestre, o desempe-





Valentino Rizzioli, da New Holland: vendas do primeiro semestre não serão mantidas



Jean Cândido, da Valmet: empresas vieram com expectativa de comercialização



Mário Hirose, da Case: queremos aumentar a nossa participação no RS



Fábio Piltcher, da AGCO: estamos testando com sucesso o sistema Fieldstar



Governador Olívio desastrosa para o

nho nas vendas para a indústria não deverá se manter nos patamares verificados no semestre anterior, quando a comercialização de tratores aumentou 20%, se comparada com o mesmo período de 98. Mesmo assim, a New Holland espera crescer entre 5% e 10% sua participação no mercado de tratores e colheitadeiras de grãos no mercado interno.

Vencedora do Prêmio Especial Equipamento Importado, do Prêmio Gerda

Melhores da Terra, com o trator Valtra Valmet 8550 *hi tech*, a Valtra do Brasil S.A., de Mogi das Cruzes/SP, também lamentou a queda no volume de vendas na Expointer 99. “Apesar da feira não se caracterizar como um evento de negócios, mas como uma vitrine tecnológica, as empresas sempre vêm com expectativa de comercialização. Até porque o investimento para participar na exposição é alto”, acrescentou Jean Cândido, diretor de marketing da companhia. A Valtra trouxe uma completa linha de tratores, de várias faixas de potência. Alguns deles só serão comercializados no Brasil a partir da segunda metade do próximo ano. Por enquanto, só testes. O destaque ficou por contra da linha Mega, que a empresa espera nacionalizar no máximo em três anos, e o *hi tech*, um das mais modernas máquinas existentes no mercado atualmente. Trata-se de um novo conceito de produto com eletrônica embarcada e tecnologia de última geração. A empresa detém 28% do

mercado interno de tratores e vai comemorar, em janeiro próximo ano, 40 anos de Brasil.

Participando pela segunda vez na Expointer com sua linha de equipamentos para agricultura, a Case Brasil & Cia., de Sorocaba/SP, veio também disposta a mostrar sua completa linha de máquinas a equipamentos agrícolas. O mercado gaúcho é responsável por 10% das vendas globais da companhia no Brasil. Para Mário Hirose, presidente da Divisão Agrícola da Case, o objetivo da empresa é aumentar sua participação no Rio Grande do Sul, principalmente no segmento de arroz, que vem absorvendo principalmente as colheitadeiras Axial Flow. Um produto que chamou a atenção dos visitantes foi o pulverizador autopropelido SPX 3185, importado dos Estados Unidos. Com 27m de barra, o equipamento atinge uma velocidade de 30km/h e tem capacidade de pulverizar até 400ha/dia. A aplicação do defensivo é controlada por computador,

Sementes Forrageiras de verão CRA:

Com produção própria, a CRA garante qualidade e claro, o melhor preço.

- Brachiarias: Brizantha, Decumbens, Humidícola e Libertá.
- Capins: Mombaça e Tanzania.
- Milheto Comum e CRA2000
- Sorgo Forrageiro BR501.
- Setária Cazungula.
- Adubação verde.

CONSULTE A CRA:

fone/fax: 51. 481 3377



semente é o nosso chão

CENTRAL RIOGRANDENSE DE AGROINSUMOS

E-mail: sementescra@sementescra.com.br
www.sementescra.com.br

PLANTADEIRA DE ARRASTO SEED-MAX

- Plantio direto, planta soja, milho e feijão.
- Disco de corte e sulcador desencontrados.
- Distribuição de adubo através de roseta autolimpante.
- Distribuição de semente através de disco alveolado.
- Sistema de sulcagem com opção pula-pedra ou sulcador fixo.
- Disponível nos modelos de 5 e 7 linhas para soja.



PLANTADEIRA HIDRÁULICA SEED-MAX

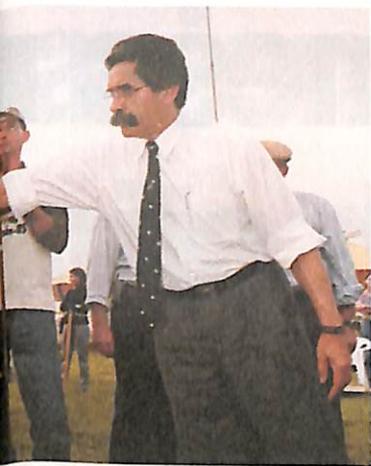
- Plantadeira para plantio direto, versátil, moderna, fácil operação.
- Planta soja, milho e feijão.
- Com dois sistemas de sulcagem: sulcador fixo e pula-pedra.
- Disco de corte e sulcador, disco duplo defasado na semente.
- Disponíveis nos modelos de 3, 4, 5 e 6 linhas para soja.



PARA MAIORES INFORMAÇÕES CONSULTE-NOS



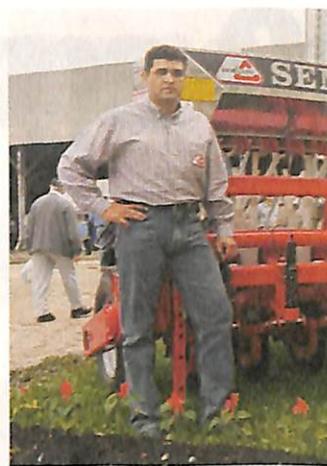
Telefax: (054) 330-2300 - Carazinho - RS



Outra: a atual taxa de juros é proronégocio



Pedro Fankhauser, da Fankhauser: as plantadeiras estão aumentando de tamanho



Everton Corrêa, da Semeato: agricultor quer produtos de fácil manutenção

dando maior precisão a operação. Segundo Hirose, o equipamento já foi testado com sucesso nas culturas de cana-de-açúcar, algodão, soja e feijão. “É importante destacar que o SPX 3185 permite trabalhar no sistema de agricultura de precisão. Os testes da máquina dentro do sistema estão sendo realizados com sucesso”, confirmou.

Como o assunto do momento é a agricultura de precisão, a AGCO do Brasil Comércio e Indústria Ltda., de Canoas/RS, decidiu montar um auditório multimídia para esclarecer as dúvidas dos produtores à tecnologia. De duas em duas horas, técnicos da empresa realizavam palestras sobre o tema, que foi assistida por centenas de visitantes, durante toda a feira. A empresa foi uma das primeiras a desenvolver esse conceito no mundo. Atualmente, a AGCO trabalha com o Fieldstar, que está em estágio avançado na Europa, onde operam comercialmente 570 sistemas, e o Estados Unidos, com 190. No Brasil, atualmente estão em funcionamento sete programas. “Estamos testando o Fieldstar com sucesso no Paraná, São Paulo e no Centro-Oeste. No próximo ano, esperamos que essa tecnologia esteja bem mais assimilada pelo produtor brasileiro”, garantiu Fábio Piltcher, gerente de marketing para a América do Sul. Outro destaque importante da empresa na feira ficou por conta da colheitadeira de grãos MF 38, que arrematou o troféu Ouro, na Categoria Novidade, do Prêmio Gerdau Melhores da Terra. A máquina, que faz parte de linha mundial da companhia, é dotada com computador de bordo (Data-vision), está equipada com motor Cummins de 280cv e alavanca de comando tipo joystick.

O segmento de plantadeiras-adubadeiras também passa por uma profunda revolução tecnológica. As máquinas estão

cada vez maiores, com monitores eletrônicos que permitem a adaptação ao sistema de agricultura de precisão. De acordo com Pedro Fankhauser, diretor da Indústria de Máquinas Fankhauser Ltda., de Tuparendi/RS, a máquina eletrônica é uma tendência cada vez mais evidente no mercado brasileiro. “O agricultor hoje exige precisão no momento de efetuar o plantio. O cliente, que antes comprava uma máquina de sete linhas, hoje prefere uma de 12”, acrescentou. Em 99, a empresa lançou uma linha de plantadeiras de até 44 linhas, para o cultivo de arroz. Essa tendência também pôde ser comprovada em estandes como o da Semeato S.A., de Passo Fundo/RS. As novas máquinas projetadas pela empresa — pioneira na fabricação de produtos específicos para plantio direto e líder no segmento de equipamentos para plantio no País — estão cada vez mais pesadas, exigem tratores de maior potência e com manutenção mais simples. “O fabricante precisa ter em mente de que o agricultor precisa de um produto eficiente, com dispositivos que facilitem a operação na lavoura. Isso também é tecnologia”, confirmou Everton Corrêa, gerente de vendas da companhia, que neste ano colocou no mercado vários modelos de máquinas tanto para PD como para plantio convencional.

A FEIRA EM NÚMEROS:

Público pagante	275 mil pessoas
Animais expostos	4.075
Animais vendidos	722
Faturamento dos leilões	R\$ 1,69 milhão
Média por animal nos leilões	R\$ 2,3 mil
Animal mais caro	R\$ 67,2 mil
Montante financiado no Banco do Brasil (máquinas)	R\$ 12,5 milhões

Mais tecnologia da Expointer 99 na seção Novidades do Mercado, a partir da página 62.

Pulverizador Knapik



Para tratamento químico e orgânico em lavouras de feijão, soja e milho, também na horticultura, fruticultura e acabamentos em geral.

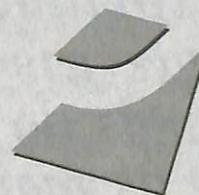
Controle as ervas daninhas, insetos e fungos, com maior facilidade, rendimento e qualidade, evitando o contato direto do operador.

INDÚSTRIA MECÂNICA KNAPIK LTDA.

Rua Prof. Alfredo Metzler, 480 - Fone: (0xx42) 522-2789
CEP 89.400-000 - PORTO UNIÃO - Santa Catarina
<http://knapik.qjb.net> - E-mail: knpk@zipmail.com.br



Faz qualquer animal crescer forte como um touro.



ProCálcio

Suplemento Mineral para Ração



Administração:
Benjamim Constant, 1175
Caçapava do Sul - RS
Fone: (55) 281.1462
Fax: (55) 281.2248

e-mail: mmonego@cp.conex.com.br

PLANING

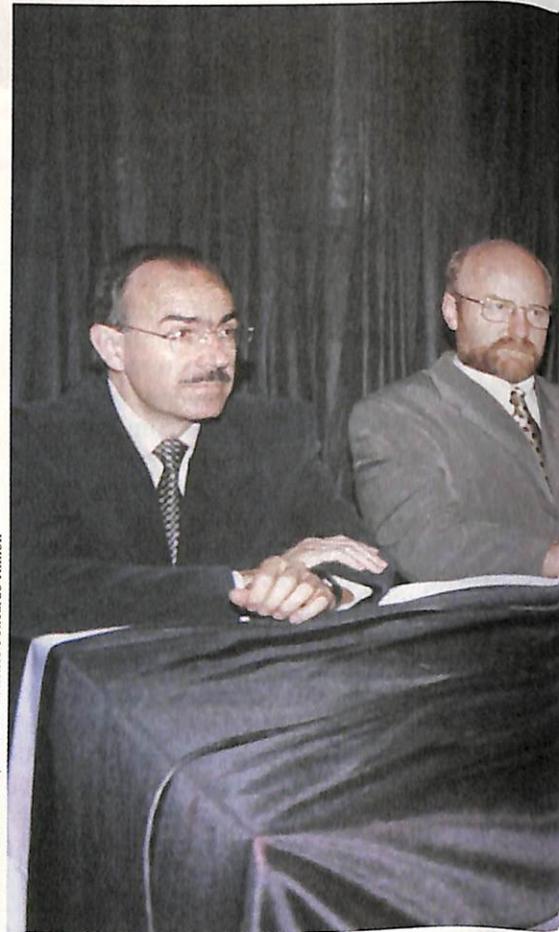
O agribusiness em



Pela décima-quarta vez consecutiva, a entrega dos Destaques A Granja do Ano mostrou todo o seu prestígio ao reunir autoridades federais e estaduais do setor e as mais expressivas lideranças

Considerado o mais prestigiado evento da Expointer 99, a cerimônia de entrega dos prêmios **Destaques A Granja do Ano**, ocorrida na noite de sexta-feira, dia 3 de setembro, demonstrou mais uma vez a força da revista **A Granja** no segmento agropecuário nacional. Participaram da festa de premiação as mais altas autoridades do agribusiness no País, bem como representantes de dezenas de empresas, produtores, pesquisadores e técnicos, de diversos estados brasileiros, que lotaram o auditório da Secretaria de Agricultura do Rio Grande do Sul, no Parque de Exposições Assis Brasil, em Esteio, na Grande Porto Alegre. Dentre os presentes estavam o ministro da Agricultura, Marcus Vinícius Pratini de Moraes; o governador do Rio Grande do Sul, Olívio Dutra; o deputado Frederico Antunes, representando a Assembleia Legislativa gaúcha; o delegado federal do Ministério da Agricultura no RS, Odalniro Paz Dutra; o secretário da Agricultura do RS, José Hermetto Hoffmann; o presidente da Federação da Agricultura do Rio Grande do Sul (Farsul), Carlos Rivacci Sperotto; e o presidente da Organização das Cooperativas do Rio Grande do Sul (Ocergs), Vicente Bogo.

Como acontece desde 1986, os homenageados com o troféu **Destaques A Granja do Ano** foram escolhidos em eleição livre, direta e democrática pelos milhares de leitores de **A Granja** espalhados por todo o território brasileiro. Os agricultores, pecuaristas, técnicos e empresários que levantaram o Destaque deste ano representam 25 diferentes segmentos do agribusiness do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Minas Gerais, Distrito Federal e Mato Grosso. Estes profissionais representam o que de mais avançado existe nos setores da indústria, pesquisa, produção de grãos e



Fotos: Leandro Cabral, Antônio Sanchez e Ricardo Rimoli

animal. Alguns dos agraciados, como a AGCO, de Canoas/RS; a Kepler Weber, de Porto Alegre/RS; e a Agribrands Purina, de São Paulo/SP, levantaram o troféu pela 14ª nos segmentos de tratores, silos e armazenagem e nutrição animal, respectivamente. São os grandes campeões nestas 14 edições. Outros, como a New Holland Latino-Americana, de Curitiba/PR (máquinas de colheita); e a Monsanto, sediada em São Paulo/SP (defensivos agrícolas), chegaram pela primeira vez para receber o prêmio.

Em seu discurso de abertura da cerimônia, o diretor-presidente de **A Granja**, Hugo Hoffmann, destacou que o prestígio de um veículo de comunicação com dimensões nacionais é medido pela sua capacidade de antecipar fatos e acompanhar passo-a-passo as revoluções nos seg-

nacional é homenageado noite de gala

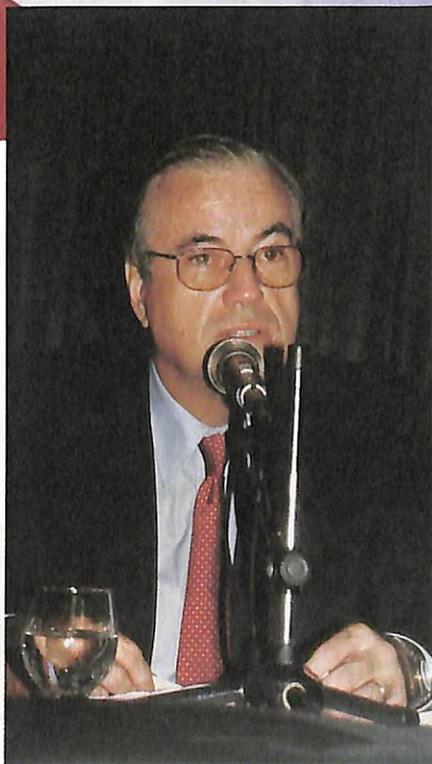
Mesa das autoridades: presidente da OCERGS, Vicente Bogo; secretário da Agricultura do RS, José Hermeto Hoffmann; ministro da Agricultura, Marcus Vinicius Pratini de Moraes; governador do Rio Grande do Sul, Olívio Dutra; diretor-presidente da revista A Granja, Hugo Hoffmann; representante da Assembleia Legislativa gaúcha, Frederico Antunes; delegado federal da Agricultura no RS, Odaluirio Paz Dutra; e o presidente da Farsul, Carlos Sperotto



mentos onde atua. Segundo ele, essa tem sido a filosofia da revista nestes quase 55 anos de atuação no mercado agropecuário brasileiro. E mais: o Brasil mudou, as fronteiras agrícolas se alargaram, e lá estava a revista, junto com o produtor, fornecendo e, ao mesmo tempo, recebendo informações. Para Hoffmann, os mais de 1 milhão de produtores gaúchos que migraram para o Centro-Oeste brasileiro nos anos 70 e 80 também se encarregaram tornar a revista ainda mais conhecida.

Quanto ao reaquecimento da produção e a evolução tecnológica dos equipamentos que fazem parte da rotina do homem do campo, Hoffmann destacou o arrojo e

Ministro Pratini de Moraes: é preciso "agredir" o mercado



a coragem com que o setor privado vem investindo em estratégias que estão tornando seus produtos mais competitivos tanto no Brasil como no mercado internacional, sem deixar de citar também os esforços do governo na adoção de medidas que visam melhorar o desempenho do agribusiness nacional. Em nome dos leitores de **A Granja**, Hoffmann cumprimentou os agraciados e destacou a capacidade e o espírito empreendedor de cada um deles, sem os quais eles não chegariam a um lugar de destaque dentro de seus respectivos segmentos.

Fórum — Mais do que uma cerimônia de premiação, o evento serviu de palco de reflexões sobre o momento que atravessa o setor agropecuário brasileiro, suas demandas e o potencial que o segmento representa dentro das pretensões do Governo Federal de exportar o equivalente a US\$ 100 bilhões/ano nos próximos três anos. Desse total, o agribusiness corresponde por US\$ 45 bilhões e é o que mais chance tem de cumprir a meta governamental. Desde o início do Plano Real, o setor é quem vem equilibrando as contas externas do País. Para tanto, o ministro Marcus Vinicius Pratini de Moraes tem pela frente um grande desafio: tornar o País apto a colocar seus produtos nos principais mercados consumidores sem sofrer embargos econômicos e sanitários. Isso vai exigir não só a habilidade do ministro para vender o produto nacional no exterior, como também maior agressividade da diplomacia brasileira na Rodada do Milênio, da Organização Mundial de Comércio (OMC), que acontece em Seattle, nos Estados Unidos, em novembro, quando serão definidas regras para o comércio internacional de produtos agrícolas e agroindustriais.

Em relação à nova rodada da OMC, alguns pontos merecem destaque. Por



Para a posteridade: troféu Destaque é o mais valorizado dentro do agribusiness

exemplo: uma parte das práticas protecionistas domésticas das nações desenvolvidas até pode ser aceita dentro do legítimo direito dos países de transferir parte da renda urbana para o meio rural, visando assegurar níveis mínimos de segurança alimentar, qualidade de alimentos, proteção ao emprego, ao meio ambiente entre outros motivos. O inaceitável, segundo Pratini, é a prática utilizada largamente pela Europa e Estados Unidos, de transferir o custo dessas ações para os agricultores de países competitivos como o Brasil, seja subsidiando créditos nas exportações, ou pelas barreiras tarifárias e não-tarifárias nas importações. Hoje, cerca de um terço das exportações totais brasileiras é coberta por sete culturas (café, açúcar, soja, celulose, carnes, laranja e fumo), que enfrentam todo tipo de práticas protecionistas no mercado mundial.

Buscando parcerias — Depois de cumprir as agraciados e a direção da revista **A Granja**, o ministro Pratini de Moraes falou da necessidade de se estabelecer estratégias mais agressivas para multiplicar o volume de exportações agropecuárias do País, e insistiu na idéia de que para isso é fundamental que haja investimento em pesquisa e tecnologia. “É a forma mais eficiente de cortarmos custos para sermos competitivos com os produtos subsidiados da Europa e Estados

Governador Olívio Dutra e Hugo Hoffmann: os agraciados geram emprego e alavancam o desenvolvimento do País



Unidos”, garantiu. No entanto, um problema ainda persiste e que, pelo jeito, deverá afetar o desempenho da safra 99/2000: o endividamento dos produtores. Como o Congresso derrotou a proposta de perdão de parte das dívidas dos ruralistas, a meta de atingir a produção de 100 milhões de toneladas até 2001 também começa a se tornar um sonho distante. Pratini afirmou ainda que o produto agropecuário e a renda do produtor não podem depender de instrumentos oficiais de crédito, mas também têm de se valer das ferramentas de mercado, como a bolsa de futuros.

No discurso que encerrou cerimônia de premiação dos **Destques A Granja do Ano**, o governador do Rio Grande do Sul, Olívio Dutra, elogiou a iniciativa da revista **A Granja** que, através do evento, consegue reunir num só local tantas personalidades que decidem o agribusiness nacional. Aos homenageados, Dutra destacou a importância de cada cate-

goria no desenvolvimento do agribusiness e na geração de empregos. Ele concordou com o discurso do ministro da Agricultura, mas cobrou do Governo Federal políticas mais claras de apoio ao desenvolvimento do setor produtivo primário nacional, ainda relegado a segundo plano pelo Planalto. O governador brincou dizendo que como o ministro “estava surdo de tanto falar, ele voltaria para Brasília rouco de tanto ouvir”. Num discurso menos agressivo que o habitual, o governador salientou que somente via pesquisa e tecnologia será possível atingir um grau satisfatório de desenvolvimento econômico. “É necessário ainda despertar em cada região suas vocações econômicas, agregando a elas outras atividades com capacidade de trazer novos investimentos, distribuir renda e responder o desafio do próximo século, que é produzir desenvolvimento e gerar empregos, respeitando a vida e o meio ambiente”, concluiu.



Governador do Rio Grande do Sul, Olívio Dutra, entrega a Afonso Marinho Baldrati, da Batavo, o Destaque Pecuária de Leite

O ministro da Agricultura, Marcus Vinícius Pratini de Moraes, entrega o Destaque Pecuária de Corte a David Makin, da Agropecuária CFM



O diretor-presidente de A Granja, Hugo Hoffmann, entrega a Elizabeth Amaral Lemos, da ABCCC, o Destaque Equinos

O deputado Frederico Antunes, representante da Assembléia Legislativa gaúcha, entrega a Armando Garcia de Garcia o Destaque Ovinocultura



Vicente Bogo, presidente de Ocergs, faz a entrega do Destaque Suinocultura a Leucir Merlo, da Sadia



Delegado do Ministério da Agricultura no RS, Odalhiro Paz Dutra, entrega a Luiz Alberto Vogel, da Purina, o Destaque Nutrição Animal

José Hermeto Hoffmann, secretário da Agricultura do RS, entrega o Destaque Defensivos Animais a Jorge Enrique Solé, da Merial



O ministro da Agricultura, Pratini de Moraes, faz a entrega do Destaque Sementes a Daniel Glat, da Pioneer



Governador do RS, Olívio Dutra, entrega a Werner Santos, da AGCO, o Destaque Tratores

Hugo Hoffmann, de A Granja, entrega a Marcelo Rossato, da Semeato, o Destaque Implementos para Preparo de Solo e Plantio

Deputado Frederico Antunes faz a entrega do Destaque Adubos e Corretivos a Fernando Penteadó Cardoso Filho, da Manah



Odalniro Paz Dutra, delegado do Ministério da Agricultura no RS, entrega a Francesco Pallaro, da New Holland, o Destaque Máquinas de Colheita



Deputado Frederico Antunes faz a entrega do Destaque Defensivos Agrícolas a José Aurélio Pedroso, da Monsanto

Vicente Bogo, da Ocergs, faz a entrega do Destaque Sistema de Irrigação a Bernhard Kiep, da Valmont



O secretário da Agricultura do RS, José Hermeto Hoffmann, entrega a Othon D'Eça Cals de Abreu, da Kepler Weber, o Destaque Silos e Armazenagem

Pratini de Moraes, ministro da Agricultura, entrega a Oswaldo Jardim, da Ford, o Destaque Caminhões

Hugo Hoffmann, da revista A Granja, entrega o Destaque Produtor de Arroz a Emilio Lessa, representante da Cooperativa Extremo Sul



Deputado Frederico Antunes faz a entrega a Itamar Locks, do Grupo Maggi, do Destaque Produtor de Soja

Presidente de Farsul, Carlos Rivacci Sperotto, entrega a Alfredo Lang, da Coopervale, o Destaque Produtor de Trigo



Odalniro Paz Dutra, delegado federal do Ministério da Agricultura, entrega o Destaque Produtor de Vinho a Carlos Gilberto Zanotto, da Vinícola Aurora



Vicente Bogo, da Ocergs, faz a entrega do Destaque Pesquisa Agropecuária a Alberto Duque Portugal, da Embrapa

José Hermeto Hoffmann, secretário da Agricultura do RS, entrega a Sérgio Panceri, da Coamo, o Destaque Cooperativismo

Ministro Pratini de Moraes entrega o Destaque Banco a Eduardo Burgos, do Banco do Brasil



Devagar com as “reformas”

Eduardo Diamantino é advogado tributarista
daa@diamantino.adv.br

As principais lideranças políticas do País — do Legislativo e do Executivo federal — anunciam que irão reformular o sistema tributário nacional. Não há motivo para surpresas. Desde 1992, são constantes os anúncios de reforma tributária. Nesta terra da fantasia, já surgiu até proposta de imposto único.

Analisando-se as 98 propostas alternativas no âmbito da Comissão da Câmara — entre as quais uma que tributa vícios e outra que atribuiria o julgamento de crimes tributários ao tribunal do júri —, é de se temer que, em cenário tumultuado, as mudanças provoquem um retrocesso no sistema tributário nacional.

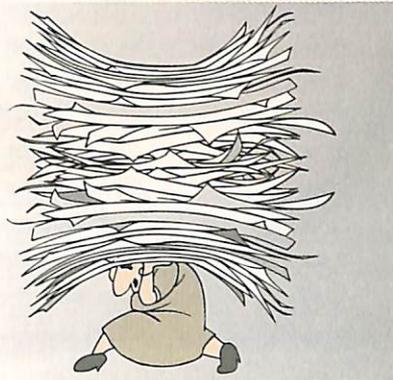
Para tornar a proposta atraente, no primeiro momento, prometeram reduzir a carga tributária, racionalizar o sistema, simplificando as rotinas fiscais e proporcionar o desenvolvimento econômico com o estímulo à produção e a redução do desemprego.

Apresentado o relatório costurado na Câmara dos Deputados, com a assinatura do deputado piauiense Mussa Demes, do PFL — que é técnico em Contabilidade —, o que se viu foi algo diferente. Em toda a reforma, o tributo de maior destaque é o Imposto sobre o Valor Agregado, apresentado como fusão do Imposto sobre Produtos Industrializados e Imposto Sobre Circulação de Mercadorias e Serviços a ser recolhido pela União.

Há sete anos, quando a Comissão de Reforma Fiscal do Governo Federal era presidida pelo professor Ary Oswaldo Mattos Filho, já se encampava o atual Imposto Sobre Serviços. Na versão 99 da Reforma, existe ainda outro Imposto sobre o consumo, tem o nome de Imposto sobre Vendas a Varejo (IVV).

Interessante notar que este Imposto (IVA) é um tributo globalizado — mais uma cópia legislativa — produzida em nosso País. Na França, é conhecido por TVA (*taxe sur la valeur ajoutée*); na Inglaterra, pela mesma sigla (*value added tax*); e na Alemanha, onde foi implantado inicialmente, pela alcunha MWS (*mehrwertsteuer*).

A tributação sobre consumo, atuais IPI e ICMS (futuro Imposto sobre Valor Agregado), é algo perverso. Atualmente, o regime, como regra geral, é dividido entre origem e destino. Ou seja, o produto agrícola vendido à alíquota de 18% tem 12%



destinados ao estado produtor e 6% ao estado comprador.

Por esse mecanismo, durante anos, estados desenvolvidos puderam investir em estradas (bem ou mal), pesquisa e fomento de suas atividades produtivas. Pelo novo regime, todo o imposto irá para o estado que recebe a mercadoria.

Assim, a produção é desestimulada. O estado de origem da mercadoria doa o ICMS para o estado consumidor.

Existem estudos que, no caso dos estados que produzem mais do que consomem, como São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul, a perda será de 16% de suas receitas — o que, no quadro atual, será o caos. Este é um dos graves defeitos da proposta do governo. O texto anterior, divulgado pelo deputado Antônio Kandir (PSDB-SP), previa a existência de um fundo de compensação que minimizava o problema e o prejuízo dos estados produtores.

O relatório de Mussa Demes, porém, demonstra que o *lobby* das regiões menos produtivas — como a de Brasília, por exemplo — falou mais alto.

Nos moldes propostos, o que se vê é que um novo sistema tributário está sendo planejado para atender interesses específicos. A concentração da arrecadação nas mãos do Governo Federal facilitará o favorecimento a aliados políticos, em detrimento de vozes dissonantes. Será um retrocesso no sistema federativo, tendendo para o centralismo totalitário.

Uma vez federalizado, como proposta, deixaria os estados governados por oposicionista ao governo central em posição frágil. Principalmente se, no exercício da Presidência, encontrarmos alguém com características de despota.

Interessante notar também a desvinculação do famigerado Empréstimo Compulsório do princípio da anterioridade. Pela proposta, decidindo ao Congresso a necessidade de investimentos públicos de caráter urgente e relevante interesse social, os mesmos podem ser instituídos automaticamente. Cabe aqui uma retrospectiva histórica sobre política tributária. No início do século, a União, quando precisava financiar obras, emitia apólices prometendo seu pagamento para um futuro incerto, longínquo (que chegou). Muito depois, sob a égide da Constituição de 67, usou de um empréstimo compulsório surpresa, que lesou os contribuintes. Em 1988, os contribuintes o vincularam ao exercício financeiro seguinte; ou seja, instituído em 1999, só poderia ser aplicado em 2000. Queriam prevenir-se do susto de 1986. Agora, pretendem pôr fim a esta garantia e deixar tudo como era antigamente. Cabe a pergunta: esquecimento ou negligência?

A pretendida quebra do sigilo fiscal para combater a sonegação fiscal é outra medida que, na melhor das hipóteses, inócua. Na pior delas, é potencializadora do mal. A realidade mostra que a elisão fiscal (exploração das brechas e ambigüidades nas leis para deixar de pagar tributos) aumenta à medida em que se mudam as regras jurídicas, sonegando direitos anteriormente conquistados (como o sigilo bancário). Manter o sigilo bancário não implica existência de sonegação. O que a estimula é a insegurança jurídica provocada por constante alteração nos direitos, dos cidadãos. Para não dizer que a proposta de reforma é imprestável em sua totalidade, existe de positivo a eliminação da tributação em cascata do PIS, Cofins e CPMF.

Não há dúvida de que a legislação tributária brasileira merece aperfeiçoamento no plano infraconstitucional.

No plano constitucional, se for para imitar exemplos do chamado Primeiro Mundo, o ideal, talvez, fosse espelhar-se na durabilidade das regras de países como a Suíça, onde os mesmos princípios básicos vigoram há 600 anos; ou nos Estados Unidos, que cultuam o mesmo regramento fundamental há mais de dois séculos.

Mas o furor legiferante brasileiro parece insaciável. Primeiro com regras e mais regras. Depois, com distorções e mais distorções. ■

Água no comedouro

Pesquisadores da Embrapa Suínos e Aves, de Concórdia/SC, analisam o desempenho do plantel mediante o fornecimento de água dentro do comedouro

Cláudio Bellaver, Antônio Guidoni, Gustavo de Lima e Daniela La Gioia

A produtividade dos suínos tem evoluído muito devido a melhorias na nutrição dos animais. Entretanto, o setor de equipamento destinados à produção só mais recentemente tem apresentado pequenas novidades. Um dos equipamentos mais importantes na produção de suínos é o comedouro, pois relaciona-se diretamente com o consumo de alimentos, item que representa cerca de dois terços do custo de produção. O fornecimento de água dentro do comedouro possibilita o aumento do consumo de ração úmida. No entanto, esta prática tem sido questionada. Será que ela traz vantagens ao suinocultor? Sabe-se que o fornecimento de ração úmida à vontade para suínos de crescimento e terminação aumenta o ganho de peso e o consumo de ração, mas, por outro lado, pode haver diminuição da bonificação pelo aumento da gordura na carcaça.

Assim, para tirar esta dúvida do produtor e determinar se há vantagens e quantificá-las, foi testado o fornecimento de água através de bebedouros tipo chupeta colocados dentro e/ou fora do comedouro. A vazão de fornecimento da água que era armazenada em caixa junto ao forro



A Granja

da instalação foi ajustada pelo dispositivo fornecido pelo fabricante, sendo de 1,5mm o furo para vazão de água no bebedouro e semelhante em todos os bebedouros. Os tratamentos consistiram de: 1) fornecimento de água através de bebedouro do tipo chupeta colocado dentro do comedouro na câmara de consumo, proporcionando ração úmida e também bebedouro colocado na parede oposta ao comedouro; 2) bebedouro chupeta colocado apenas dentro da câmara de consumo do comedouro, proporcionando ração úmida; e 3) bebedouro chupeta apenas na baía na parede oposta ao comedouro, proporcionando ração seca.

Os animais, testados em grupos de machos castrados e de fêmeas, eram filhos de cachasos MS58 da Embrapa. Ração farelada à base de milho e farelo de soja e também a água foram fornecidos à vontade. A composição das dietas foi semelhante para todos os exemplares e atendeu as exigências dos animais em nutrientes em todas as fases de produção. Os animais iniciaram o experimento com um peso médio inicial de 22,4kg.

A fase de crescimento durou 42 dias e a de terminação 61 dias, perfazendo 103 dias totais de experimento. Sob as baias de piso totalmente ripado, os efluentes da produção — constituídos por fezes, urina, secreções, pêlos, desperdícios de ração e de água dos bebedouros — foram retidos, succionados através de bomba e medidos, no final da fase de crescimento e no término do experimento. No final do experimento, os animais foram enviados

ao abate, e as variáveis de carcaça foram obtidas através de pistola de tipificação de carcaça. Os dados de bonificação e valor recebido foram registrados pelo sistema de tipificação de carcaças do abatedouro.

Resultados e comentários — Os resultados obtidos são mostrados na Tabela 1 e indicam que os ganhos de peso dos animais com bebedouro dentro do comedouro, ou combinação de bebedouros no comedouro e na parede, foram superiores àqueles com bebedouro somente na parede. Tal como o ganho de peso, o consumo de ração teve o mesmo padrão para as combinações de bebedouros e comedouros estudados. Não foram observadas diferenças na conversão alimentar devidas aos tratamentos, embora fossem anotadas diferenças em função do sexo.

Os efluentes produzidos por quilo de suíno vivo dos animais com bebedouro apenas no comedouro (tratamento 2) foram menores que aqueles que tinham bebedouro à disposição na parede da baía (tratamentos 1 e 3). O ganho de peso e o consumo de ração no período total foi maior para os machos castrados do que para as fêmeas, sendo esse um fator amplamente conhecido. Quanto à quantidade de carne na carcaça, não houve diferença devidas aos comedouros/bebedouros. As diferenças ocorridas foram devidas ao sexo, sendo que os machos castrados tiveram maior espessura de toucinho e menor percentagem de carne na carcaça, tendo recebido menor bonificação do que as fêmeas.

A receita em reais, recebida pelos suínos, apresentou uma interação de sexo e bebedouros. No caso de fêmeas alimentadas com bebedouro na parede (ração seca), houve uma menor receita em comparação com os demais tratamentos. Por sua vez, não houve diferenças de receita devidas aos tratamentos dentro do grupo de machos. Outra maneira de analisar a resposta é através da margem bruta, que considera o peso da carcaça, o consumo de ração, a bonificação e o preço dos suínos e da ração.

Nessa variável, os tratamentos foram influenciados, dependendo do sexo. Os machos com bebedouro dentro do comedouro apresentaram semelhante lucratividade que os demais tratamentos, os quais foram diferentes entre si. No caso das fêmeas, o bebedouro na parede apresentou menor lucratividade que os demais, os quais não diferiram entre si.

Com base nos resultados e conhecimento existente, verifica-se que o uso de comedouros com bebedouro na câmara de consumo é dependente do sexo e genética dos animais. Nesse estudo, a genética utilizada foi da Embrapa, com a linhagem MS58. Linhagens com maior apetite tenderão a uma maior deposição de gordura

— Tabela 1 —
EFEITOS DE BEBEDOUROS DENTRO E (OU) FORA DO COMEDOURO EM MACHOS CASTRADOS E FÊMEAS

Variáveis analisadas	Machos			Fêmeas		
	Bebedouros na parede e no comedouro	Bebedouro dentro do comedouro	Bebedouro só na parede	Bebedouros na parede e no comedouro	Bebedouro dentro do comedouro	Bebedouro só na parede
Peso inicial, kg	22,3	22,3	22,1	22,5	22,8	22,6
Peso final, kg	113,7	115,6	110,0	109,9	114,4	101,3
GPD ¹ , g	888	906	853	848	889	764
CMDR ² , g	2524	2553	2264	2209	2326	2036
Conversão alimentar	2,84	2,82	2,66	2,60	2,61	2,66
Efluentes/kg suíno produzido, L	3,53	2,77	4,30	3,68	3,15	3,62
ET ³ , mm	18,18	18,37	17,06	14,56	15,07	14,24
PL ⁴ , mm	58,19	60,80	60,01	65,07	64,82	59,40
Carne na carcaça, %	56,41	56,76	57,35	60,37	59,96	60,07
Bonificação no abate, %	12,43	12,73	13,64	19,64	18,91	17,49
Reais/animal (preços em 8/98)	107,13	110,01	107,23	112,64	116,17	102,71
Margem bruta	21,02	22,65	26,21	32,01	32,72	26,03

¹GPD = ganho de peso diário; ²CMDR = consumo médio diário de ração; ³ET = espessura de toucinho; ⁴PL = profundidade de lombo

na carcaça. Para outras linhagens, esses comedouros deveriam ser testados para quantificar a margem bruta. Entretanto, além do item lucratividade, deve ser considerado o aspecto de poluição ambiental

causada pelos efluentes da produção de suínos. O comedouro com bebedouro apenas na câmara de consumo produz menos efluentes de produção, sendo recomendável, portanto, a sua utilização.

Conclusões

Em função dos resultados obtidos, pode-se concluir que:

- os animais alimentados através de comedouros providos de bebedouros na câmara de consumo (tratamento 2) apresentaram maior ganho de peso e consumo de ração;

- todos os tratamentos (com ou sem bebedouros) proporcionaram condições para que os animais apresentassem carcaças com porcentagem de carne e espessura de toucinho semelhantes;

- animais alimentados com água proveniente apenas de bebedouro instalado na câmara de consumo do comedouro produzem menores quantidades de efluentes por quilo

de suíno produzido, contribuindo para diminuição da poluição ambiental;

- a análise da margem bruta indicou que com machos castrados não há diferença na lucratividade com comedouros providos de bebedouro em sua câmara de consumo (ração úmida) ou na parede (ração seca); entretanto, para fêmeas, há desvantagem no fornecimento de ração seca. 

Na revista

a granja

de novembro a pauta é

IRRIGAÇÃO

Ainda: O humor de Eduardo Almeida Reis - As seções de cartas e consultas

Chegou Roundup Transorb. Você no controle.





0800 15 62 42

O ÚNICO COM TECNOLOGIA TRANSORB.

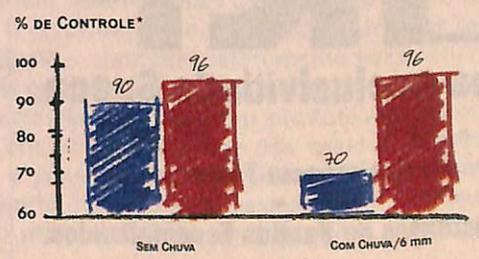
O MATO E O TEMPO NÃO PODEM SER MAIS FORTES DO QUE A LAVOURA, do que o seu trabalho, do que a sua vontade.

Chegou Roundup Transorb. O mais poderoso Roundup: controle total do mato, poder total sobre o tempo, o clima, a chuva, o orvalho. Poder total sobre sua lavoura.

Roundup Transorb tem uma performance insuperável, faça sol ou chuva, calor ou frio, em folhas largas ou estreitas. Só ele traz toda a força dos resultados de Roundup, associada à mais inovadora tecnologia de controle do mato – a exclusiva tecnologia Transorb: absorção e translocação em apenas 60 minutos. Por isso, você pode aplicar Roundup Transorb até em dias chuvosos e semear já no dia seguinte, sem risco de rebrote – nada escapa ao controle total de Roundup Transorb.

Com Roundup Transorb você desseca o mato e planta antes, para colher mais depois. Semanas agora são dias. E dias são minutos.

TOLERÂNCIA À CHUVA.



■ ROUNDUP WG ■ ROUNDUP TRANSORB

*Capim Colonião (*Panicum maximum*), 60 minutos depois da aplicação. Fonte: Monsanto, Estação Experimental, Golatuba, safra 1998/1999.

Peça o Manual de Aplicação Roundup Transorb para Monsanto Atendimento ao Cliente, pelo telefone 0800-156242.

Classe Toxicológica III - Medianamente Tóxico

ATENÇÃO

Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

Consulte sempre um Engenheiro Agrônomo



Venda sob receituário agrônomo



Por dentro da Ferrari

Desde 1947 a SKF é parceira técnica e fornecedora oficial de rolamentos para a Escuderia Ferrari.

Juntas formaram uma das mais vitoriosas equipes da Fórmula 1. Saiba mais sobre a SKF e a Ferrari visitando o site www.skf.com.br



Toda tecnologia encontrada na Fórmula 1 agora também a sua disposição na agricultura.

ROLAMENTOS ABAULADOS SKF

Uma exclusividade Sueca.

Assistência Técnica.

Assistentes de Vendas Especializados.

Atendimento 24 horas.

Estoque Permanente.



Sueca

Distribuidor Autorizado SKF e SABÓ

ROLAMENTOS - BUCHAS - MANCAIS

Rua Ernesto da Fontoura, 621 - Porto Alegre - RS

Fone/Fax: (051) 3378477

e-mail: acaleffi@zaz.com.br

AGRICULTURA



E MEIO AMBIENTE

Preservar as águas

José Maurício de Toledo Murgel / Diretor do Instituto Rural do Meio Ambiente (IRMA) Fone (14) 622-1356

É sabido que, num futuro próximo, a humanidade sentirá os horrores da falta de água potável. Muito mais do que os alimentos, a água será a causa de sofrimentos e de uma eventual guerra mundial. Se assim for, o Brasil será alvo das grandes populações, pois só a Amazônia possui mais de um quinto das reservas mundiais de água doce. Grupos internacionais já estão se movimentando na sugestão de que as diversas tribos indígenas da Amazônia deveriam ser nações independentes. Nossas riquezas minerais, incluindo as águas, já despertam cobiça. Sem dúvida, será mais fácil esbulhar uma tribo indígena com um mau acordo do que uma nação soberana como o Brasil.

Visando à preservação e a diminuição do desperdício, algumas autoridades governamentais já estão, claramente, propondo a taxaço pelo uso agrícola da água. Uma das medidas mais recentes é a inscrição obrigatória de todos os sistemas de irrigação tramitando no Conselho Nacional de Meio Ambiente (Conama).

Ninguém melhor que o agricultor sabe da importância de uma água de boa qualidade. Consumimos água em todas as nossas atividades: nas plantações, nas criações e na limpeza de instalações. Já o homem urbano, na sua grande maioria, só usa a água em atividades pessoais, como consumo e higiene. A grande líder israelense Golda Meir, ao conhecer o Brasil, exclamou: "como pode um país com tanta água ter tantos problemas?"

Nossa fartura de água é tanta que nem nos apercebemos que este é um recurso finito e em vias de desaparecer. Certa feita, visitando um cliente, grande fazendeiro da região de Morro Agudo/SP, em determinado ponto, ao chegarmos à beira de um córrego, percebi a sua surpresa ao afirmar que, na juventude, ele pulava de uma pedra num remanso, que também era um ótimo local para pesca. Nesse ponto, o rio já estava raso e sujo, podendo ser atravessado a pé, "a vau", como dizem nossos caboclos. Expliquei que era o resultado do assoreamento devido à falta de matas ciliares e de alguma deficiência na conservação do solo, que arrastava a terra agrícola para dentro do córrego.

Em Jahu/SP, a Prefeitura Municipal gastou uma fortuna na construção de um lago destinado ao lazer e ao paisagismo, com o fechamento de um córrego oriundo de áreas rurais. Em pouco tempo, o lago ficou cheio de terra, obrigando novos gastos para a remoção do entulho, a construção de ou-

tra barragem à montante e a dotação de uma verba anual para a limpeza desta nova barragem. Aliou-se uma absoluta falta de planejamento com o normal, mas maléfico, assoreamento dos rios!

Estes fatos mostram que nossos rios menores já estão entrando em fase terminal. Dentro em breve, a areia cobrirá a água, e os rios serão subterrâneos, só correndo acima da terra nas épocas das chuvas. Teremos os rios temporários, muito conhecidos no Nordeste. Este é um grande problema nacional que afeta toda a sociedade. De nada adianta culpar os agricultores ou tentar fazer com que apenas eles arquem com os custos desta preservação. O Artigo 18 do Código Florestal, Lei federal 4.771/65, remete a responsabilidade desta preservação ao Poder Público Federal:

"Lei 4.771/65 — Art. 18 — Nas terras de propriedade privada, onde se fizer necessário o florestamento ou o reflorestamento de preservação permanente, o Poder Público Federal poderá fazê-lo sem desapropriá-la, se não o fizer o proprietário.

§ 1º — Se tais áreas estiverem sendo utilizadas com culturas, de seu valor deverá ser indenizado o proprietário.

§ 2º — As áreas assim utilizadas pelo Poder Público Federal ficam isentas de tributação."

Assim, vê-se que o agricultor perde o uso, mas não a propriedade, da terra, devendo receber pelo valor desta, acrescido do valor das culturas existentes. Ocorre que nem o agricultor nem o Poder Público Federal dispõem de recursos para esta necessária reposição ou indenização. Diante deste impasse, além de um amplo programa de educação ambiental, entendo que a única solução será o de fornecer algum incentivo que motive o agricultor a reflorestar as áreas onde outrora existiram as florestas de preservação permanente.

Em nome desta idéia, com o apoio dos Sindicatos Rurais de Ribeirão Preto e Guariba/SP, estou apresentando ao Conama um projeto onde, com verbas arrecadadas do consumo da madeira, se forneça ao agricultor mudas e outros incentivos para o reflorestamento. A única restrição é que a exploração seja feita por manejo sustentado, onde o corte raso seja proibido. Dar-se-á preferência aos projetos que indiquem o plantio das florestas onde sejam explorados produtos florestais como látex, resinas ou frutos.

DEFESA VEGETAL



ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE DEFESA VEGETAL

OUTUBRO DE 1999

25 ANOS EM DEFESA VEGETAL

Criada por inspiração de diretores de empresas fabricantes de produtos fitossanitários no Brasil, a Associação Nacional de Defesa Vegetal — ANDEF — comemorou dia 24 de setembro os 25 anos de sua fundação, sem festa mas, o que é mais significativo, com pleno reconhecimento, pela comunidade brasileira, sobre a importância de seu papel e de suas associadas no desenvolvimento da agricultura nacional. Meta que, no fundo, estava delineada como essencial à sua longa e profícua existência, pois sem o aval da sociedade, particularmente de seus segmentos diretamente interessados, o trabalho da ANDEF certamente jamais teria assumido a dimensão que hoje possui. Enfim, uma história que merece registro, uma vez que é capítulo indissociável da própria história da pujante agricultura brasileira.

No ano de 1974, a visão dos fundadores ia além da necessidade de criação de um organismo para a representação institucional do setor: a premência era colocar o Brasil, até então ausente, dentro dos fóruns internacionais de regulamentação e fiscalização, tais como o CODEX Alimentarius, por exemplo, de modo que a defesa vegetal assumisse o “status” necessário à inserção do agronegócio do país no cenário mundial. Os desafios eram enormes, iniciando-se pela urgência da criação de uma legislação ajustada aos novos tempos, pois a que existia era de 1934, corporificada em Decreto presidencial. As preocupações, a partir daí, eram muitas, porquanto o que era seguido inspirava-se no Código de Conduta da FAO, instrumento de adesão voluntária. A ANDEF e suas associadas passaram a discutir temas como Receituário Agrônomo, manejo integrado de pragas, intoxicações, resíduos em alimentos, equipamentos de proteção individual, destinação de embalagens vazias, defesa do ambiente, produção agrícola sustentável, proteção de dados intelectuais e outros.

A colaboração instrumental da ANDEF, para o avanço da defesa fitossanitária no Brasil, começou então a ser percebida nas mais diversas esferas. Em âmbito federal, foram profundas as contribuições para o trabalho de regulamentação, conduzido pelos Ministérios da Agricultura, da Saúde e IBAMA. Com o CONAR, estabeleceram-se as bases para a auto-regulamentação do setor no campo propaganda, de modo que as peças publicitárias fossem tecnicamente precisas e absolutamente éticas.

A consciência de que o cumprimento dos objetivos exigia a conquista de parceiros, identificados com a causa da agricultura, orientou as ações em novos territórios, nos quais os resultados foram surgindo. Com integrantes do agronegócio, firmaram-se parcerias fundamentais: para educação do homem do campo, com o SENAR, por exemplo, através de cursos, palestras, dias de campo, de ensinamentos sobre a tríplice lavagem dos recipientes vazios; da discussão e aprovação de normas técnicas por órgãos oficiais, como a ABNT; do incentivo ao desenvolvimento de EPIs (Equipamentos de Proteção Individual) adequados às condições do Brasil; da realização

de simpósios, congressos e cursos sobre defesa vegetal.

Se hoje o Brasil tem uma das mais avançadas legislações do mundo na área fitossanitária, se pratica com enorme sucesso o manejo integrado, caminha celeremente para solucionar o problema das embalagens vazias no campo, inclusive com soluções de reciclagem, conta com produtos de última geração e dialoga em pé de igualdade nos mais diferentes fóruns, a ANDEF e suas associadas podem escrever, sem modéstia, que são parte desses capítulos essenciais da história do agronegócio brasileiro, com contribuições inegavelmente decisivas.



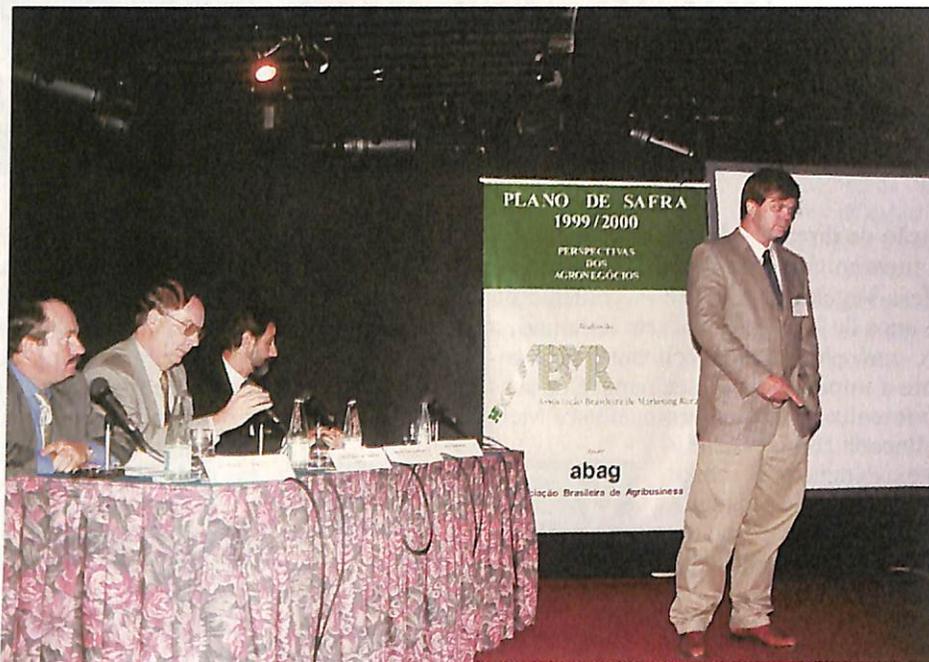
**Defensivos:
reação no
Ano 2000
pág. 2**



**Tecnologia
avança na
fruticultura
pág. 3**

SETOR DE DEFENSIVOS SÓ DEVE REAGIR EM 2000

Rui: “Um momento de acomodação importante, base para um começo de safra melhor.”



Carlucci: “Desvalorização em momento crítico”

Apartir da esquerda: Matielli, Cristiano, Carlucci e Rui

“Acreditamos em uma reação do mercado de produtos fitossanitários somente no ano 2000.” Esta foi a previsão feita por Rui Goerck, Diretor da BASF e membro do Conselho Diretor da ANDEF, no seminário promovido pela Associação Brasileira de Marketing Rural (ABMR), em São Paulo, com o objetivo de discutir os atuais rumos do agronegócio no Brasil. Quanto às expectativas para 1999, ele prevê uma queda entre 5% e 10% em relação a 1998, o que representaria para o setor um desempenho com negócios em torno de US\$ 2,4 bilhões. Para um mercado que chegou a crescer a taxas de 18% em anos anteriores, Rui Goerck considera o ano de 1999 como

“momento de acomodação importante, capaz de representar uma base melhor para um começo de safra, no ano 2000, mais ajustado.”

A idéia de que o mercado não crescerá em 1999 foi unanimemente compartilhada pelos integrantes da mesa que colocou o assunto em discussão, coordenada pelo Presidente Executivo da ANDEF, Cristiano Walter Simon, com a participação dos debatedores Nivaldo Carlucci, Diretor de Marketing da Dow AgroSciences, e Armando Matielli, Diretor de Marketing da Bayer.

Contribuição fundamental para a formação deste quadro foi, segundo Nivaldo Carlucci, “o nível de financiamento ao agricultor na safra pas-

sada, que atingiu US\$ 1,75 bilhão, e a desvalorização do real, que ocorreu em uma hora crítica, ou seja, entre o momento de venda dos produtos e o recebimento dos recursos financiados.”

No cenário desenhado, ele acredita que os herbicidas serão a classe de produtos mais afetada pela retração. Cristiano Walter Simon, concordando com Nivaldo, lembrou que “além do alto nível de endividamento, do qual 30% ainda estão em negociação e/ou em inadimplência, existe a impossibilidade do repasse do reajuste cambial, representando um fator agravante da situação, juntamente com a falta de recurso para o financiamento da nova safra”.

Curt@

SENAR — Reunião bastante produtiva, convocada por iniciativa do presidente da FAESP, Fábio de Salles Meirelles, e realizada dia 5 de agosto de 1999, com a participação do Presidente Executivo da ANDEF, Cristiano Walter Simon, o Gerente do Comitê de Educação e Treinamento da ANDEF, Marçal Zuppi, e o Presidente do Sindicato Rural de Buri, Alexandre Kriechle, resultou em um compromisso mútuo de firmar con-

vênio de cooperação, entre o SENAR-SP e a ANDEF, para treinamento de agricultores em São Paulo.

ALGODÃO — Promoção conjunta da Embrapa, Instituto Biológico e Andef, o “II Congresso Brasileiro de Algodão” foi realizado em Ribeirão Preto, de 5 a 10 de setembro, com uma programação que incluiu, paralelamente, o seminário sobre o “Projecto de Manejo Integrado del Picudo del Algodonero em Argentina, Brasil y Paraguay” e

o “Dia do Cotonicultor”, evento científico voltado a levar ao agricultor, através de atividades e palestras práticas, o conhecimento e os avanços científicos e técnicos na cultura do algodoeiro. Montado e organizado pelos pesquisadores do Instituto Agrônomo de Campinas, sob a presidência da doutora Zuleide Alves Ramiro, o Congresso recebeu mais de 1000 participantes, com apresentações e debates sobre temas momentosos como algodão transgênico, mosca branca, algodão no Mercosul, algodão colorido,

ANDEF APÓIA TECNOLOGIA EM FRUTICULTURA

Sob a liderança da EMBRAPA, a aplicação do conceito de “Produção Integrada” às principais culturas do submédio do Vale do São Francisco, que hoje conta com 36.000 ha de área plantada e produz 682.500 toneladas de frutas, com destaques para a banana (185.000t), o coco verde (162.000 t) e a uva (110.000 t), recebeu o apoio da Associação Nacional de Defesa Vegetal (ANDEF) para a criação de um “Programa de Treinamento de Monitores Ambientais”, que numa primeira fase capacitará 180 engenheiros agrônomos para atuar no campo, buscando orientar e conscientizar o produtor rural sobre a necessidade de aplicar os princípios da Produção Integrada para atingir o nível competitivo exigido pelo mercado internacional. O lançamento do Programa ocorreu na unidade da EMBRAPA de Jaguariúna, São Paulo, dia 13 de setembro.

“Ao atuar em todos os níveis do processo de produção, agindo desde a seleção da muda, os Monitores são de fundamental importância, porque cada vez mais o comprador externo do produto brasileiro exige qualidade total, tendo substituído aquela visão de beleza e exotismo, que influenciava a compra, pelo sabor e qualidade alimentar da fruta”, explica Luciano Cezar Rocha Azevedo, Gerente Administrativo Financeiro da Valexport, a Associação de Produtores e Exportadores do Vale do São Francisco, que reúne 1500 associados, responsáveis por 85% da produção de frutas daquela região.

O pesquisador Aderaldo de Souza Silva, há 25 anos trabalhando na EMBRAPA, dos quais 20 no Nordeste, res-



Aderaldo de Souza Silva, da Embrapa: a Produção Integrada veio para valorizar a quem, de fato, é referência sobre o assunto

salta que o projeto possui duas vertentes importantes: uma voltada à qualidade das águas e outra à qualidade ambiental, explicando a importância desta abrangência de enfoque: “A Produção Integrada veio para valorizar a quem, de fato, é referência sobre o assunto, valorizando significativamente as ciências agrônomicas, uma vez que o uso de tecnologia adequada, sob procedimentos corretos, significa a eliminação de pro-

blemas. Esta é a nossa meta, buscando atingir em uma primeira fase 9 mil dos 16 mil produtores que compõem o universo de produção de frutas no semi-árido brasileiro.” Para Júlio Nishimura, da Agrios Brasil, Coordenador Geral do Projeto, “a formação de Monitores Ambientais é algo de interesse geral, que está começando pelo Nordeste mas vai se espalhar por todo o País, a partir de novos convênios com empresas.”

PRESEÇA — No lançamento do “Programa de Treinamento de Monitores Ambientais”, em Jaguariúna, estiveram presentes: Bernardo van Raij, Chefe Geral da EMBRAPA Meio Ambiente, Luís Freire, representante da EMBRAPA junto à Valexport, Erico de Barros Cavalcante, Gerente do Distrito Irrigado Senador Nilo Coelho, Zacarias Lourenço Vaz Ribeiro, Secretário

Municipal do Planejamento Estratégico, representante do prefeito de Petrolina, Aderaldo de Souza Silva, Pesquisador e Coordenador do Programa de Treinamento de Monitores Ambientais da Embrapa Meio Ambiente, Lucas Antônio de Souza Leite, Chefe de P&D da EMBRAPA Agroindústria Tropical-CE, e Cristiano Walter Simon, Presidente Executivo da ANDEF.

desenvolvimento de produtos de nova geração, novos cultivares, plantio direto e agropênegócios do algodão.

EMBALAGEM — No dia 7 de setembro, o Governador do Distrito Federal, Joaquim Domingos Roriz, com a participação da sua Secretaria de Agricultura, representada pelo Secretário Aguinaldo Lélis, da Cooperativa dos Produtores do Programa de Assentamento Dirigido do Distrito Federal, Associação dos Produtores do Vale do Pam-

plona e ANDEF assinaram Carta de Intenções de um Convênio de Cooperação Mútua para implantar, no Distrito Federal, um Projeto para Destinação Final de Embalagens Vazias Triplíce Lavadas.

CENTRAL — Dia 15 de outubro, acontece a inauguração da Central de Recebimento de Embalagens de Piracicaba, formando um novo pólo no estado de São Paulo, juntamente com Guariba, para solução do problema dos recipientes vazios

das propriedades agrícolas da região.

HOMENAGEM — No dia 16 de outubro, a Esalq de Piracicaba presta homenagem à ANDEF pelos seus 25 anos de contribuição em defesa vegetal, com a entrega de uma placa com os cumprimentos da Adealq — Associação de Ex-Alunos da Luiz de Queiroz —, com a assinatura do Presidente da Adealq, Valdomiro Shiguero Miyada. A iniciativa está integrada aos festejos da 42ª Semana Luiz de Queiroz.

EVENTOS DO ANO 2000 LANÇADOS NO BIOLÓGICO

Em reunião no Instituto Biológico em São Paulo, com mais de 100 participantes, foram lançados em agosto, com o apoio da ANDEF, os grandes eventos para o ano 2000 envolvendo as áreas de ciência, pesquisa, desenvolvimento, defesa fitossanitária, produção e comercialização de produtos agrícolas no Brasil. Em linhas gerais, foram apresentados projetos em horticultura, tomate industrial irrigado, citricultura, olericultura, fruticultura de clima temperado, bem como atividades acadêmicas em fitopatologia, nematologia, entomologia e ciências das plantas daninhas.

A iniciativa, segundo o Secretário Adjunto de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo, Lourival Carmo Mônaco, “teve o mérito de colocar sob uma perspectiva de integração a visão do agronegócio, buscando a criatividade e a inovação na reorganização dos papéis dos setores público e privado, que vêm trabalhando em crescente sintonia em sua missão de produzir para a sociedade.”

Foram feitas exposições de 15 minutos sobre os seguintes eventos: “Hortitec 2000”, “II Encontro Brasileiro do Agribusiness da Melancia”,



“I Encontro Brasileiro de Tomate Industrial Irrigado”, “III Dia da Tangerina”, “22ª Semana da Citricultura”, “XXIII Congresso Paulista de Fitopatologia”, “XXII Congresso Brasileiro de Nematologia”, “III Encontro Nacional da Fruticultura de Clima Temperado”, “XXIII Congresso Brasileiro de Fitopatologia”, “Eventos Latino-Americanos/

99”, “40º Congresso Brasileiro de Oleicultura”, “XXII Congresso Brasileiro Ciência das Plantas Daninhas”, “Dias-de-Campo do Café, Feijão e Arroz”, “Congressos de Entomologia”, “23º Congresso Internacional de Plantas Daninhas”, “23º Congresso Brasileiro de Milho e Sorgo”, “Ruraltech 2000” e “Eventos de Plantio Direto”.



O secretário Lourival Carmo Mônaco considerou o lançamento dos Grandes Eventos como “um ótimo exemplo da crescente sintonia existente entre os setores público e privado”

www.andef.com.br

Este é o endereço da ANDEF na Internet que já pode ser acessado pelos internautas. Nele o consulente encontra endereços relacionados ao setor e das empresas associadas, informações sobre a Associação, o mercado brasileiro, ambiente, treinamento e educação, uso seguro, agricultura e

muito mais. Outro espaço importantíssimo é aquele criado para a troca de idéias com os navegadores, que podem fazer as mais diversas perguntas sobre os produtos fitossanitários, dar opinião, enviar reclamações e contribuir criticamente para a melhoria das informações.

Expediente

DEFESA VEGETAL é uma publicação da ANDEF - Associação Nacional de Defesa Vegetal. End.: Rua Capitão Antônio Rosa, 376 - 13º andar - Fone (11) 881-5033 - Fax (11) 853-2637 - E-mail: andef@zip.net - Jornalista Responsável: Roberto Barreto, MTB 11.361. Produção, diagramação e edição: Revista A Granja, Av. Getúlio Vargas, 1558 - Fone: (51) 233-1822 - CEP 90150-004 - Porto Alegre - RS - E-mail: mail@agranja.com



Uma só bandeira

a granja
A REVISTA DO
LÍDER RURAL

Há cinquenta e quatro anos, nasce a GRANJA, uma revista dirigida ao setor rural. Isso, em plena 2ª Guerra Mundial. Hoje, é a revista mais antiga do Brasil. Só isso já diz tudo.



Versão on line da Editora Centaurus, onde os assuntos mensais das revistas A GRANJA e AG Leilões são abordados, além de outros serviços disponíveis. O endereço www.agranja.com é o mais completo site do agríbussines brasileiro, servindo de índice e referência para todos os internautas.

ANUÁRIO
a granja
DO
ANO

É o anuário da revista A GRANJA. Tem a relação de todos os centros de pesquisa e entidades de classe. Também informa nomes e endereços de todas as empresas que produzem bens e serviços. Mostra ainda quem são os líderes do agríbussines, indicados através de pesquisa.

internet



É o nome da empresa rural que usa os ensinamentos da revista A GRANJA. Passou a ser também um grande e permanente campo de provas, que dá resultado prático aos ensinamentos d'A GRANJA.

ag
Leilões

Uma revista com personalidade própria recebida por todos os leitores d'A GRANJA. O mundo dos leilões, seus personagens e seus bastidores. Notícias de primeira mão, reportagens quentes e entrevistas com quem sabe das coisas fazem de AG Leilões um produto inédito e de sucesso no campo do jornalismo rural.

**RANCHO
CENTAURUS**

AGROSHOP

No Brasil, um serviço inédito oferecido ao homem do campo. Publicação trimestral, recebida grátis pelo leitor d'A GRANJA, onde V. pode comprar o produto ou serviço (software) que V. tem dificuldade de saber onde está e que será entregue onde V. desejar, via correio.

expo granja

1ª Feira Dinâmica de negócios do RS. A cada ano, na última semana de março, o produtor rural terá agendado o seu encontro com a informação, as técnicas e os novos lançamentos dos insumos modernos (fertilizantes, defensivos agrícolas, sementes fiscalizadas), implementos agrícolas, tratores, colheitadeiras, silos e demais equipamentos que fazem mais eficiente e mais lucrativa a atividade rural.

07 produtos produzidos por este selo de qualidade





O problema se chama VMDF - I

Ervino Bleicher, Paulo Soares da Silva, José A. de Alencar, Francisca Nemauro Haji, Jocicler Carneiro, Lúcia Helena de Araújo e Flávia Rabelo Barbosa (Pesquisadores da Embrapa)

Além dos danos físicos à cultura, a mosca pode inocular o vírus-do-mosaico-dourado-do-feijoeiro (VMDF), doença que pode quebrar a produção, conforme o nível de infestação, em até 100%



Dependendo da região, o plantio do feijão é feito ao longo do ano em três épocas. A primeira, também conhecida como safras das “águas”, se dá entre agosto e dezembro e concentra-se mais nos estados da Região Sul; a segunda safra, ou da “seca”, abrange todos os estados brasileiros, e seu plantio ocorre no período de janeiro a março; e a terceira safra, ou de “inverno”, concentra-se na região tropical, sendo plantada de abril a agosto. A área total de plantio de feijão é estimada em 4,8 milhões de hectares (20% de feijão *Vigna*), com uma produção aproximada de 3,2 milhões de toneladas. A ocorrência de pragas durante o ciclo da cultura do feijoeiro — ao redor de 90 dias — tem contribuído significativamente para os baixos rendimentos nas diversas regiões produtoras. As variações nos prejuízos são decorrentes dos níveis populacionais das pragas, condições climáticas, cultivares, sistemas e épocas de plantio.

Neste contexto, a mosca-branca (*Bemisia spp.*) assume a condição de praga importante no cultivo da leguminosa, não tanto pelos danos causados, mas por ser vetor do vírus-do-mosaico-dourado-do-feijoeiro (VMDF), doença que limita a produção do feijão em algumas áreas, podendo ocasionar perdas na produção de até 100%. Estima-se que um milhão de hectares de feijão, no Brasil, estejam sujeitos ao ataque da mosca-branca.

A partir de 1972/73, devido a condições ambientais favoráveis e a grande expansão da cultura da soja, surgiram elevadas populações desta mosca no norte do Paraná e sul de São Paulo, além de outras partes do País. Atualmente, a mosca-branca é encontrada em praticamente todas as regiões brasileiras onde se cultiva o feijoeiro. A cultura da soja, no Brasil, tem sido responsabilizada pelo aumento em importância do VMDF, por ser esta planta excelente hospedeira para alimentação e reprodução da mosca-branca.

Os malefícios causados pela mosca-branca, em geral, são: danos mecânicos, destruição de células, redução do processo de fotossíntese e respiração da planta, inoculação de toxinas e transmissão de vírus.

Aquisição e transmissão do VMDF — A excelente capacidade de transmissão do vírus se deve não só à ampla gama de hospedeiros do inseto, mas também porque necessita de período muito curto para aquisição e transmissão do vírus. Além disso, poucos indivíduos são necessários para a disseminação da doença. O VMDF não é transmitido por sementes, e a fêmea é melhor transmissora da virose do que o macho. Diversos pesquisadores observaram que, ao contrário dos “isolados” de VMDF de outros países, que são facilmente transmitidos mecanicamente, não se conseguiu transmis-

são mecânica do VMDF do Brasil, mas apenas por seu vetor.

A relação da mosca-branca com o geminivírus é do tipo persistente-circulativo, o que significa que as partículas virais adquiridas pelo inseto durante a sua alimentação circulam dentro do corpo, passando do intestino à hemolinfa até chegar as glândulas salivares. Quando uma mosca virulífera se alimenta de uma planta sadia, inocula junto com a saliva as partículas virais. Ainda que as ninfas possam adquirir o vírus ao alimentar-se, seu hábito sedentário as impede de exercer o papel na transmissão do vírus.

Gamez (1971), estudando as características de transmissibilidade da virose pelo vetor, utilizou períodos de 3, 6, 12, 24 e 48 horas. Observou que um período de alimentação de três horas é necessário para que o inseto adquira e transmita o vírus. O mesmo autor relata que o período de retenção do vírus no vetor varia de acordo com o período de aquisição, podendo ser de 21 dias ou compreender todo o ciclo de vida do inseto. Testes realizados por Nardo & Costa (1986) mostraram que *B. tabaci* não foi capaz de adquirir o vírus em um período de alimentação de seis minutos, mas o fez quando o período foi de 20 minutos. Verificaram também que o inseto vetor pode inocular o vírus em um período de seis minutos, mas com baixa eficiência. A percentagem de infecção aumenta com

períodos de alimentação de 20 minutos ou mais. Segundo os mesmos autores, o VMDF foi transmitido em percentagens aproximadas tanto por uma única mosca-branca virulífera como por 3, 9 e 27 adultos.

Sintomas do VMDF — Para Costa & Cupertino (1976), os principais sintomas do mosaico dourado são: redução do crescimento da planta, deformação e amarelecimento das folhas, deformação de vagens; redução do número e tamanho de vagens, do número, tamanho e peso médio das sementes. Dependendo do cultivar e do estágio do desenvolvimento das plantas na ocasião da infecção, os sintomas podem variar. De acordo com Faria (1988), em condições de campo, os primeiros sintomas aparecem dos 14 aos 17 dias do plantio, quando há alta infestação de moscas virulíferas. Contudo, os sintomas nítidos da doença aparecem quando as plantas têm 3 a 4 folhas trifoliadas (25-30 dias). Trata-se de um tipo dourado-brilhante de mosaico, dando às folhas do feijoeiro uma aparência amarelo-intensa, generalizada. As folhas jovens podem enrolar-se ligeiramente ou apresentar rugosidade bem-definida; em geral, há pouca redução no tamanho das folhas. As plantas infectadas precocemente (até os 20 dias de ida-

de) podem mostrar grande redução no porte, vagens e sementes deformadas, descoloridas e de peso reduzido. Os sintomas iniciam-se nas folhas mais novas, com pequenas manchas amarelo vivo, atingindo posteriormente toda a planta.

Perdas ocasionadas pelo VMDF — As perdas induzidas pelo mosaico dourado variam de 40 a 100% da produção. Há concordância geral de que a infecção precoce, antes do florescimento, leva a perdas maiores do que quando esta ocorre mais tardiamente.

Costa & Cupertino (1976) observaram redução na produção de sementes de 85% e 48%, respectivamente, quando as plantas foram infectadas aos 15 e 30 dias após a sementeira, sob condições de casa-de-vegetação. Constataram também o aparecimento de sementes descoloridas e deformadas em 25 e 26%, nas plantas infectadas aos 15 dias e aos 30 dias, respectivamente. Menten e outros pesquisadores (1980), baseando-se na ocorrência ou não do VMDF, no cultivar carioca, na época de floração, verificaram que as perdas foram de 64% na produção de grãos e 71% na produção de sementes. Já Almeida e outros (1984), também em condições de campo, observaram plantas que apresentavam sintomas precoces e tardios. Na infecção tardia no campo,



ocorrida após o florescimento, a planta apresentava algumas folhas com sintomas, geralmente nas superiores e pequena redução no porte. A redução no número de vagens/planta foi, respectivamente, de 52% e 22%, nas infecções precoce e tardia. A redução da produção de grãos/planta, para a infecção precoce, foi de 73%, e 43% na infecção tardia. Em estudos de época de plantio, Rocha & Sartorato (1980) detectaram até 100% de perdas sob alta incidência do vírus. 

NA PRÓXIMA EDIÇÃO: AVALIANDO A INFESTAÇÃO E UMA PROPOSTA DE MANEJO

Catálogo de Sementes Hortaliças, flores e temperos - Gratuito



Para grandes agricultores, revendedores ou mesmo plantadores de final-de-semana, a ISLA tem a semente ideal para a sua colheita. São mais de 500 espécies de sementes entre hortaliças, flores e temperos com embalagens diferenciadas para atender a sua necessidade. Se você quer receber um catálogo de hortaliças, flores e temperos, sem custos, preencha o cupom ao lado e envie pelo correio.



Preencha e envie agora mesmo!

() *Sim, gostaria de receber o catálogo de Sementes ISLA, inteiramente grátis.*

Nome: _____

End.: _____

Cidade: _____

CEP.: _____ UF.: _____

Fone: _____

CGC/CPF: _____

Onde se abastece de sementes: _____

PRT - 1143/99
CARTA RESPOSTA
UP/Agência Farrapos
ECT/DR/RS

CARTA-RESPOSTA

Não é necessário selar

O selo será pago por:



A Super Semente

A batalha da Rodada Uruguai



Durante uma semana, os principais protagonistas do comércio mundial de agroalimentos debateram em Buenos Aires, capital da Argentina, saídas para a crise. O chamado Grupo de Cairns — representado pelos ministros do setor e os *farm leaders* — emitiu um comunicado no qual alentou com a possibilidade de desativar os subsídios às exportações, as ajudas internas e as limitações de acesso aos mercados. Inclusive, houve um virtual reconhecimento de que os êxitos da última Rodada Uruguai do GATT (Acordo Geral de Tarifas e Comércio) foram sendo diluídos com o passar do tempo.

Dan Glickman, secretário da Agricultura dos Estados Unidos, acompanhou a apresentação, ainda que as atitudes deste país semeiem dúvidas sobre suas verdadeiras intenções na próxima rodada de negociações, especialmente quando se tem em conta os subsídios que outorga à produção de soja e à oferta de trigo subsidiado ao Brasil. O ministro da Agricultura da França, Jean Glavan, por sua vez, disse que a Europa só conversará sobre temas menores, já que não estão dispostos a avaliar trocas radicais nesta matéria, e refletiu a guerra comercial que mantém com os Estados Unidos, ao indicar este



país como o grande responsável pelas distorções que afetam o comércio mundial de commodities agropecuárias. A idéia foi confirmada por Philippe Chalmin, um destacado consultor europeu, que afirmou não haver nada a discutir no setor agrícola. Na sua opinião, este conglomerado de países que formam o Grupo de Cairns não tem peso suficiente para ser ouvido durante a Rodada do Milênio, que acontece em novembro em Seattle, Estados Unidos.

O balanço de uma semana de acaloradas discussões deixou claro que o fim dos subsídios na área de agroalimentos se encontra distante e que a tarefa dos representantes sul-americanos na rodada de negociações será, por certo, muito dura.

Negociações exitosas

O Serviço de Sanidade e Qualidade Agroalimentar (SENASA) informou que se encontram muito avançadas as negociações com o Serviço Sanitário da Venezuela (SASA) para exportação de alho e cebola procedente da Argentina para aquele país. O dr. Franz Rivas von Eichwald, diretor-geral do SASA, esteve no país com a finalidade de avaliar o status sanitário dos mencionados cultivos, especialmente no que se refere à incidência do fungo patogênico *Urocystis cebollae*, até o momento não-detectado em zonas de produção da Argentina.

Em 1998, os argentinos exportaram 424 mil toneladas de cebolas frescas — das quais o Brasil adquiriu 327 mil — e 106 mil toneladas

de alho — 71 mil destinadas ao mercado brasileiro. A reabertura do mercado venezuelano, descontinuado em 1997, permitirá ao país diversificar sua carteira de clientes, num momento em que as vendas ao Brasil se complicam, em função dos impasses tarifários do Mercosul.

Em outro comunicado, o Serviço Agrícola e Pecuário do Chile (SAG) aceitou o reconhecimento dos Valens Andinos Patagônicos como área livre da mosca-das-frutas. Isto implica em iminente abertura para a exportação de frutas frescas ao país vizinho. Os trâmites legais para a retomada do trânsito de frutíferas devem ser concluídos até o mês de novembro.

Queda na exportações

Os despachos ao exterior de produtos primários e agroindustriais somaram US\$ 7,6 bilhões durante o primeiro semestre de 1999, uns 5% a menos do montante apurado em igual período do ano passado, segundo um estudo realizado pelo Instituto Interamericano de Cooperação Agrícola (IICA). Paralelamente, a representação deste tipo de produto sobre o total exportado pela

Argentina cresceu de 59 para 64%. Quando se aprofundam as análises sobre o tema, se detecta que a queda nas exportações de agroalimentos obedece basicamente a uma quebra de 13% nos envios de matérias-primas — especialmente cereais — não compensada totalmente por um incremento nas exportações de manufaturas de origem agropecuária da ordem de 3%.

TRIGO

A semeadura da safra 1999/2000 foi concluída com uma superfície de 5,6 milhões de hectares, cerca de 16% maior do que o verificado no período anterior, no qual a produção bateu na casa dos 12 milhões de toneladas. Para o mês de janeiro de 2000, são esperados preços na faixa de US\$ 110/115 a tonelada, considerados aceitáveis, em função da conjuntura.

SOJA

A colheita 1998/1999 chegaria a 18,5 milhões de toneladas, das quais já foram negociadas cerca de 80% deste total. As cotações se recuperaram, em função de problemas climáticos verificados nos Estados Unidos, país que acenava com uma colheita recorde. O aumento de preços — da ordem de US\$ 30 a tonelada — acabou melhorando as expectativas para o cultivo da safra 1999/2000, com a base de um valor estimado para a futura colheita estimado em US\$ 165 a tonelada.

LEITE

Nos primeiros sete meses deste ano, a produção argentina aumentou cerca de 16%, no comparativo a igual período do ano passado. A demanda interna, no entanto, continua deprimida. A situação no mercado internacional se mantém estável, com os preços para o leite em pó integral oscilando entre US\$ 4.000/4.500 a tonelada. Os preços recebidos pelos produtores se encontram na faixa dos US\$ 14/17 centavos/litro. As indústrias estabeleceram um sistema de “base e excedente” pelo qual este último não chega a US\$ 20 centavos o litro.

NOVILHO

A oferta foi incrementada em cerca de 8%, com respeito ao ano passado. Os preços vêm se mantendo relativamente estáveis. Se observa um aumento na criação de machos, o qual implicaria num incremento da produtividade dos estoques. As exportações, por sua vez, se encontram na casa das 26 mil toneladas mensais.

Manejo integrado contra a *Bemisia*

Eng. agrônomo Cláudio Aparecido da Silveira

O reconhecimento por toda a comunidade de que a mosca-branca (*Bemisia spp*) é uma das piores pragas deste século e de que não há um método eficaz, único e universal para o seu controle está levando à união de esforços de todos os envolvidos no problema. Estes esforços orientam-se para as práticas de manejo integrado, baseadas nos princípios de convivência com a praga, por meio de medidas que reduzam sua população, entre as quais destacam-se as seguintes:

- * destruir os restos culturais;
- * eliminar as plantas hospedeiras;
- * evitar o plantio próximo a culturas infestadas;
- * evitar o plantio em períodos cujas condições climáticas sejam mais favoráveis à praga (temperatura e umidade elevadas);
- * não abandonar culturas infestadas, evitando a criação de focos da praga;
- * promover a rotação de culturas e observar intervalos superiores a 30 dias entre um plantio e outro;
- * utilizar o controle biológico; e
- * utilizar o controle químico.

Para o controle químico da mosca-branca, recomenda-se utilizar produtos de baixa toxicidade, pouco agressivos ao meio ambiente e, principalmente, seletivos aos inimigos naturais. O sucesso desse tipo de controle depende de alguns fatores:

- * a dose do inseticida deve ser rigorosamente correta;
- * o inseticida deve ser aplicado no estágio do ciclo de vida da praga em que for mais eficaz;
- * como a mosca-branca (adulto, ninfas e ovos) localiza-se na página inferior das folhas, deve-se dar especial atenção à forma de

aplicação, seguindo-se sempre a recomendação do fabricante para esse aspecto;

- * no caso de pulverizações, é necessário



A Granja

trabalhar com altas vazões e altas pressões, buscando-se colocar o produto em contato com o alvo;

- * para evitar riscos de resistência, deve-se limitar o número de aplicações de um ingrediente ativo (observar a recomendação do fabricante) e, além disso, trabalhar sempre com alternância de grupos químicos (manejo de resistência).

As estratégias desenvolvidas pela Área de Proteção das Plantas da Bayer para convivência com a mosca-branca fundamentam-se no princípio de que não adianta eliminar a praga após a infestação, uma vez que há o risco de transmissão de viroses. Deve-se, sim, proteger a planta, diminuindo o risco de viroses na fase inicial e evitando o aparecimento de grandes surtos populacionais, que podem provocar danos diretos.

Para essa proteção da planta contra os ataques da mosca-branca, a empresa desenvolveu o ingrediente ativo imidacloprid, inseticida de baixa toxicidade e seletivo aos inimigos naturais desta praga. Este é apresentado no mercado em duas formulações: em pó, para o tratamento de sementes; e em grânulos dispersíveis em água, para aplicação via esguicho/solo em mudas e pequenas plantas.

Imidacloprid é sistêmico, de baixa solu-

bilidade, não sendo lixiviado com facilidade. Quando colocado no solo, seja por meio da semente tratada, seja na forma de esguicho, distribui-se com a umidade do solo, formando um "halo" protetor na semente ou na planta recém-transplantada.

Aplicado na semente, com a absorção de água durante a germinação, o imidacloprid penetra no seu interior. A seguir, quando a planta emerge, o produto é transportado para a parte aérea. O sistema radicular da plântula, protegido pelo "halo" formado, absorve o produto, que é transferido para as folhas iniciais. Em certas culturas, as raízes se desenvolvem muito e tornam-se maiores do que esse "halo" protetor, o que resulta numa concentração pouco suficiente de imidacloprid na planta para proteção das folhas formadas nessa fase. É necessário, então, adotar ações complementares de controle da mosca-branca como pulverizações foliares.

No caso de mudas recém-transplantadas (tomate, jiló, berinjela e outras), como seu sistema radicular é maior, recomenda-se uma única aplicação (via grânulos dispersíveis em água) em doses maiores, com objetivo de formar um "halo" protetor mais amplo, com um período de absorção prolongado, gerando bom efeito residual.

Folicur®

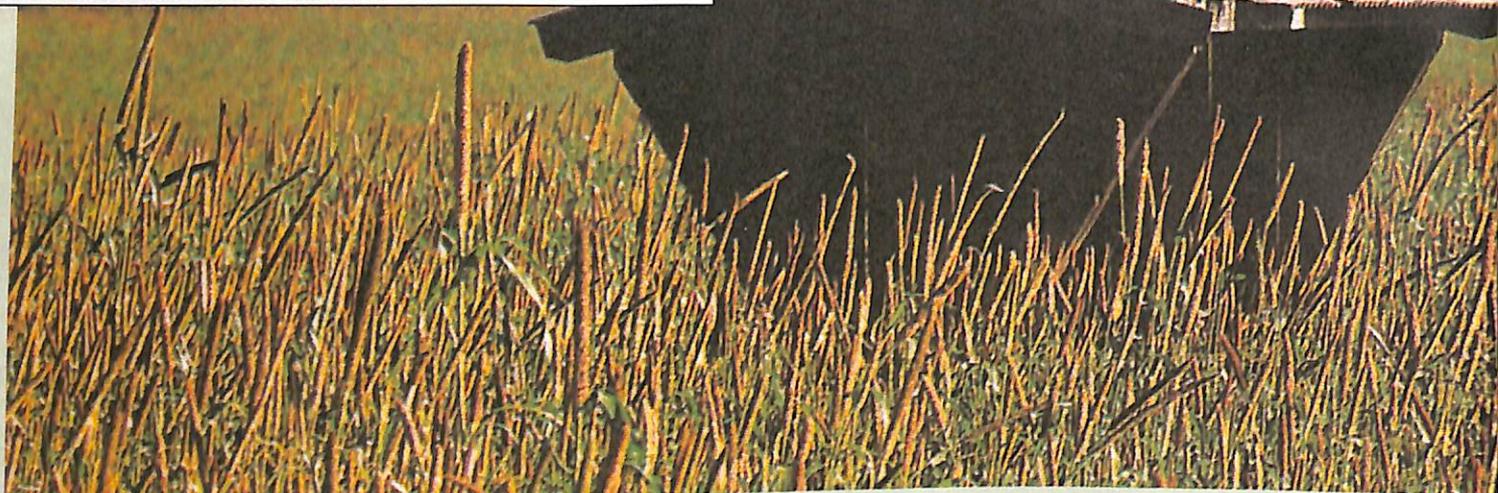
É eficiente, preventivo, curativo, sistêmico e muito econômico



Bayer
Proteção das Plantas

*Não é só o olho do dono
que engorda o gado.*

GUIMARÃES



*A Integração Agricultura e Pecuária
Roundup WG dobra os ganhos
com o seu gado.*

Se as áreas destinadas à pastagem estão degradadas, sem renovação, o que você poderia ganhar com a pecuária e a diversificação das atividades, acaba perdendo com a redução de peso do gado. A solução é renovar estas áreas e implantar uma pastagem de inverno, fazendo a Integração Agricultura e Pecuária no Sistema Plantio Direto com Roundup WG.

- A integração dobra a capacidade de engorda por ano, diminui a idade de abate do gado e aumenta a lotação dos pastos.
- Quebra o ciclo de pragas da soja, como o nematóide do cisto.
- Você fica menos vulnerável às flutuações do mercado agropecuário.
- Com a pastagem de inverno, você tem boi gordo para vender na alta de preços.

Gado gordo o ano todo e maior rentabilidade na fazenda toda você consegue com uma perfeita Integração Agricultura e Pecuária. E essa integração é possível com Roundup WG, o herbicida que controla o mato de folhas largas e estreitas com mais economia e excelente performance. Roundup WG ajuda você a vencer a batalha diária contra o mato, deixando toda a força da terra para a sua lavoura e para o seu pasto.



Classe Toxicológica IV - Pouco Tóxico

ATENÇÃO

Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

Consulte
sempre um
Engenheiro
Agrônomo



Venda
sob
receituário
agronômico

Solicite mais informações sobre Integração Agricultura e Pecuária Roundup WG por carta para a Monsanto - Rua Paes Leme, 524 - 14º andar - CEP 05424-904 São Paulo - SP, ou ligue para 0800-156242 - MAC - Monsanto Atendimento ao Cliente.



0800 156242
Monsanto Atendimento ao Cliente



Plantio Direto

NEWS

Culturas, sucessões & rotações - I

✓ **O PD proporciona aumentos no rendimento de grãos das culturas?**

Trabalhos de pesquisa, realizados em diferentes locais, têm indicado superioridade comparativa do PD sobre outros sistemas de manejo do solo em relação à produtividade das culturas. Podem ser citados resultados como os de Passo Fundo, no Rio Grande do Sul, onde foram observados efeitos positivos para o milho e o sorgo; ou os de Dourados, no Mato Grosso do Sul, onde foram observados resultados semelhantes para milho, soja e trigo. As duas últimas culturas, cultivadas em sucessão durante sete anos, apresentaram, no plantio direto, produtividade média de cerca de 17% superior ao preparo com gradagem pesada + niveladora. Se a produtividade comparativa não aumentar, é sinal de que ocorreu falha em alguma fase ou componente do sistema.

✓ **No PD, pode-se esperar rendimentos superiores aos verificados no sistema convencional de plantio, já no primeiro ano?**

Em regiões onde o inverno é mais seco, a cultura do trigo pode apresentar

Aqui, a primeira parte de uma abordagem em forma de pergunta-resposta sobre estes três tópicos, produzidos pela pesquisa oficial

efeitos positivos logo no primeiro ano. Quando eventualmente uma estiagem mais prolongada ocorre durante o período das chuvas, outras culturas, como a soja ou o milho, podem também apresentar rendimentos mais elevados quando em fase inicial do PD. Em regiões onde o estrés hídrico é menor, os efeitos positivos sobre os rendimentos podem demorar um pouco mais (cerca de três ou quatro anos).

✓ **Todas as culturas são beneficiadas com o PD?**

Todas as culturas são, de uma forma ou de outra, beneficiadas pelo PD. Mesmo aquelas que tradicionalmente exigiam cultivo no limpo, como o algodão, quando submetidas ao manejo em PD, têm apresentado resultados positivos.

✓ **Alguma espécie vegetal apresenta desenvolvimento reduzido no PD?**

Na fase inicial de desenvolvimento vegetativo, um crescimento mais lento pode ser observado em alguns casos específicos (soja em sucessão à braquiária, em solo arenoso, sob condições de falta de água). Quando o PD é iniciado de forma errônea, com solos compactados ou não-corrigidos, a redução no desenvolvimento também pode ocorrer com mais frequência. Assim, recomenda-se seguir todas as etapas básicas de implantação deste sistema, a fim de maximizar seus efeitos benéficos e minimizar os pequenos problemas que podem ocorrer.

✓ **Qual a diferença entre rotação e sucessão de culturas?**

Rotação consiste na alternância de espécies vegetais na mesma área e na



TM 95.
TESTADO
E APROVADO
NOS MAIS
FÉRTEIS
CAMPOS
DE PROVAS.

O Pirelli para tratores e colheitadeiras foi feito para aproveitar o máximo de sua potência. O desenho da banda de rodagem deste pneu garante maior capacidade de tração e autolimpeza, com o mínimo de compactação do solo. Resultado: maior produtividade e total eficiência para suas máquinas. TM 95. Em matéria de pneus, nunca se viu uma safra como esta na agricultura.



POTÊNCIA NÃO É NADA SEM CONTROLE.

futura

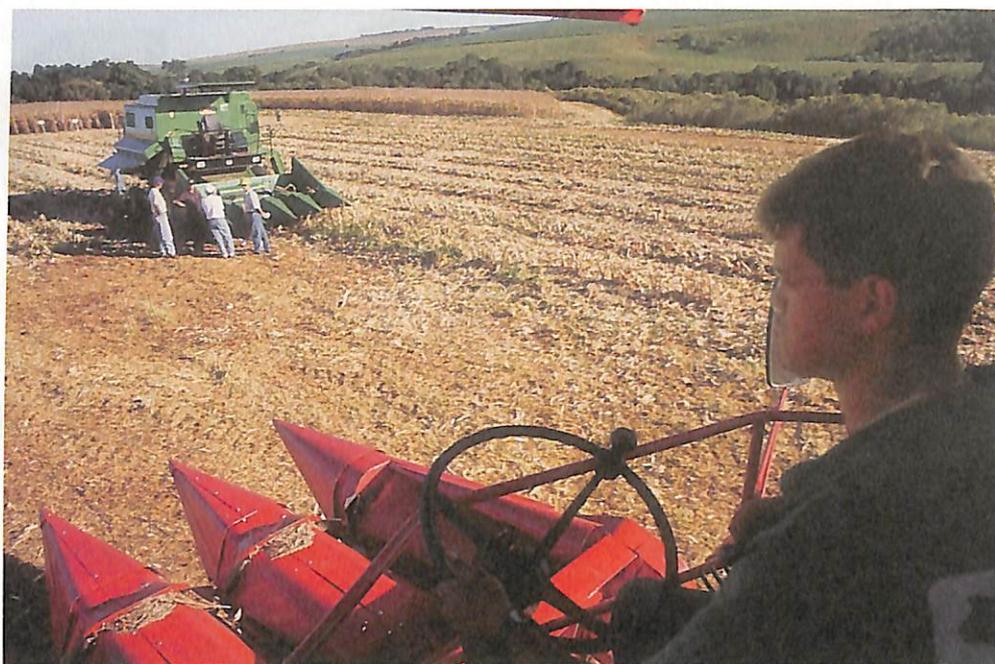
mesma estação estival, observando-se um período mínimo sem cultivo da mesma espécie. Já sucessão é a seqüência repetitiva de culturas cultivadas na mesma área e em estação estival diferente de um mesmo ano agrícola. Em outras palavras, nem toda sucessão é um rotação de culturas, mas a rotação é sempre uma disposição de culturas em sucessão.

✓ Por que fazer rotação de culturas?

Diversificar as culturas de uma propriedade num programa de rotação é uma necessidade obrigatória. Com a organização seqüencial das espécies em épocas adequadas a cada uma, de acordo com a região, pode-se minimizar problemas de infestação de pragas, plantas daninhas ou doenças, bem como custos, e maximizar receitas, diminuindo prejuízo eventuais, próprios do monocultivo. Além disso, a fertilidade natural dos solos pode ser bastante melhorada, resultando num equilíbrio mais elevado para a vida microbiana. Por sua vez, a diversificação de plantas com diferentes sistemas radiculares capazes de explorar diferentes profundidades do solo, com avidéz diferenciada quanto aos nutrientes e com potencial de reciclagem diferenciado, proporcionam melhor equilíbrio dos nutrientes e incremento na qualidade e na atividade biológica do solo.

Com a rotação, é possível quebrar o ciclo de várias pragas e doenças, diminuindo assim os riscos de incidência desses organismos no solo. A prática da rotação promove um incremento do número de inimigos naturais e, conseqüentemente, induz a um melhor equilíbrio ambiental.

Por meio da reciclagem, a rotação permite ainda que os resíduos de determinado cultivo que permanecem no solo



beneficiem o desenvolvimento e rendimento de cultivos posteriores (aveia e milho antes de soja, ervilhaca, nabo-forrageiro ou mesmo a própria soja antes de milho etc.).

✓ Que critérios devem ser considerados no planejamento de um sistema de rotação?

Os principais critérios utilizados são os relativos às características das plantas, como exigência em nutrientes, sistema radicular, ser ou não hospedeiro ou fonte de inóculo de doenças ou pragas, entre outros.

Tudo deve ser programado para que as culturas sucessoras sejam beneficiadas pelas antecessoras e, inclusive, para que todo o ambiente seja melhorado: soja antes de milho, milho antes de soja, milho antes de soja ou de feijão, ervilhaca ou nabo-forrageiro antes de milho, aveia antes de soja e feijão etc. Além desses critérios, é fundamental

que o sistema de rotação seja monitorado ou acompanhado, simultaneamente, para que em determinadas situações possa ser alterado.

Por exemplo: se a rotação prevê uma seqüência de gramíneas como culturas de cobertura durante dois anos e, em função de condições adversas de clima, estas gramíneas não tenham produzido boa massa vegetal, é aconselhável não semear, no terceiro ano, uma leguminosa ou crucífera que possuem massa vegetal de fácil decomposição e baixa estabilidade de cobertura, facilitando ainda mais a decomposição e não promovendo a formação de cobertura estável, essencial para o sistema de PD.

Nesse caso, é aconselhável semear novamente uma gramínea no sistema de rotação. Portanto, sistemas planejados de rotação de longa duração devem ser sempre monitorados por meio da observação quanto à presença de cobertura sobre a superfície do solo, para que se

ZENECA

FAÇA A MELHOR ESCOLHA NUM ZAPP.

ZAPP

Zapp é o herbicida da Zeneca com maior resistência à chuva, rapidez de ação e eficiência. Escolha Zapp e tenha todas estas vantagens: • Rápida absorção: diminui os riscos de ser lavado pela chuva • Controle inicial mais rápido que outros sistêmicos • Controla folhas largas e estreitas • Culturas e plantas daninhas: consulte a bula do produto.



MAIS FORÇA. MAIS AÇÃO.

ATENÇÃO

Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

Consulte sempre um Engenheiro Agrônomo Venda sob receita agrônoma



possa modificá-los, quando necessário.

✓ **Existem recomendações técnicas sobre sistemas de rotação de culturas específicas para cada região?**

Sim. Tais recomendações dependem das características de cada região ou de aspectos como solo, clima (temperatura, umidade, ocorrência de chuvas etc.), culturas adaptadas, infra-estrutura e atividades econômicas regionais (nível de manejo utilizado, tamanho da área, nível de capitalização do produtor, demandas mercadológicas etc.).

✓ **Como proceder quando, por circunstâncias econômicas, não é possível seguir a seqüência planejada de culturas?**

O sistema de rotação pode ser modificado por duas razões básicas: técnicas e econômicas. O bom senso pode ser utilizado para escolher outra cultura que se encaixe adequadamente no sistema de rotação, sem trazer prejuízos quanto à cobertura do solo e quanto à distribuição das espécies ao longo do tempo, evitando-se, assim, problemas de disseminação de pragas e doenças.

É importante lembrar que os resultados econômicos devem ser considerados em relação ao sistema como um todo e a um período de tempo amplo, não se devendo analisar apenas os resultados de uma cultura de forma isolada.

✓ **Que sucessões poderiam ser sugeridas para compor sistemas de rotação de culturas?**

Embora o estabelecimento do sistema de rotação de culturas deva considerar fatores específicos a cada situação, algumas sugestões podem ser apresentadas à guisa de embasamento para os planejamentos locais:

* Para as regiões de Mato Grosso do Sul, sudoeste de Goiás e sul de Mato

Grosso: nabo-forrageiro/milho — aveia-preta/soja — trigo/soja.

* Para áreas onde ocorrem nematóides-de-cisto, podem ser ainda sugeridas: a) aveia ou milheto/algodão — aveia ou milheto/soja (tolerante ao nematóide) — milheto/soja; b) aveia ou milheto/algodão — aveia ou milheto/soja (tolerante ao nematóide)/nabo-forrageiro/milho.

* Para o Paraná: a) tremoço/milho — aveia/soja — trigo/soja; b) ervilhaca/milho — aveia/soja — trigo/milheto/soja.

* Para a região Sul do Brasil: a) trigo/soja — ervilhaca/milho; b) cevada/soja — ervilhaca/milho; c) triticale/soja — ervilhaca/milho; d) trigo/soja — aveia-preta + ervilhaca pastejada/milho; e) trigo/soja — ervilhaca/milho ou sorgo; f) trigo/soja — colza/soja ou cevada/soja — ervilhaca ou serradela/milho; g) trigo/soja — trigo/soja — aveia-branca/soja — ervilhaca/milho ou sorgo.

✓ **Que opções de culturas poderiam ainda ser sugeridas?**

Para a produção de grãos ou fibra:

* Verão: soja, milho, arroz, sorgo e algodão.

* Outono/inverno: milho-safrinha, girassol, sorgo e trigo.

Para produção de palha:

* Primavera: milheto, teosinto (dente-de-burro).

* Outono/inverno: aveia-preta, centeio e nabo-forrageiro.

Para adubação verde:

* Verão: crotalária, guandu e mucuna.

* Outono/inverno: tremoço, ervilhaca, aveia-preta, centeio e nabo-forrageiro e ervilhaca-forrageira.

✓ **A colheita de sementes/grãos de nabo-forrageiro acarreta algum efeito negativo no milho cultivado em seguida?**

A princípio, não. Após a colheita do

nabo-forrageiro, é recomendável esperar algum tempo até que as sementes caídas no solo possam germinar. Faz-se, então, a dessecação das plantas que emergiram. Recomenda-se aguardar alguns dias para iniciar a semeadura da cultura subsequente, evitando-se semear imediatamente após o manejo do nabo-forrageiro, quando há maior liberação de substâncias alelopáticas.

✓ **É possível cultivar milho no verão e milheto em seguida, visando formar boa quantidade de palha para iniciar o PD?**

Sim. Esta é uma boa alternativa para a Região Central do Brasil. Entretanto, essa seqüência pode acarretar deficiência de nitrogênio ao milheto, a qual pode variar conforme a fertilidade do solo ou os níveis de fertilização empregados no cultivo do milho e as condições de umidade.

Pragas e doenças típicas da cultura do milho podem também proliferar durante o desenvolvimento do milheto. Dessa forma, recomenda-se não adotar essa seqüência de culturas, sempre que possível, exceto na fase inicial de implantação do PD, quando o objetivo é produzir quantidade de palha.

No caso da formação de palha para o início do PD, o milheto cultivado após milho-precoce deve ser semeado até 10 de março e, em regiões sem ocorrência de geadas, até abril/maio, se o solo estiver úmido, devendo ser feito o manejo da parte aérea na fase de pré-maturação, ou pela colheita das sementes.

✓ **No caso da aveia e milheto, a dessecação com herbicidas é melhor que a utilização do rolo-faca?**

Na fase de grão leitoso, a aveia pode ser manejada com rolo-faca com bons resultados. Muitas vezes, porém, é necessária uma dessecação posterior, o que

WALTERSCHEID

**TECNOLOGIA ALEMÃ
NA TRANSMISSÃO
AGRÍCOLA**

- EIXOS CARDÃS
- EIXOS HOMOCINÉTICOS
- CAIXAS DE TRANSMISSÃO
- EMBREAGENS



Rua W, 426, Lote 17 - CIC - Curitiba - Paraná - CEP 81450-090
Tel/Fax:(041) 348-3645 - Celular: (041) 979-3425



**É O NOVO SISTEMA DE
ACOPLAMENTO RÁPIDO
TRATOR COM IMPLEMENTOS**

pode tornar seu manejo com herbicidas mais vantajoso. Na maioria das vezes, a colheita dos grãos de aveia tem sido a melhor forma de manejo, proporcionando boa quantidade e distribuição dos resíduos, além da possibilidade de obtenção de lucros decorrentes da comercialização das sementes. O milheto apresenta elevado potencial de rebrota quando manejado com rolo-faca, sendo seu manejo recomendável com herbicida.

✓ **O manejo químico do nabo-forrageiro é mais adequado que o mecânico?**

Quando o nabo-forrageiro apresentar altura superior a 1,20m, recomenda-se o manejo mecânico (rolo-faca). Eventualmente, devido à rebrota, pode ser necessário um manejo químico complementar. Quando apresentar menos de 1,20m de altura, pode-se fazer apenas o manejo químico. Na decisão sobre qual manejo adotar, deve-se considerar não só o aspecto técnico, mas também o rendimento operacional e os custos das operações.

✓ **Quais as vantagens proporcionadas pelo uso do rolo-faca e do triturador?**

O *triton* é um implemento que corta ou tritura demasiadamente os resíduos vegetais, aumentando a superfície de contato dos resíduos e acelerando o processo de decomposição. Entretanto, quando usado para manejar materiais lenhosos, como plantas de milho em pós-colheita, quando de porte alto, crotalaria, plantas daninhas arbustivas etc., promove um bom manejo. Seu inconveniente é o baixo rendimento operacional e maior consumo de combustível.

O rolo-faca é um excelente implemento para manejar vegetais de porte médio a alto e mesmo resíduos de mi-

lho em pós-colheita. Normalmente, não tritura demasiadamente os resíduos, distribuindo-os mais uniformemente e tornando mais lento o processo de decomposição da palha. Em situações de pouca disponibilidade de massa vegetal e em condições de elevada umidade, não se recomenda o uso do rolo-faca, pois este pode golpear diretamente a superfície do solo, provocando compactação.

✓ **Na sucessão aveia-milho, é viável fazer a dessecação da aveia logo após ter sido semeado milho?**

Esse procedimento pode acarretar má germinação e desenvolvimento inicial inadequado (estiolamento) das plântulas de milho. Preferencialmente, recomenda-se um intervalo de pelo menos duas a três semanas entre o manejo da aveia e a semeadura do milho, a fim de favorecer o processo inicial de decomposição da aveia e não incorrer em de-

AS INFORMAÇÕES desta primeira parte do artigo foram compiladas do livro "Sistema de Plantio Direto — Coleção 500 Perguntas/500 Respostas", editado pela Embrapa Produção de Informação. As perguntas foram coletadas em dias-de-campo, seminários, feiras agropecuárias, palestras e por meio de cartas enviadas à Embrapa Agropecuária Oeste, sediada em Dourados/MS. Na elaboração das respostas, participaram mais de 50 técnicos, incluindo economistas, professores universitários e pesquisadores. Os organizadores da obra foram: Júlio César Salton, Luís Carlos Hernani e Clarice Zanoni Fontes. Os pedidos podem ser feitos pelo fone (67) 422-5122. Ou pelo e-mail: postmaster@cpao.embrapa.br.

manda excessiva de nitrogênio por parte dos microorganismos decompositores, proporcionando assim melhor atendimento à demanda do milho. Quando a massa vegetal de aveia é pequena (inferior a quatro toneladas de matéria seca por hectare), pode-se semear em seguida ao manejo, considerando sempre os níveis de matéria orgânica do solo e a necessidade de aplicação de nitrogênio por ocasião da semeadura do milho, ou durante o desenvolvimento da aveia.

✓ **Existe resposta diferenciada entre cultivares exploradas no SPD e no sistema convencional?**

Sim. Sendo a rotação de culturas adequada, alguns cultivares respondem melhor em PD do que no sistema convencional de plantio. Alguns cultivares de soja são mais produtivos, no PD, do que outros, estando a magnitude dessa resposta na dependência de fatores como solo, clima, sistema de rotação de culturas, manejo da fertilidade e outros. Tem-se observado, igualmente, que no PD, alguns cultivares de soja apresentam arranque mais lento que no sistema convencional e, embora isso não afete o rendimento de grãos, recomenda-se o uso de materiais mais precoces e de porte mais baixo.

✓ **Há recomendação de cultivares específicos para as lavouras de PD?**

Ainda não. Entretanto, a pesquisa tem multiplicado esforços para equacionar os aspectos à recomendação de materiais genéticos das culturas, mais eficientes nesse sistema. Em muitos locais, inclusive, os experimentos de melhoramento vegetal estão sendo desenvolvidos em condições de plantio direto. De modo geral, pode-se preferir as cultivares que, além de apresentar as demais características desejáveis, produzam maior quantidade de massa seca. ☞



FlexiTREVO.
Tão perfeito para o solo quanto para o seu bolso.

A solubilidade do fósforo nas fórmulas FlexiTREVO é ideal para cada situação de solo, gerando economia e uma adubação superequilibrada. Na hora de fertilizar a sua lavoura, não deixe faltar FlexiTREVO e conheça a melhor relação custo/benefício.



ADUBOS TREVO S.A.
GRUPO TREVO
www.adubostrevo.com

ESCALA

Assine

a granja

A REVISTA DO LÍDER RURAL

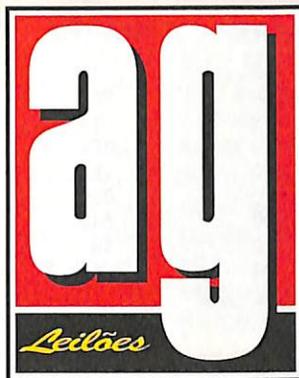


- ✓ A revista **A GRANJA** vem há mais de 50 anos informando o homem do campo com matérias e artigos escritos por quem mais entende do assunto. São matérias de todo o País e do exterior, com ênfase na agricultura e pecuária.
- ✓ Você precisa estar bem-informado sobre o que está acontecendo, novas técnicas, tecnologias de ponta, exemplos de pessoas/empresas bem-sucedidas no ramo.
- ✓ Tudo isso e muito mais você encontra nas páginas de **A GRANJA** mensalmente.

e receba

Grátis

- ✓ A mais completa revista sobre leilões e exposições de gado e cavalos. Cobertura das principais exposições, grandes campeões e seus criadores, leilões, os recordes, as médias, agenda de leilões e feiras. Enfim, tudo o que envolve o criador de elite.



+



- ✓ Assinando **A GRANJA**, você recebe todo o ano (em setembro) o anuário **A GRANJA DO ANO**, o mais importante da agropecuária brasileira, com endereços e produtos & serviços de todas as empresas relacionadas com o agribusiness.



✓ **Assine já - Ligue (051) 233-1822**



Umidade do solo preocupa produtores

A abundância de água para irrigação das lavouras foi um dos fatores fundamentais para o sucesso da produção de arroz na safra 1998/99. Agora, para a nova safra, esse recurso essencial para o desenvolvimento das lavouras orizícolas poderá escassear de forma comprometedor, como o foi na temporada de 1997/98.

No Rio Grande do Sul e na maior parte das demais regiões produtoras de arroz do Mercosul, onde a produção se desenvolve sob irrigação, a seca que se desenha em praticamente todo o País traz justificada apreensão aos produtores, visto que, em que pese estar chovendo regularmente em praticamente todo o estado, as precipitações não foram suficientes para acumular água, e o período para que se formem as reservas hídricas — abril a setembro, dependendo da região — vem se esgotando. Passado esse, mesmo que as precipitações sejam mais intensas, a retenção da água se torna mais difícil em função da evaporação e da maior absorção de umidade pelo solo.

No Centro-Oeste brasileiro, com o cultivo de sequeiro, que depende de maior regularidade de chuvas, a emergente

lavoura orizícola poderá ser fortemente afetada, comprometendo a safra nacional, que já tendia a ser menor em decorrência de um mercado que tem se mostrado pouco alentador.

Assim, se antes de consolidados os problemas climáticos já se esperava uma queda 300 mil toneladas de arroz comparativamente com a safra passada, agora a expectativa é de uma produção menor ainda.

Mas não só a escassez de recursos hídricos poderá provocar queda da produção do Mercosul. Fortemente abalados com a reversão das expectativas iniciais, que contavam com o mercado brasileiro para a colocação de grande parte dos excedentes de uma safra recorde, o que foi frustrado pela perda de competitividade decorrente da desvalorização do real frente ao dólar, os produtores argentinos — principalmente — e uruguaios vêm planejando reduções significativas das áreas destinadas ao cultivo do arroz.

A Argentina, que colheu a maior sa-

fra de arroz da sua história ao ultrapassar 1,6 milhão de toneladas, deverá ter a área reduzida em aproximadamente 25-30% na safra de 1999/2000 (algumas fontes mais pessimistas estimam em até 50%), o que, considerado o mesmo rendimento da campanha anterior (só possível se houver normalidade climática a partir do plantio), resultará numa produção de cerca de 1.050 mil toneladas de arroz em casca.

Da mesma forma, se prevê menor área para o cultivo do arroz no Uruguai, que pelas observações preliminares deverá cair cerca de 10% e resultar numa safra de quase 980 mil toneladas. Levando-se em conta a produção projetada para o Brasil mais o desempenho esperado da pequena produção paraguaia, na primeira safra do novo milênio, o Mercosul deverá colher — em condições climáticas normais — aproximadamente 13.100 mil toneladas de arroz em casca, o que, mais uma vez, leva a região à condição de auto-suficiente no abastecimento do cereal.

ARROZ BASE CASCA OFERTA E DEMANDA - MERCOSUL

— Safra 1999/2000 —

				
Estoque inicial	59	46	15	642
Produção	1.050	980	90	10.987
Importação	5	—	5	800
Suprimento	1.114	1.026	110	12.409
Consumo interno	410	93	70	12.090
Excedentes exportáveis	670	910	30	5
p/Brasil	500	545	20	—
p/terceiros países	170	365	10	5
Estoque final	34	23	10	314

Fontes: SAGPyA, INTA, Dados Agropec. / Em 1.000t



Nominee

SIRIUS®

250 SC

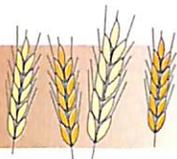
Os mais modernos herbicidas para a milenar cultura do arroz



Agricultura é a nossa vida

Estes produtos são perigosos à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente o rótulo, a bula e receituário agrônomo e faça-o a quem não souber ler, seguindo corretamente as instruções recebidas. Consulte sempre um engenheiro agrônomo. Produtos de uso agrícola. Venda sob receituário agrônomo.

TRIGO



PR reduz estimativa de produção

Os dados são preliminares, mas o Paraná já admite uma redução de 7,5% na estimativa de produção de trigo como consequência da geada de meados de agosto. Com 60% da safra colhida até 16 de setembro, o estado tem produção estimada em 1,42 milhão de toneladas pelo Departamento de Economia Rural (Deral), quando previsões de início de safra apontavam para uma produção de 1,53 milhão de toneladas. No ano passado, quando as lavouras foram atingidas por chuva na colheita, o estado colheu 1,5 milhão de toneladas do cereal. Os novos números de safra não contabilizam os prejuízos com a estiagem prolongada que atingiu a lavoura na região centro-sul do estado — Guarapuava e Ponta Grossa, principalmente — e que chegou a ficar 60 dias sem chuva de bom volume.

No Rio Grande do Sul, técnicos da Emater também admitem perda em função da geada de agosto, embora mantenham previsões feitas no início da safra, de uma produtividade média em 1.689kg/ha. “Sabemos que no noroeste do estado, onde está metade da área de trigo, as geadas foram bem mais intensas, mas optamos por aguardar maiores informações”, esclarece o coordenador técnico da Emater, Carlos Cardoso. Mantida essa média numa área plantada de 391.417 hectares, o estado colherá 661.103 toneladas. A colheita de trigo no Rio Grande do Sul começa no final de setembro. Em Ijuí e em Santo Ângelo, noroeste do estado, as lavouras apresentam boas condições de desenvolvimento, e a expectativa é de uma produtividade de 1.800kg/ha.

A safra que começou a ser colhida entre o final de setembro e início de outubro deverá garantir ao produtor preço superior a R\$ 200,00/t. A grande preocupação do segmento produtivo é conseguir financiamento para guardar o produto e vender mais tarde, a preços ainda mais remuneradores. Em 98, o preço médio pago pelo trigo foi balizado no mínimo oficial de R\$ 158,00.

Na Argentina, os preços oscilam entre

US\$ 130/137/t. Com a entrada de maior volume da safra brasileira, o mercado tende a sofrer pressão, o que limita uma escalada mais alta das cotações. Além disso, existe o aspecto da maior facilidade para importação de trigo norte-americano, inclusive o Soft Red Winter-SRW, trigo mole basicamente utilizado para mistura, que deve ser usado para mistura com o trigo argentino.

SOJA



Cai a participação na exportação

As exportações brasileiras do complexo soja devem atingir 20.800 mil toneladas em 1999, 1,3% abaixo dos 21.082 mil toneladas de 1998, sendo que o total de receitas deve atingir US\$ 3.815 milhões, 19,8% aquém dos US\$ 4.754 milhões anteriores. Esse resultado vai confirmando a tendência mostrada no início do ano, embora com algumas revisões de proporções, trazendo a retração na participação do complexo na pauta de exportações pelo segundo ano consecutivo. Em 1997, essa participação chegou a 10,8%, caindo para 9,3% em 1998 e agora para 6,8% em 1999. Através dos números parciais dos primeiros seis meses do atual ano comercial, já podem ser observado claramente os efeitos da combinação de queda nos preços internacionais, da menor produção e do maior peso das vendas da soja em grão em relação aos subprodutos de soja. E o fraco desempenho não poderia vir em pior hora, já que o País luta desesperadamente para reduzir o seu déficit comercial, que é um dos maiores problemas enfrentados pela economia brasileira e um empecilho para a consolidação do processo de estabilização e de retomada

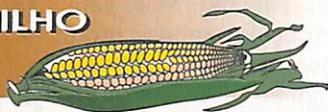
do crescimento. Mas, para chegar a esse desempenho apenas modesto, tanto no número parcial como na projeção final, não adianta buscar uma só explicação. Na verdade, tivemos um pouco de tudo. Começamos pela redução esperada no volume de vendas em algo em torno de 1% sobre o ano anterior. Apesar de estar caminhando para uma consolidação, essa é a única das quatro principais características que ainda não estava clara no relatório do início do ano. Na verdade, a mudança sobre a tendência inicial aconteceu principalmente com o recuo nas vendas de soja em grão, já que há estabilidade nas previsões do farelo e o óleo até aumentou um pouco. Alguns fatores podem explicar essa retração no volume a ser embarcado em todo o complexo: primeiro, pela menor safra colhida, considerando que a produção brasileira seja confirmada em 30.825 mil toneladas, 1.580 mil toneladas abaixo das 32.405 mil toneladas colhidas no ano anterior; segundo, pela retração do mercado consumidor, combinando excesso de oferta em outras origens, como EUA e Argentina; e, terceiro, pela manutenção de ritmo forte de consumo interno, tanto de farelo como de óleo de soja. Em relação a 1998, a redução ocorre apenas no farelo de soja. No grão, a estimativa atual é de 9.800 mil toneladas, abaixo da previsão inicial, mas 6% superior aos 9.275 mil toneladas do ano que passou. No óleo, devem ser 1.400 mil toneladas, 3% maior do que os 1.360 mil toneladas de 1998. E no farelo, com recuo de 8%, os embarques estão avaliados em 9.600 mil toneladas, contra 10.447 mil toneladas anteriores. A segunda importante característica da temporada se refere à rapidez com que os negócios de exportação vão acontecendo. Pelo menos em termos de comprometimento, uma vez que o ritmo efetivo de embarques ainda é menor.

COMPLEXO SOJA - PRODUÇÃO X CONSUMO - 1999/2000
(em milhões de toneladas)

	1999/2000		1998/1999	
	Produção	Consumo	Produção	Consumo
EUA	75,61	48,78	75,03	48,74
Brasil	30,50	22,60	31,00	22,80
Argentina	17,50	17,97	19,00	17,77
China	13,00	17,30	13,80	17,32
UE	1,41	16,38	1,54	16,28
Japão	0,17	4,82	0,16	4,93
Índia	6,10	5,20	6,00	5,00

Fonte: USDA

MILHO



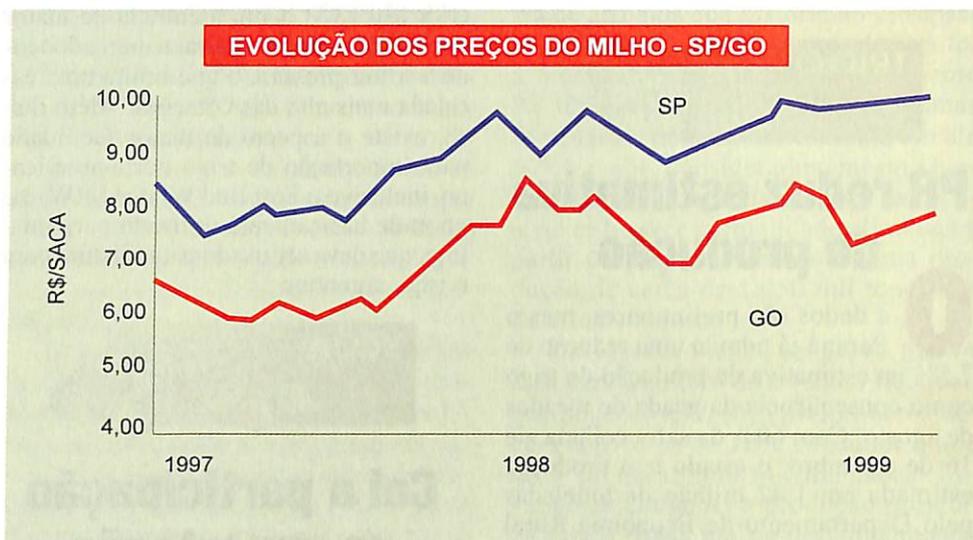
Tendência de preços firmes até o final do ano

A tendência continua sendo de alta para os preços do milho até o final do ano. Desde agosto, em plena colheita da safrinha, os preços vão se mantendo em patamares elevados, impulsionados pelas preocupações do mercado quanto ao abastecimento. Mesmo que exista milho para ser comercializado, os produtores estão preferindo segurar as vendas, esperando por preços ainda melhores.

A estiagem que atingiu a região Centro-Sul está trazendo preocupação quanto ao abastecimento do mercado em janeiro, no final da entressafra. É nessa época que a colheita da safra precoce começa a acalmar o mercado, mas a falta de chuvas atrasou o plantio na região das Missões, no noroeste do Rio Grande do Sul, onde o milho precoce começa a ser colhido em janeiro.

Além disso, as lavouras irrigadas do Centro-Oeste também têm plantio comprometido, já que a estiagem persiste na região e o nível de água é bastante baixo.

Com isso, os produtores apostam no milho como uma opção de boa rentabilidade neste final de ano. Com a oferta apertada e o atraso no plantio do milho



precoce, a tendência é de novas altas no preço do grão no mercado gaúcho no decorrer do mês de outubro. A comercialização do milho chega ao mês de outubro com os problemas projetados para o período já antecipados em setembro.

A alta generalizada nos preços ofereceu um sintoma claro das condições de abastecimento neste ano. O setor consumidor conseguiu conter altas mais bruscas no primeiro semestre diante da concentração de colheita. Mas este final de entressafra concentra o pico do problema de abastecimento, numa situação onde quem segurou o milho começa a ver os resultados em termos de preços, que já supera qualquer aplicação financeira deste ano.

Agora, as atenções estão voltadas para o abastecimento até janeiro. Com 1 milhão de toneladas de importação daqui até janeiro, acredita-se que o mercado estaria abastecido. Mas o problema continua sendo o alto custo de im-

portação. A outra opção é reduzir o consumo interno nesta proporção, a fim de ajustar o disponível internamente com a necessidade. Se não houver uma redução de consumo, é natural que vejamos os preços caminhando no sentido do custo de importação.

Por último, o que poderia aliviar o abastecimento interno seria o plantio precoce, com colheita no início de janeiro. Assim, teremos alguma colheita precoce, mas a situação não inibirá a alta.

Em plena colheita, os preços apresentaram uma alta média de 10,5% em setembro, com forte procura. Com exceção de quatro a cinco compradores de grande porte, que visualizam o ano de uma forma bastante realista e mostram-se agressivos no mercado desde o início do ano, os demais mantêm a postura de compra de curto prazo, bem como a política de pagamento com prazos longos de 30 dias.

Tecnologia e genética

TECNOLOGIA QUE RENDE

*Estes são os melhores argumentos para
você plantar as sementes marca Pioneer.*



SEMENTES - MARCA
PIONEER
www.pioneer.com/brasil/

ALGODÃO



Outubro deve garantir boa remuneração ao produto

O mercado de algodão deve ficar mais enxuto a partir deste mês de outubro, quando os preços tendem a se balizar no patamar de R\$ 31,62/arroba garantido pelo governo nos leilões de opção. Ao contrário do ano passado, quando a arroba do algodão em caroço fechou o início do mês de setembro a R\$ 24,50, pressionada pela boa oferta de produto externo e pela baixa do dólar, o produtor que ainda dispõe do produto tem sido bem-remunerado.

A arroba do algodão em caroço fechou o início de setembro a R\$ 31,00 de preço médio para pagamento em até 15 dias a partir do recebimento da mercadoria e a tendência é de algo próximo a R\$ 31,75 entre a primeira e a segunda quinzena de outubro.

O quadro favorável só não se concretizará se surgir algum fator determinante no mercado, como uma brusca flutuação na conversão cambial do real frente ao dólar, ou algo que movimente os tendências internacionais, como uma súbita quebra na safra americana, com os furacões e tempestades que assolam os EUA, avaliam os analistas de mercado.

Também há forte expectativa em torno dos leilões de recompra ou de repasse de contrato de opção iniciados em setembro. No primeiro pregão do gênero,

a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) comercializou 532 dos 627 contratos ofertados, o equivalente a 84,85% da operação. Os 338 contratos ofertados aos produtores do Mato Grosso obtiveram grande procura, e o valor do prêmio baixou de R\$ 4,32/arroba de abertura para R\$ 2,37, numa redução de 45,13%. O segundo pregão, realizado em 15 de setembro, negociou 520 dos 785 contratos ofertados, volume que corresponde a 66,24% do total.

Diante do menor movimento de recompra, o prêmio pago a quem deixou de exercer a opção de venda ao governo manteve patamares de abertura de R\$ 1,97 e de R\$ 4,32/arroba.

SUÍNOS



Setor aposta nas vendas de final de ano

A suinocultura atravessa um dos piores períodos de demanda. De consumo interno sazonal, estimulado pelo inverno e pelas festas de final de ano, a venda de carne suína tem ficado restrita aos períodos de início de mês, mas o clima seco e quente dos principais centros de consumo não tem colaborado. Tanto em Santa Catarina como no Rio Grande do Sul, as integrações e produtores trabalhavam com projeções de consumo e de exportação mais elevadas do que se tem registrado e, em função disso, começa a haver uma maior necessidade de escoamento dos estoques. Com o fim do mês de agosto e da chamada safra de suíno, o segmento produtivo fica no aguardo de uma

avançagem nas vendas externas durante o último trimestre mediante a abertura de novos mercados. Também há expectativa em torno de um aumento no consumo per

capita brasileiro, o que requer uma forte estrutura de marketing por parte do setor. Oitavo no ranking mundial de produção da carne suína, o Brasil ainda tem consumo interno baixo. Enquanto a Dinamarca e a República Tcheca consomem 63kg per capita de carne suína/ano, o Brasil consome entre 9 e 9,5kg per capita.

FEIJÃO



Tamanho da safra do PR é uma incógnita

O clima seco do início de setembro atrasou o plantio de feijão em importantes regiões produtoras. No Paraná, os produtores fecharam o início do mês com cerca de 15% da área semeada, contra um plantio de 40% em igual período de anos anteriores. O atraso no plantio da safra das águas é visto com preocupação por técnicos do Departamento de Economia Rural (Deral), que não descartam a possibilidade de redução ou de transferência da área de feijão para o milho e a soja, principalmente na região sudoeste do estado, mais atingida pela estiagem. Por outro lado, salientam que, como o feijão vem reagindo de preço, o plantio pode confirmar as previsões iniciais de uma área próxima a 460 mil hectares.

Estimulado pela redução na safra do Nordeste em função da estiagem e da menor entrada de feijão argentino no mercado, o feijão carioca do Paraná subiu do patamar de R\$ 20,00/21,00 a saca, do início de agosto, para R\$ 39,00 de média no início do mês de setembro, com registro de negócios localizados a até R\$ 50,00 no período. O feijão-preto também registrou elevação, passando de R\$ 25,00/saca de 60kg do início de agosto para R\$ 34,00 de preço médio em igual período de setembro. "A chegada de outubro, mês típico de entressafra, aliada ao atraso da entrada da safra, que deveria chegar ao mercado a partir de setembro tende a continuar influenciando o mercado", comenta a técnica do Deral, Vera Zardo.

COMPARATIVO - SAFRA 98/99

Região	Área (mil ha)	Produção (mil t)		Produtividade* (kg/ha)
		Algodão em pluma	Caroço de algodão	
Norte	5,8	2,0	3,8	985
Nordeste	153,0	43,3	80,4	809
Sul	50,1	38,8	72,0	2,213
Sudeste	126,6	82,1	158,6	1,853
Centro-Oeste	361,2	359,6	621,8	2,844

Fonte: Conab/DIDEM

*Expressa em algodão em caroço

CARNE



Câmbio garante aumento nas exportações

A mudança proporcionada pelo câmbio realmente reverteu uma situação que poderia ser bem diferente da atual para o mercado de carnes. Em vez do País estar exportando poderíamos estar sentindo os reflexos de preços baixos, já que o produto importado poderia estar entrando no País ainda com custos baixos e um certo excedente não exportável permanecer disponível no mercado interno levando os preços do boi a patamares bem inferiores aos atuais.

Na verdade, nas atuais condições, se a demanda interna estivesse um pouco mais firme, representando um nível de emprego não tão baixo e um crescimento econômico um pouco maior, certamente os preços do boi já teriam registrado saltos por fatores de demanda. No entanto, não é esta a condição. O fator que hoje está equilibrando os preços do boi é realmente a demanda interna, já que existem fatores de suporte pelo mercado externo. O mercado está enxuto, com baixa disponibilidade, comercialização difícil e uma tendência permanente de alta. Porém, os preços esbarram na capacidade de compra da população. Com renda corroída pela elevação do custo de vida e das tarifas públicas, o poder de compra mostra-se mais reduzido e de menor acesso à classe média, principalmente. A queda na demanda de carne bovina neste ano, em favor das exportações parece ser um sinal mais do que evidente neste momento.

Este perfil da economia brasileira reflete diretamente no consumo de carnes e, em particular, na carne bovina. Qualquer sintoma de alta no boi acaba refletindo em alta na carne no atacado e, conseqüentemente, o varejo acaba trazendo ao consumidor final a realidade dos preços neste segmento. Neste ponto, aparece um outro fator negativo para os preços do boi, ou seja, a oferta recorde de carne de frango, com preços que praticamente não registraram correções em relação ao ano passado ou como conse-

qüência da desvalorização cambial. Esta oferta elevada de carne deverá permanecer até o final do ano e contrabalançar as deficiências de abastecimento na carne bovina.

Mercado aposta em altas

As condições do mercado de boi gordo foram um pouco modificadas no início do mês de setembro. Alguns fatores seguem como pontos fortes para a sustentação dos preços, como o bom ritmo de exportações e a dificuldade evidente de importar carne neste segundo semestre. Além disso, o volume equilibrado de bois confinados para esta entressafra mantém o mercado sustentado em termos de preços. Os fatores negativos para elevação mais assídua dos preços do boi estavam mais concentrados nos custos de confinamento, devido à alimentação registram preços altos neste ano, bem como no padrão de demanda do mercado interno, já que há muita oferta de carne de frango e qualquer alta nos preços da carne naturalmente induziria o consumo para as carnes alternativas. Mas a seca na região Centro-Sul realmente acabou sendo o fator surpresa nesta entressafra. Por um lado, forçou a venda no final de junho e início de julho. De outro, impede uma disponibilidade de boi de pastagem neste momento e compromete a entrada do gado da safra 2000 no final de novembro/dezembro.

Esta entressafra/99 tenderia, naturalmente, a preços firmes diante das condições de disponibilidade interna de boi e do volume elevado de exportações. Contudo, o clima vem sendo o fato novo nesta entressafra e adicionando fatores de alta sobre os preços do boi. Inicialmente, de-

vemos analisar as condições em que o mercado vem trabalhando ao longo de 99. As condições da safra 99 seriam de uma oferta um pouco maior no mercado interno, diante de uma leve recuperação na produção, já evidenciando um início de reversão de quadro cíclico de baixa oferta a exemplo de 97 e 98. Porém, a desvalorização cambial de janeiro último trouxe um impacto extremamente positivo em um segmento que já tendia a registrar um bom desempenho, ou seja, o segmento exportador.

No momento em que o Brasil se recuperava no comércio externo de carne bovina, aproveitando o vácuo deixado pela Argentina, bem como a melhor demanda norte-americana e européia, a desvalorização cambial acabou gerando um fator adicional à capacidade de exportação do País. Desta forma, de uma previsão inicial de 350/360 mil toneladas a serem exportadas em 99, passamos a estimativas de 460 a 500 mil toneladas. Um volume extremamente satisfatório e que está sendo responsável pelo enxugamento dos excedentes internos, possibilitando até que o mercado de boi corrigisse parte desta desvalorização cambial. Como não há expectativa de recuperação nas exportações argentinas no curto prazo, o Brasil seguirá com bom mercado exportador para este segundo semestre de 99 e também para o ano 2000. Por outro lado, ao mesmo tempo que as exportações reduziram os excedentes internos, os mecanismos de importação foram comprometidos tanto pela elevação dos custos em reais, como pela restrição feita às cartas de crédito de longo prazo. Estamos exportando mais e importando menos, o que deixa o mercado interno com o abastecimento mais ajustado e dependente dos fatores sazonais de oferta.

Fonte: Safras & Mercado

BM&F - EXPECTATIVA DE PREÇOS - SAFRA 99/2000 - BOI GORDO -

Período	Físico Preços 98/99 US\$/@	Boi Preços 99 US\$/à vista	Câmbio Proj. 99	Boi R\$ à vista	Boi R\$ a prazo
Setembro	24,78	18,50	1,8720	34,63	35,22
Outubro	24,08	19,85	1,8910	37,54	38,17
Novembro	24,13	19,50	1,9100	37,25	37,88
Dezembro	25,15	18,30	1,9100	34,95	35,55
Fevereiro	24,04	16,94	1,9100	32,36	32,91

Agora com as informações
do *SAFRASNET*
o produtor tem segurança
prá plantar e vender !

www.safRAS.com.br

Na internet, este é o endereço seguro dos agronegócios.

*Cotações agrícolas e financeiras • Previsões agroclimáticas
Análise de tendências do Mercado • Previsões de safras • Negócios
Planejamento comercial de soja, grãos, café, algodão, carnes
Comércio Interno e Externo • Ações, câmbio, open market e indicadores*

O
profissional
exige

SAFRASNET
A informação independente

**SAFRAS
&
MERCADO**

Av. Otávio Rocha, 115 / 11º 90020-151 - Porto Alegre - RS - BRASIL
Tel. (51) 224.7039 Fax (51) 224.9170
E-mail: safRAS@safRAS.com.br

Divulgação/SLC-John Deere



Maeda vai às compras

O Grupo Maeda, sediado em Ituverava/SP — principal produtor de algodão da América Latina e um dos maiores conglomerados mundiais do segmento — adquiriu, recentemente, um número expressivo de máquinas agrícolas da empresa SLC-John Deere, de Horizontina/RS. Foram 45 plantadeiras, 35 tratores SLC-John Deere 7500, 10 tratores John Deere 8300 e 10 colheitadeiras de algodão John Deere. Outras duas colheitadeiras de

algodão John Deere e dois pulverizadores autopropelidos John Deere 4700 foram comercializados para um prestador de serviços do Grupo Maeda. Todos os 104 produtos totalizaram uma compra de cerca de R\$ 10 milhões. A operação teve financiamento do Banco Agroinvest, instituição financeira do grupo norte-americano e participação da rede de Concessionários, em especial a Magnelson, autorizado da marca para a região.



Divulgação/Fiat

Fiat Strada ganha o exterior

A pick-up Fiat Strada já está sendo comercializada na Itália, Alemanha, Grécia, Portugal e Argentina. A previsão é fechar o ano com a comercialização de aproximadamente 10 mil unidades no mercado externo. Com o nível de segurança elevado até para os rígidos padrões europeus, o Fiat Strada que vem sendo vendido na Europa e Argentina é igual ao

carro produzido para o mercado brasileiro, diferenciado apenas nas opções de motorização. Em única versão de acabamento, o Fiat Strada exportado para o mercado europeu conta com os motores 1.2mpi e 1.7 Turbo Diesel. A gama de equipamentos opcionais também é a mesma, inclusive com airbag para motorista e passageiro.

Preparando as bodas de prata

Parada obrigatória na Expopinter para quem gosta de uma boa leitura, principalmente quando o assunto é agribusiness, a Livraria e Editora Agropecuária (LEAL), sediada em Guaíba/RS, já iniciou os preparativos para as bodas de prata na feira do próximo ano. Serão 25 anos de participação ininterrupta no evento. O estande da edi-

tora é um ponto cultural tradicional, por onde circulam autores, especialistas, autoridades, jornalistas e técnicos ligados à atividade primária. Segundo Astrid Trennepohl (na foto abaixo), diretora da empresa, a Livraria conta hoje com um mailing de mais de 150 mil nomes e cerca de 2.000 títulos disponíveis para a venda.



Embrapa e Sansuy apostam na parceria

A Embrapa Pecuária Sudeste, de São Carlos/SP, e a empresa Sansuy Indústria de Plásticos, de São Paulo/SP assinaram, recentemente, um contrato de cooperação técnica. A Sansuy vai fornecer à Embrapa alguns produtos para uso em pesquisas, como cochos plásticos, lonas para cobertura de silos, coberturas plásticas, telas de proteção para casas de vegetação etc. Além disso, a empresa também irá patrocinar publicações, vídeos de divulgação, dias-de-campo, convites de

leilões da Embrapa etc. O contrato assegura exclusivamente à Embrapa todos os direitos de exploração econômica, no caso das pesquisas que utilizarem estes materiais resultem em inovações, aperfeiçoamentos ou inventos.

Na foto abaixo, a assinatura do convênio: Takeshi Honda, presidente da Sansuy; Aliomar Gabriel da Silva, chefe-geral daquela unidade da Embrapa; e Yasuyuki Hirasaki, assessor comercial da presidência da Sansuy.



Divulgação



Pequeno-grande destaque do Prêmio Gerdau

O microtrator Agrale 4100 HSE, de 15cv, foi a grande vedete da Expointer 99. Vencedor do Troféu Ouro, na categoria Destaque, do Prêmio Gerdau Melhores da Terra, a máquina, lançada em 1968, ainda é um sucesso de vendas da Agrale S.A., de Caxias do Sul/RS. Nestes 31 anos, a empresa já comercializou 33.500 unidades em todo o País. Na pesquisa feita pela comissão julgadora do prêmio, a opinião dos pequenos produtores — principais usuários do produto — foi unânime quanto aos requisitos como praticidade, confiabilidade e segurança do produto. A Agrale é líder nacional no segmento de tratores leves.

Estes são os demais vencedores do Prêmio Gerdau:

Categoria Destaque:

— Troféu Prata

* Yanmar do Brasil S.A., de Indaiatuba/SP

Produto: motor diesel estacionário NSB 95 (R)

* Tecno Moageira Ltda., de Porto Alegre/RS

Produto: Máquina de pré-limpeza e limpeza de grãos TM-MPL-56/300x150/E-V

Categoria Novidade:

— Troféu Ouro

* AGCO do Brasil Comércio e Indústria Ltda., de Canoas/RS

Produto: colheitadeira de grãos MF 38

— Troféu Prata

* Kepler Weber industrial S.A., de Porto Alegre/RS

Produto: secador contínuo de fluxo misto KW-DRM

* Sfil - Industrial Agrícola Importação e Exportação Ltda., de Ibirubá/RS

Produto: semeadora-adubadora SEMBRA 2000

Prêmio Especial Equipamento Importado

* Valtra do Brasil S.A., de Mogi das Cruzes/SP

Produto: trator Valtra-Valmet 8550 HI TECH

A carne vai ser melhor estudada

Criada, recentemente, a Associação Brasileira de Ciência de Carnes (ABCC). Segundo o presidente da ABCC, Pedro Eduardo de Felício, da Faculdade de Engenharia de Alimentos da Unicamp de Campinas/SP, a associação não está sendo criada apenas para a publicação de artigos, mas sim para agir, ter posicionamento diante do governo. A ABCC tem como objetivo congrega os pesquisadores em carnes de todo o Brasil,

buscando, dessa forma, formar uma massa crítica e atuante no sentido de exigir melhorias para o setor e obter uma imagem de grupo representativa diante dos demais países. A associação carrega também o compromisso de organizar eventos, que permitam o encontro de pesquisadores, estudantes e demais profissionais envolvidos com a tecnologia de carnes. Informações pelo fone (19) 234-0776, ou pelo e-mail: soleil@correionet.com.br.



Divulgação/Cummins

Novo endereço da Cummins no Sul

A Distribuidora Meridional de Motores Cummins comemorou seus 25 anos de atividades com a inauguração de suas novas instalações, localizadas na Zona Norte de Porto Alegre (Av. Assis Brasil, 9.000). A empresa — comandada por Pedro Affonso Solheid e Diderot Menegassi Velloso — é considerada uma das maiores distribuidoras de motores automotivos, agrícolas, industriais e marítimos da marca Cummins em todo o País. O novo prédio possui uma área total de 3.000m² e está

instalado em um terreno de 20.000m². O investimento feito gira em torno de US\$ 1,5 milhão em instalações, ferramental e equipamentos de informática que, acrescidos ao capital de giro, envolvido na operação, ultrapassa US\$ 2 milhões. Além do mercado da Região Sul, a Meridional poderá atender também a seus clientes do Mercosul. O ato de inauguração contou com a presença do presidente da Cummins Latino-Americana, Ricardo Chuahy; e do diretor comercial Yoshio Kawakami.

Anote aí

ACONTECE nos dias 21 e 22 de outubro o 1º Congresso Brasileiro de Comunicação em Agribusiness e Meio Ambiente (Agricom), em São Paulo/SP. Entre os temas a serem debatidos estão 'Pesquisa: os transgênicos na mídia brasileira', 'Os desafios do marketing rural', entre outros. Maiores informações pelo fone (11) 3865-6327, ou e-mail contexto@dialdata.com.br.

A ESCOLA Agropecuária de Rosário do Sul/RS, da Fundação Bradesco, promove, nos dias 25 a 29 de outubro, o 'Curso de Administração Rural'. O evento será ministrado pelo veterinário e especialista em Administração Régis Gonçalves. Pormenores pelo fone (55) 506-2047.

ENTRE os dias 16 de outubro e 27 de novembro, a Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz (Fealq), em Piracicaba/SP, realiza o 2º Curso de Extensão em Geologia e Solos de Estado de São Paulo. Outras informações pelo fone (19) 429-4339.

A EMBRAPA Recursos Genéticos e Biotecnologia (Cenargen) oferece, no período de 21 a 26 de novembro, o II Simpósio de Recursos Genéticos para América Latina e Caribe. O encontro, que acontece em Brasília/DF, irá debater a conservação e o uso dos recursos genéticos vegetais, animais e de microorganismos. Detalhes pelo fone (61) 348-4769, ou e-mail genebio@cenargen.embrapa.br.

Atenciosamente,

Supervisor

Gerente

Diretor

Superintendente

Vice-presidente

Presidente

PARA ENTRAR NA LISTA ACIMA, TALVEZ SEJA IMPORTANTE VOCÊ ASSINAR ANTES AQUI.

ASSINATURA JC

R\$ 3,00
POR SEMANA

- DECIDA QUANTO PAGAR:** nº de semanas x R\$ 3,00.
- DECIDA O TAMANHO DA ASSINATURA:** escolha o nº de semanas.
- DECIDA O LOCAL DE ENTREGA:** casa ou escritório.
- DECIDA A FORMA DE PAGAMENTO:** débito em conta ou cartão.

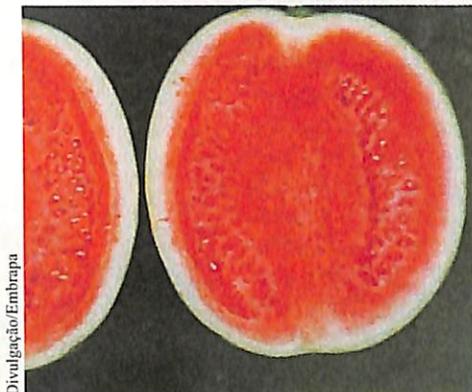


DECIDA AGORA MESMO. LIGUE: (051) 133

Jornal do Comércio
O jornal de quem decide.

Melancia sem sementes para o semi-árido

No próximo ano, estará à disposição dos consumidores brasileiros uma variedade híbrida de melancia sem sementes, adaptada às condições ambientais do solo semi-árido nordestino. A produção de melancia sem sementes é incipiente no Brasil. As variedades disponíveis no mercado são de origem norte-americana ou japonesa. O mais difícil a pesquisa conseguiu: 10 linhagens que, cruzadas, irão gerar frutos sem sementes. Há linhagens com frutos de diferentes tamanhos e resistentes ao oídio, uma doença que ataca as folhas da melancia no final do ciclo, quando os frutos estão completando a maturação. Estas linha-



Divulgação/Embrapa

gens podem produzir vários híbridos de melancia sem sementes.

Medidor de perdas e produtividade

A empresa MIAC — Máquinas e Implementos Agrícolas Colombo, de Pindorama/SP — em parceria com a Embrapa Arroz e Feijão, de Santo Antônio de Goiás/GO, oferecem aos produtores o copo medidor de perdas e de produtividade na colheita do feijão. Segundo o fabricante trata-se de um método eficiente e rápido. A MIAC se propõe a enviar, gratuitamente, o copo medidor para os agricultores que tiverem interesse. Os pedidos podem ser feitos pelo fone 0800-175155 e (17) 572-1011. Ou, então, pelo seguinte endereço: rua Prudente de Moraes, 273, CEP 15830-000, Pindorama/SP. O e-mail da empresa é: colombo@zup.com.br.

Melhoramentos para suinocultura

A Cooperativa Central do Oeste Catarinense Ltda. (Aurora), de Chapecó/SC, e a Embrapa Suínos e Aves, de Concórdia/SC, estão trabalhando em conjunto na produção de fêmeas hiperprolíficas. São animais que produzem de dois a quatro leitões a mais por leitegada. Quando a média situa-se em 10 leitões, os animais hiperprolíficos produzem de 12 a 14 leitões por leitegada. Para desenvolver este trabalho foram escolhidas as raças landrace e large white. O objetivo final do trabalho é produzir fêmeas F1, originárias do cruzamento de machos e fêmeas large white e landrace das linhas hiperprolíficas. A Embrapa e a Aurora estão trabalhando para que as primeiras fêmeas F1 hiperprolíficas possam chegar aos produtores de suínos terminados no final do ano 2000. Resumindo, os produtores terão capacidade, com o mesmo número de matrizes, produzir quantidade de quilogramas de carcaça por porca por ano, aumentando o retorno econômico de sua criação de suínos.



Arroz com alto rendimento industrial

O Instituto Agrônomo de Campinas (IAC) lançou um novo cultivar de arroz irrigado, o IAC 103. Com uma produtividade de seis a sete mil kg/ha, o novo cultivar apresenta um rendimento, em escalas comerciais, de 55% a 60% de grãos inteiros, o que demonstra sua superioridade em relação aos cultivares já lançados pelo Instituto. O cultivar IAC

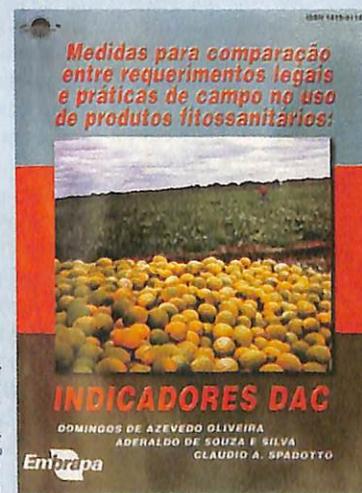
103, além de apresentar uma boa qualidade culinária, um bom potencial de emissão de soqueira. Também foi observado em lavouras comerciais menor necessidade de adubação nitrogenada, além do bom desenvolvimento inicial que associado à algumas práticas de cultivo, segundo produtores, tem contribuído para o controle eficiente de plantas daninhas.

Publicação a serviço do produtor

A Embrapa Meio Ambiente, de Jaguariúna/SP, lançou, recentemente, uma publicação com estudos que propõe um modelo matemático para relacionar as prescrições legais e o uso real de defensivos agrícolas. É o “Indicadores DAC (Defensivos Agrícolas Aplicados com Ciência), que traz o índice de princípio ativo, de pulverização e de cultura, além do indicador de qualidade. De acordo com os autores — Domingos de Azevedo Oliveira, Aderaldo Silva e Cláudio Spadotto — o uso de defensivos deve ser sempre baseado em indicações científicas. Trata-se de uma ferramenta tecnológica útil na definição da probabilidade dos alimentos produzidos terem, ou não, resíduos de defensivos.

A propósito, todo e qualquer produto químico manuseado pelo agricul-

tor deve ter a assistência do engenheiro agrônomo. Só ele pode emitir o receituário agrônomo, documento indispensável para uso e manipulação de defensivos. Para adquirir a publicação, o fone é (19) 867-8750, ou pelo e-mail edis@cnpm.a.embrapa.br.



Divulgação/Embrapa



■ Potência na colheita de forrageiras

A colheitadeira de forragem autoprope-lida FX38, da New Holland, é uma máqui-na equipada com motor turbo intercooler, com 414cv, de seis cilindros. O mecanis-mo de corte atinge 76,20cm e está equipa-do com facas chanfradas e reversíveis. O sistema de afiação das navalhas e ajusta-dor de barra de corte "Adjust-O-Matic" melhora a qualidade do corte graças ao ajuste automático durante o trabalho. A colheitadeira consegue aproveitar a potência ao má-ximo, evita embuchamentos nos rolos de alimentação, produzindo material picado de tamanho uniforme. A velocidade de traba-lho é variável e atinge até 35km/h. New Holland Latino-Americana Ltda., Av. Juscelino Kubitscheck de Oliveira, 11825, CEP 81450-903, Curitiba/PR, fone (41) 341-7111.

■ Eficiência e precisão em pulverização

O pulverizador KO 600-IH-14X12-Hi-dráulico é um equipamento com comando de acionamento que permite ao operador realizar todas as operações de trabalho sem sair do trator. Possui barras de chegam a 12m, comando master que permite a regula-gem da pressão e da vazão de ambos os lados, não alterando-os, caso haja inter-ruptão de um dos lados da barra. Os bi-cos aspersores são dotados de válvulas antigotejo e serpentina em aço inoxidá-vel. K.O. Máquinas Agrícolas Ltda., Av. Major Hilário Tavares Pinheiro, 2300, CEP 14870-000, Jaboticabal/SP, fone (16)322-1625.



■ Gigante para o plantio de grãos pequenos

A semeadora-adubadora 3244, da Fankhauser, é uma máquina de grande porte especial para o plantio de trigo, pas-tagem e, especial-mente, arroz, tanto nos sistemas de plan-tio direto como con-venção. Com 44 linhas, o equipamen-to requer trator com potência de 180cv. Seu peso é de 7.030kg. O espaçamento entre as linhas é totalmente regulável. As máquinas são equipadas com válvulas de autobalanceamento do fluxo de óleo, para assegurar seu levante homogêneo. O modelo 3244 é autotransportável, poden-



do transitar por estradas da propriedade, passar porteiros, pontes, sendo também facilitado seu acesso a galpões. **Indús-tria de Máquinas Agrícolas Fankhau-ser Ltda., Av. Mauá, 2092, CEP 98940-000, Tuparendi/RS, fone (55) 543-1108.**

■ Esta é especial para terrenos alagados

Desenvolvida es-pecialmente para o preparo de solos des-tinados ao cultivo de arroz pré-germinado, a enxada ER400B, da Mec-Rul, possui lar-gura de corte de 4,10m, peso de 840kg e 16 flanges. O equi-pamento vem com 96 lâminas e exige trator com potência de 105cv. A máquina sai montada de fábrica, com embreagem de disco de fricção e eixo cardan. **Rugeri Mec-Rul S.A., BR 116, km 153,2, CEP**



95080-050, caixa postal 197, Caxias do Sul/RS, fone (54) 213-2244.

■ Potencializando a semente de soja



O inoculante em pó para soja Rhizofix, da Nital Urbana, é um fertilizante biológico composto de bactérias do gênero *Bradyrhizobium japonicum*, que associam-se às raízes da planta, formando nódulos. Através destes nódulos a raiz absorve o ni-trogênio do ar o fornece à planta. Como benefí-cios, a inoculação apresenta: maior rendimento de grãos, enriquecimento do solo com nitrogênio fi-xado, menor custo de produção e mantém a ferti-lidade do solo. **Nital Urbana, Rua Rio Piquiri, 650, CEP 83322-010, Pinhais/PR, fone (41) 867-3456.**

■ Segurança no momento de irrigar

O sistema Turbo-maq de irrigação modelo 50FS 150, da Irrigabrazil, é um equipamento seguro e de fácil operação: basta desenrolar a mangueira com o auxílio de um pequeno trator. A própria água que vem na motobomba vai fazer a irrigação e que, passando por uma turbina hidráulica, vai fornecer a energia para o recolhimento na mangueira. A velocidade é facilmente controlada por um painel eletrônico. Irrigabrazil



Sistemas de Irrigação, Rua Porecatu, 233, CEP 83325-150, Pinhais/PR, fone (41) 868-2334.

■ Nova plataforma para a colheita de milho

Projetada para colheita de milho, nas dimensões de 7,8 e 9 linhas, a plataforma Vence Tudo 8-LM, da Vence Tudo, pode ser acoplada em colheitadeiras de qualquer marca. Versátil, o equipamento é também encontrado nas versões para 3, 4, 5 e 6 linhas. Vence Tudo Imp. Exp. Ltda., RS 223, km 53, CEP 98200-000, Ibirubá/RS, fone (54) 324-1169.



■ Precisão alemã na fase de plantio

Projetada para operar dentro do conceito de agricultura de precisão, a semeadora de precisão pneumática negativa com preparo mínimo RP-ED 301, é uma máquina importada da Alemanha que promete revolucionar o plantio, tanto direto como convencional. A ED 301 planta até 10 linhas de soja, trigo, milho e outras culturas de grãos pequenos. O sistema negativo permite que o grão chegue ao solo sem correr o risco de falhas no plantio. Amazone do Brasil, Rua Borges de Medeiros, 475, CEP 95900-000, Lajeado/RS, fone/fax (51) 710-1839.



■ Engate rápido e sem sujeira

O Easy Connector, da AGMA, é um engate rápido macho que garante simplicidade e segurança no momento da conexão, sem sujeira ou ponteiros danificados, o que normalmente acontecia com a utilização do martelo. O Easy Connector é ajustado em qualquer terminal fêmea padrão mesmo quando houver pressão na mangueira. AGMA - Componentes Agrícolas Ltda., Rua Padre Diogo Feijó 628, CEP 90240-421, Porto Alegre/RS, fone (51) 374-7040.

■ Transporte sem danos aos grãos

Os elevadores de canecas contínuas Rota complementam a linha de transporte de sementes e grãos da Silomax. Eles estão disponíveis em modelos simples e duplos, com capacidade que varia entre 10 a 30t/h e se caracteriza pela descarga por gravidade das sementes, evitando danos aos grãos. Os elevadores possuem estrutura totalmente metálica e aberta com total visualização. Silomax Ind. Com. Ltda., BR 369, km 166, CEP 86192-170, Cambé/PR, fone (43) 254-1001.



■ Pivô para pequena propriedade

O minipivô Fockink, com 2,5m de vão livre, é ideal para pequenas lavouras de até 20ha. A tecnologia é semelhante aos grandes equipamentos da companhia, que apresenta, entre outras coisas, sistema que permite o desligamento do canhão em área pré-determinada; controle de demanda em horário de pico, que impede que o equipamento seja ligado neste período; religação automática após parada; e eliminação de paradas por variação de tensão. As torres são totalmente em aço zincado altamente resistente. **Fockink Divisão**



Irrigação, Rua da Holanda, 123, CEP 98280-000, Panambi/RS, fone (55) 375-4422.

■ Livre de carrapatos, pulgas e piolhos

Mytrax é o novo carrapaticida, sarnicida e piolhícida da Schering-Plough destinado ao tratamento de bovinos, ovinos, suínos e cães. À base de amitraz (12,5), o produto elimina as formas adultas e larvas das pulgas, ácaros e carrapatos, mesmo aqueles que já desenvolveram resistência aos organofosforados, clorados e piritróides. O Mytrax vem em embalagens de 1,2 litro e deve ser aplicado em banhos de pulverização ou banheiros de imersão, levando em conta o receituário para cada animal. **Indústria Química e Farmacêutica Schering-Plough S.A., Rua Alexandre Dumas, 2220, 8º andar, CEP 04717-004, São Paulo/SP, fone (11) 5181-7005.**



■ Pra conservar o terreno bem-nivelado

O Starplan 5000, com kit nivelador e desentapador, foi desenvolvido especialmente para áreas de várzea e arroz irrigado. As lâminas frontais antes dos pneus permitem aos mesmos rodarem sempre numa mesma condição, proporcionada pelo rompimento dos desníveis do solo (taipas) e pelo pré-acabamento, evitando as ondulações que o pneu sofre rodando em posição normal. O equipamento pode ser utilizado também como uma patrôla. **Stara S.A., Indústria de Implementos Agrícolas, Av. Stara, 519, Caixa Postal 54, CEP**

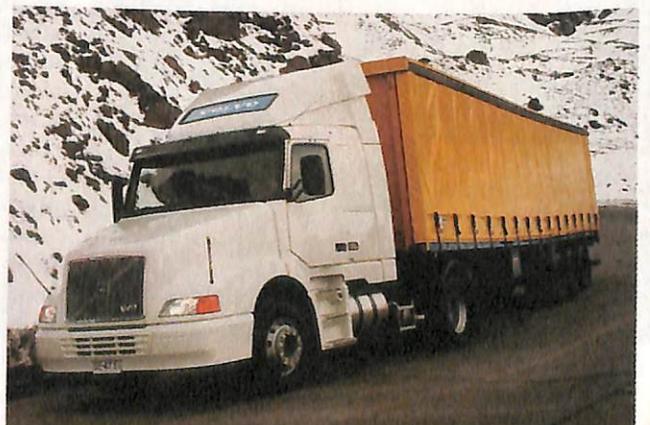


99470-000, Não-Me-Toque/RS, fone (54) 332-1822.

■ Os caminhões do novo milênio

Está chegando ao mercado a nova linha de caminhões H, da Volvo, composta pelos modelos NH12 (foto) e FH12. Com design moderno, motor totalmente eletrônico, computador de bordo, suspensão a ar, piloto automático, cabine com "célula de sobrevivência", além de inovações em conforto, segurança e desempenho, os novos caminhões representam a mais moderna tecnologia em transporte de cargas disponível na América do Sul. O NH12 possui motor de 380 e 420cv. **Vol-**

vo do Brasil Veículos Ltda., Av. Juscelino Kubitschek de Oliveira, 2.600, CEP 81260-900, Curitiba/PR, fone (41) 317-8633.



■ Novas medidas dos pneus Pirelli

Indicados para tratores e colheitadeiras, os pneus TM 95, da Pirelli garantem excelente tração em terrenos de coxilha, além de autolimpeza, gerando maior comodidade ao operador. Recentemente, a empresa lançou a medida 16.9-28 e 8 PR (lonas), uma nova versão do TM 95. **Pirelli Pneus S.A., Av. Giovanni Battista Pirelli, 871, CEP 09110-030, Santo André/SP, fone (11) 715-5681.**



■ Tratores para fruticultura e horticultura

Já estão no mercado as novas versões dos tratores SLC-John Deere 5600 e 5700 destinados à fruticultura e horticultura. São máquinas de 75cv e 85cv, respectivamente, 4x2 e 4x4, que apresentam algumas modificações em relação aos modelos standar. A versão fruteira tem rodados mais baixos, escapamento horizontal, ausência de capota e paralamas com *design* especial. O modelo hortícola vem com novo desenho do tanque de combustível, a direção é de centro fechado, facilitando a manutenção



do trator em linha reta, e a bitola do rodado também é diferente. SLC-John Deere S.A., Av. Dr. Jorge Logemann, 600, CEP 98920-000, Horizontina/RS, fone (55) 537-1322.

■ Sementes de oleaginosas bem-tratadas

Recomendado para o tratamento de sementes de soja e feijão, o Wuxal CoMo, da AgrEvo, é um produto que contém em sua formulação 3% de cobalto (essencial para a formação de vitamina B12, vital para a bactéria *Bradyrhizobium japonicum*); e 15% de molibdênio, indispensável na formação das enzimas nitrogenase e a redutase do nitrato. O Wuxal CoMo proporciona um desenvolvimento mais vigoroso e deve ser aplicado a uma proporção de 100 a 140 ml/ha ou por via foliar de 15 a 20 dias após a germinação, na dosagem de 140ml/ha. AgrEvo do Brasil, Av. Nações Unidas, 18001, CEP 04795-900, São Paulo/SP, fone (11) 5683-7534.



■ Economia no tratamento parasitário

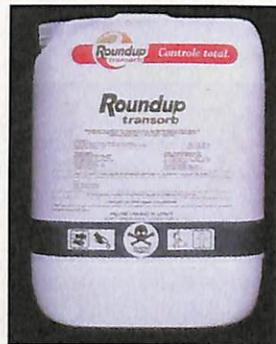
Disponível em frascos de até 500ml, a Abamectin 1% Agener é indicada para o tratamento de verminoses em bovinos de todas as idades. Trata-se de um medicamento genérico que pode ser utilizado em dobradinha com a ivermectina em bezerros. O pecuarista tem a vantagem de poder utilizar apenas a abamectina no tratamento de animais adultos, diminuindo, dessa forma, os custos de produção. Agener Indústria e Comércio Ltda., Rua Capitão Macedo, 438, CEP 04021-020, São Paulo/SP, fone (11) 575-2569.

■ Maior rendimento de grãos na colheita

A plataforma de corte 1052, da Case, é adaptável na colheitadeira Axial Flow 2388 e é destinada a culturas como arroz e trigo. O equipamento apresenta sistema de alimentação com esteiras de borracha que substituem o sem-fim (plataformas convencionais) no transporte da cultura para interior da máquina. Como resultado, o fluxo de material na plataforma é mais uniforme, fazendo com que as plantas entrem no sistema de trilha na mesma posição, ou

■ Monsanto lança mais um Roundup

A Monsanto acaba de incorporar mais um produto à conhecida família Roundup. Trata-se do Roundup Transorb, um herbicida que é absorvido pelas plantas daninhas em 60 minutos.



A rapidez na absorção representa segurança para quem faz o controle de plantas infestantes no período das chuvas, quando há orvalho, ou em altas e baixas temperaturas. Isso evita atrasos no preparo das lavouras anuais na estação das águas. Monsanto do Brasil Ltda., Rua Paes Leme, 544, 14º ao 16º andar, CEP 05424-904, São Paulo/SP, fone (11) 817-6233.

seja, com os grãos voltados para a frente. A largura de corte é de 21 pés (6,4m). Case Brasil & Cia., Av. Jerome Case, 1801, CEP 18087-370, Sorocaba/SP, fone (15) 235-4000.



Os ricos se protegem bem mais

A agenda internacional deste ano prevê negociações extremamente importantes para o País, ainda mais em época de aperto das contas externas, com um saldo comercial que insiste em não decolar apesar da desvalorização cambial. A reunião dos presidentes do Mercosul e da União Européia ocorrida no final de junho inicia um lento processo de aproximação visando a constituição de uma zona de livre comércio entre estas regiões. Paralelamente, prosseguem as mornas reuniões preparatórias da ALCA. No final do ano, começa a Rodada do Milênio da Organização Mundial de Comércio, em Seattle, Estados Unidos, envolvendo difíceis negociações multilaterais com cerca de 130 países.

É certo que o comércio agroindustrial vai ocupar espaço central em todas essas negociações. Grande ausente dos movimentos de globalização e livre comércio das nações, o agronegócio certamente é a área onde impera o mais deslavado grau de hipocrisia por parte das nações hegemônicas. Foi ele o principal tema que emperrou, por sete anos, a conclusão da Rodada Uruguai do GATT, o antigo acordo multilateral de tarifas e comércio, que em 1993 se transformou na OMC.

Para melhor entender a importância das negociações que se iniciam, vejamos alguns exemplos concretos de práticas protecionistas correntes dos nossos principais "parceiros" comerciais.

O governo norte-americano fixou preços mínimos garantidos até 2.002 para a soja na faixa de US\$ 10,9 a 11,6 por saco. Enquanto neste ano o mercado pratica os menores preços dos últimos 23 anos (abaixo de US\$ 9,7/sc), os EUA estarão colhendo uma safra recorde de soja de quase 80 milhões de toneladas e repassando o custo do ajuste da oferta para o Brasil e a Argentina. A diferença entre o preço doméstico garantido e o preço



Marcos Sawaya Jank é assessor especial do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio e professor da USP

mundial custará US\$ 1,7 bilhão para aquele governo em 1999, sem contar gastos adicionais de mais de US\$ 1 bilhão na forma de crédito subsidiado e programas de ajuda alimentar de exportação dos excedentes para o Terceiro Mundo. Recordemos que o complexo soja responde sozinho por cerca de 10% das exportações brasileiras.

Para entrar nos EUA, o açúcar e o fumo brasileiros estão limitados a reduzidas cotas de importação. O suco de laranja exportado para aquele país paga um imposto específico equivalente a cerca de 50% do valor do produto. O peito de frango paga 78% de imposto para entrar na Europa, e a pequena cota de 7,1 mil toneladas obtida no GATT sequer é respeitada, já que cerca de 300 operadores europeus se apoderam do diferencial tarifário (cerca de US\$ 11 milhões) que deveria pertencer ao Brasil. E, por causa de um surto de peste suína controlado há mais de 20 anos, o Brasil não consegue exportar este tipo de carne para a Europa e os EUA.

Como regra geral, quando não são literalmente proibidas, as exportações agroindustriais brasileiras estão sujeitas a tarifas altíssimas, reduzidas cotas de importação ou ao perverso mecanismo da "escalada tarifária" (tarifas baixas para

matérias-primas agropecuárias e altas para os produtos elaborados). As palavras-de ordem que marcam o cotidiano da agricultura na maioria dos países desenvolvidos são: preços de sustentação administrados pelos governos, restrições às importações (cotas remanescentes, picos e escaladas tarifárias), barreiras técnicas (sanitárias, de qualidade e agora também "ambientais" e "sociais"), formação de estoques públicos, ajudas diretas aos produtores, salvaguardas especiais, compras governamentais e comércio dominado por monopólios públicos e privados. Fechando o ciclo da proteção,

os inevitáveis excedentes formados são exportados por meio de abundantes subsídios e créditos governamentais de longo prazo, acompanhados de um discurso hipócrita onde se afirma que tais ações estariam contribuindo para a redução da pobreza no Terceiro Mundo!

Para melhor entender a dimensão do protecionismo internacional, é preciso conhecer os principais instrumentos de política agrícola e de comércio exterior dos nossos maiores parceiros. Neste sentido, o principal importador de produtos brasileiros é a União Européia, bloco que responde por quase metade das nossas exportações agrícolas e agroindustriais. Saliente-se que nos produtos em que o bloco europeu não é o grande cliente brasileiro, ele se posiciona como grande competidor (açúcar e frangos, por exemplo). Daí ser fundamental o entendimento da dinâmica dos subsídios e protecionismos daquele continente e seus impactos sobre o Brasil e o Mercosul, assunto para ser detalhado em outra oportunidade em função do curto espaço desta seção.

O protecionismo agrícola mundial, como se pôde perceber pelo exposto acima, ilustra muito bem a cruel lógica da globalização, que só é praticada globalmente nos belos discursos que povoam a mente dos incautos. ■


Motto
 Mundial
 500 m
 Norma Brasileira NBR 617/83
 Corde de 19 fios (incluindo 3 fios) Classe 500
 Galvanização: Cimento e Zinco 300 g/m²
3 VEZES MAIS ZINCO
 Composto pronto
 Diâmetro dos fios: 1,00 mm
 Distância entre fios: 150 mm
 Peso líquido: 21 kg

NÃO DEIXA PASSAR NADA. NEM O TEMPO.




3x ZINCO
DURA MUITO MAIS

Motto® dura muitos e muitos anos porque tem 3 vezes mais zinco que os arames comuns. **Motto® Mundial. Cercou, tá cercado.**

Disque Belgo Bekaert: 0800 31-3100 www.belgobekaert.com.br

* Mourões tratados CAF.

Arames de Qualidade



Produtor de futuro não é pequeno, nem médio, nem grande.



É produtor eficiente.



Tratores, colheitadeiras, máquinas de plantio, cultivo e de feno e forragem. Se você é pequeno, médio ou grande produtor, trabalhe com a marca que oferece a mais completa linha de máquinas agrícolas do Brasil e garanta soluções sob medida para cada necessidade da sua fazenda. New Holland é tudo o que você precisa para produzir melhor.

**Nunca foi tão fácil ter o melhor trator.
Conheça o Plano New Holland Total no seu concessionário.**

**Faça como o mundo inteiro.
Conte com a New Holland.**



NEW HOLLAND

www.newholland.com/br